

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
INSTITUTO DE HISTÓRIA – INHIS**

ALESSA NARA FORTUNATO PENA

Experiências de aprender e ensinar história com O conto da Aia de Margaret Atwood

UBERLÂNDIA-MG

2024

ALESSA NARA FORTUNATO PENA

Experiências de aprender e ensinar história com O conto da Aia de Margaret Atwood

Monografia de conclusão de curso apresentada ao Instituto de História da Universidade Federal de Uberlândia, como requisito parcial à obtenção do título de Licenciatura em História.

Orientador: Prof. Dr. Gilberto César de Noronha

UBERLÂNDIA-MG

2024

ALESSA NARA FORTUNATO PENA

Experiências de aprender e ensinar história com O conto da Aia de Margaret Atwood

Monografia de conclusão de curso apresentada ao Instituto de História da Universidade Federal de Uberlândia, como requisito parcial à obtenção do título de Licenciatura em História.

Orientador: Gilberto César de Noronha

Uberlândia, 23 de abril de 2024.

Banca Examinadora

Prof. Dr. Gilberto César de Noronha
(orientador)

Prof. Dra. Ana Flávia Cernic Ramos
(examinador)

Prof. Dr. Gustavo de Souza Oliveira
(examinador)

Agradecimentos

Nasci num dia dezanove do mês nove. Aos cinco anos de idade fui para escola - chorei por 3 meses seguidos, mas, depois de um tempo me apaixonei. Mas nunca gostei das aulas de língua portuguesa. Se não me falha a memória, aos oito anos conheci a biblioteca municipal da minha cidade, conheci então o mundo fantástico da literatura. Aos quatorze anos escrevi meu primeiro livro, para mim mesma. Aos dezesseis, fui representante do ECA do município da minha cidade. Calço 35, meço 1,58m, sou ruiva natural e por pudor não falarei meu peso. Leio mais de trinta livros por ano (não contabilizo os acadêmicos, é claro!), é muito menos do que gostaria. Gosto de jogar videogame, mas gosto ainda mais de passar o dia todo lendo. Tenho duas cachorras que me têm. Assisto seriados com devoção. Adoro conhecer livrarias, Amo cozinhar, pra mim é terapêutico e amo viajar - sobretudo se for pra visitar 'coisa velha'.

O parágrafo anterior me define. Mas o seguinte também, e eu gosto mais dele:

Formei no Ensino Médio em 2019. Estou me graduando em 2024. Se tudo der certo farei mestrado em 2025.

Na verdade, este parágrafo define principalmente os últimos 8 anos da minha vida (contando com o início do Ensino Médio). Definiu quem eu era nesses oito anos.

Por quê?

Por que eu abri mão de viagens para estudar. Por que eu abri mão de rolês para estudar, porque abri mão de empregos para estudar. Porque passei a noite em claro e tive indigestão com café para estudar. Porque aceitei medicar a ansiedade para conseguir estudar melhor. Porque adquiri tendinose por passar noites e noites digitando páginas e páginas que, após revisão, foram deletadas.

Porque tornei-me uma pessoa extremamente ansiosa ao ponto de dar bolhas nos dedos e no pulso, por causa do stress por tentar me inserir em todos os âmbitos da universidade.

Porque li muitos livros teóricos maravilhosos e li outros que quase me levaram para a terapia (White, Derrida que os digam).

Porque deixei de sair com amigos - perdi muitos amigos, inclusive.

E céus, como eu lutei, como eu batalhei, o cansaço, a desilusão, o cansaço, a desistência, o cansaço, a covardia, o cansaço. Ah! Este último, devido ao ritmo louco em que passei toda a minha graduação, sendo o primeiro semestre feito em apenas 13 semanas em um sistema de aulas especiais devido ao período pandêmico e que agora nessa reta final, transformou-se em três semestres em um ano.

Não houve um dia em que não tive que fazer escolhas: preparar aula, ler texto base da disciplina, escrever uma página do artigo ou do relatório da pesquisa? Estudar para a aula da noite ou terminar a revisão do artigo e enviar para o famigerado orientador? Dormir ou ler mais um livro? Fazer um miojo para ganhar mais tempo nas leituras ou sair com os amigos?

Então, se você me perguntar se fiz História, antes de qualquer coisa, será preciso que eu lhe responda que fiz escolhas. Essas escolhas tornaram-me quem eu sou hoje. Sou um título? Não! Sou um diploma na parede? Não. Sou uma pessoa que optou por passar 8 anos estudando o que amava porque amava fazer o que fazia e que pretende continuar fazendo o que ama.

Talvez eu deixe de jogar videogame. Pode ser até que eu leia menos do que trinta livros por ano. Pode ser também que um dia eu me canse de viajar. Algumas coisas que me definiam no primeiro parágrafo, podem um dia não me definirem mais. Mas, o que me define no terceiro, isso, nunca vai mudar. Não apenas porque são títulos que não se perdem, mas porque foram títulos conquistados com suor, esforço e sobretudo com amor.

Mas de vez em quando sinto-me obrigada a pedir desculpas por eles. E confesso, sem pudor algum, que amo o que eu faço e tenho consciência que pode sair muita coisa meia boca por estar apenas na graduação, mas, desde quando entrei tenho um objetivo traçado, me tornar professora universitária por gostar da metodologia desse universo.

Entretanto, já recebi críticas de várias pessoas: “mas para que você estuda tanto? Só está na graduação?!”; “mas para que fazer licenciatura já que você quer dar aula é na faculdade?” “nossa, mas você já tem tudo isso em artigo publicado, o que vai restar para o mestrado e doutorado”?

Parece que ter graduação, neste país, tornou-se um peso, não um título. Se eu espero aplausos? Não, de forma alguma. Se quero ganhar mais dinheiro? Talvez, mas não segui esse caminho pensando nele. Fosse o dinheiro realmente importante para mim, não teria cursado História, que em Minas Gerais o professor não ganha nem o piso que lhe é de direito, com certeza teria escutado boa parte dos meus professores de Ensino Médio, “você é excelente em exatas, faça engenharia, que lhe vai dá retorno”.

Ser chamada de professora, é pouco. O que eu quero mesmo, o que espero das pessoas é que respeitem a formação que escolhi. E nesse sentido, não posso terminar por aqui sem agradecer quem sempre torceu por mim!

Primeiramente agradeço à minha mãe e à minha irmã, pois sem elas não teria chegado onde cheguei, hoje. Minha mãe tem uma parcela e meia pela escolha do tema deste TCC. Desde pequena sempre fui incentivada a ler e quando peguei o gosto da coisa, posso julgar que tenha passado pela cabeça dela que nunca deveria ter me incentivado tanto, pelo tanto de livro que pedia a ela. Todo evento era uma desculpa perfeita para ganhar um box de livros novos. Não posso negar a influência de seu livro favorito da infância na minha inserção ao mundo da literatura - obrigada editora Vagalume por ter contribuído no meu processo de tomar gosto pela leitura com a edição de “Ilha Perdida”. E sem sombra de dúvidas, por todo o apoio que tive durante a minha jornada de estudos.

A minha irmã, agradeço profundamente por ser meu muro de lamentações durante a faculdade e mesmo tendo 16 anos na data que aqui escrevo me ajudou diversas vezes com a interpretação de alguns autores, com a revisão de alguns trabalhos finais e com as minhas diversas crises de ansiedade que tive no decorrer dessa formação.

Quando você ler essa parte do texto já estarei formada em História pela Universidade Federal de Uberlândia. Ao longo dos quatro anos de graduação atuei de forma intensa e significativa na área científica, na área burocrática e na representação estudantil. Foi um período singular para a minha formação como pesquisadora, pois já no primeiro ano de curso pude participar de eventos apresentando comunicações, publicando artigos. Ainda durante a graduação, atuei como monitora, participei de organizações de eventos e fui integrante assídua no NEPHISPO - Núcleo de Estudos e Pesquisa em História Política, coordenado pelo Dr. Gilberto César de Noronha, sim o meu orientador de TCC. Atribuo a ele uma grande parcela

de minha formação como professora e principalmente como pesquisadora. Agradeço imensamente a todos os conselhos que passava, para além de sua orientação para a pesquisa.

Entretanto, não posso esquecer também dos outros professores que contribuíram profundamente para a minha formação. Agradeço inicialmente à minha professora do Ensino Médio que me apresentou a obra literária que aqui estudo e que foi uma das figuras que me inspiraram a cursar História. Agradeço também a todos os professores que passaram pelo meu processo de formação e especialmente a escola em que desenvolvi o projeto de extensão aqui apresentado, pela abertura e o apoio que me deram, principalmente a direção e aos professores de História que me acompanharam nessa jornada.

Agradeço imensamente aos professores que ministram as teorias e que me fizeram ser apaixonada por historiografia, aos professores de metodologia e ensino. Esse TCC não teria saído do papel sem a visão da importância da educação que vocês me passaram. Não consigo citar nomes, pois, cada um tem uma parcela de contribuição naquilo que me tornei hoje. E aqui já agradeço especialmente à professora Dra. Ana Flávia Cernic Ramos e ao professor Dr. Gustavo de Souza Oliveira por terem aceitado avaliar esse (imenso) trabalho final de conclusão de curso.

Agradeço também aos meus amigos historiadores que mesmo distante nessa reta final, continuam do meu lado sempre.

E claro, por último, mas um dos mais importantes, a você leitor que chegou aos resultados da minha formação por meio desse escrito. Saibam que vocês são importantes para mim.

*Elas são chamadas de Ofélia, de
Raquel, de Agar mas elas não
têm nome, apesar do de seu senhor.*

*Elas são usadas para gerar os
filhos alheios, mas eles não são seus
Apenas do seu dono.*

*Elas são marcadas com asas, com
roupas, com cicatrizes mas elas não
tem identidade, apenas a de sua função.*

*Elas são oprimidas pela lei, pela violência,
pelo silêncio, mas elas não têm voz
Apenas a de sua obediência.*

*Elas são resistência pela memória, pela
amizade, pela esperança mas elas não tem medo
Apenas o de sua liberdade.*

(J.V.I.S., Monte Carmelo, Brasil, 2023)

*Minha confiança no futuro da literatura consiste em
saber que há coisas que só a literatura com seus
meios específicos nos pode dar.*

(Ítalo Calvino, Siena, Itália, 1985)

RESUMO

Este Trabalho de Conclusão de Curso tem por finalidade tecer uma reflexão crítica sobre o uso da Literatura como aporte no Ensino de História desde a discussão dos resultados do projeto de extensão intitulado “Entre páginas e memórias: O Conto da Aia como possibilidade para o ensino e aprendizagem em história”. Pretende-se, portanto, explorar as possibilidades da utilização da literatura nas aulas de História como um aporte para a compreensão crítica dos processos históricos e da abordagem de temas latentes e sensíveis do mundo contemporâneo. A fim de ilustrar a produção e execução de metodologias investigativas que permitem interpretar o vivido a partir de um romance ficcional, evocamos a importância da tríade pesquisa, ensino e extensão que sustentou este trabalho iniciado como projeto de iniciação científica interessado nas condições de produção, circulação, recepção e atribuição de sentido da obra literária. Defendemos que a ficção especulativa de Atwood pode ser associada a temáticas de interesse social e histórico, que estão diretamente ligadas a habilidades e competências exigidas pela BNCC no campo das ciências humanas e sociais aplicadas que abrange a área de História no Novo Ensino Médio.

Palavras-chave: Ensino de História e Literatura; Consciência Histórica; Ensino, Pesquisa e Extensão

ABSTRACT

This Course Completion Work aims to weave a critical reflection on the use of Literature as a contribution to the Teaching of History since the discussion of the results of the extension project entitled "Between pages and memories: The Handmaid's Tale as a possibility for teaching and learning in history". It is intended, therefore, to explore the possibilities of using literature in History classes as a contribution to the critical understanding of historical processes and the approach of latent and sensitive themes of the contemporary world. In order to illustrate the production and execution of investigative methodologies that allow the interpretation of what is lived from a fictional novel, we evoke the importance of the triad of research, teaching and extension that sustained the project initiated as a scientific initiation project interested in the conditions of production, circulation, reception and attribution of meaning to the literary work. We argue that Atwood's speculative fiction can be associated with themes of social and historical interest, which are directly linked to skills and competencies required by the BNCC in the field of applied humanities and social sciences, which covers the area of History in the New High School.

Key words: Teaching History and Literature; Historical Awareness; Teaching, Research, and Extension

LISTA DE FIGURAS

Imagem 1: Ficha de sistematização Oficina 1	44
Imagem 2: Fontes trabalhadas na oficina 1	47
Imagem 3: Fontes trabalhadas na oficina 1	48
Imagem 4: Fontes trabalhadas na oficina 1	49
Imagem 5: Fontes trabalhadas na oficina 1	50
Imagem 6: Fontes trabalhadas na oficina 1	51
Imagem 7: Fontes trabalhadas na oficina 1	54
Imagem 8: Roda de debate para discutir a apreciação geral da obra	59
Imagem 9: Ficha de sistematização oficina 2.1	61
Imagem 10: Ficha de sistematização oficina 2.2	62
Imagem 11: Momento de discussões entre o possível e o provável	64
Imagem 12: Recorte de Jornal - Resenha O Conto da Aia na década de 1980	81
Imagem 13: Resultado da confecção do quadro comparativo - oficina 3	86
Imagem 14: Resultado da confecção do quadro comparativo - oficina 3	86
Imagem 15: Resultado do quadro comparativo da oficina 3 (Slide)	96
Imagem 16: Resultado do quadro comparativo da oficina 3	96
Imagem 17: Resultado do quadro comparativo da oficina 3	97
Imagem 18: Momento de debate das fontes da oficina 4	101

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	12
PARTE I É POSSÍVEL ENSINAR HISTÓRIA COM LITERATURA?.....	22
1 Das relações entre história e literatura.....	24
2 Literatura e ensino de História.....	27
3 Ensinar história com literatura distópica.....	32
4 Experimentando a indissociabilidade entre Ensino, Pesquisa e Extensão.....	37
PARTE II: PODE “O CONTO DA AIA” SER UMA FERRAMENTA DE APRENDIZAGEM E REFLEXÃO HISTÓRICO-CRÍTICA?.....	39
5 Interpelar a literatura para entender história do tempo presente.....	41
5.1 O conto da Aia como objeto cultural: Oficina I.....	42
5.2 O conto da Aia como narrativa literária: Oficinas II e III.....	55
5.3 O que a obra literária pode nos informar sobre o mundo em que vivemos? Oficinas IV e V.....	63
6 Mas afinal o que se pode aprender com a literatura distópica geleadeana?.....	80
7 Foi possível aprender e ensinar história com a literatura?.....	94
ENTRE PÁGINAS E MEMÓRIA: CONSIDERAÇÕES FINAIS SOBRE O CONTO DA AIA COMO FERRAMENTA NAS AULAS DE HISTÓRIA.....	103
REFERÊNCIAS.....	110
Fontes:.....	110
Bibliografia:.....	113

INTRODUÇÃO

O Conto da Aia pode ser utilizado como uma fonte literária que aborda questões sociais e políticas relevantes para o período em que foi escrito. Ele pode ser discutido no contexto de movimentos feministas, regimes autoritários e a luta por direitos humanos ao longo da história. Além disso, O Conto da Aia pode ser comparado com eventos históricos e falar sobre as consequências de políticas opressivas e a importância da resistência e da defesa dos direitos individuais (...) Nessa visão, podemos acrescentar O Conto da Aia em nosso cotidiano ao promover discussões e reflexões sobre temas como igualdade de gênero, direitos das mulheres e liberdade individual. Podemos também apoiar as organizações e movimentos que lutam por esses direitos e buscar formas de combater qualquer forma de opressão ou controle excessivo em nossa sociedade.¹

Muitas correntes estéticas, inclusive as de inspiração marxista, entendem que a literatura é sobretudo uma forma de conhecimento, mais do que uma forma de expressão e uma construção de objetos semiologicamente autônomos. Sabemos que as três coisas são verdadeiras: mas o problema é determinar qual o aspecto dominante e mais característico da produção literária. Sem procurar decidir, limitemo-nos a registrar as três posições e admitir que a obra literária significa um tipo de elaboração das sugestões da personalidade e do mundo que possui autonomia de significado; mas que esta autonomia não a desliga das suas fontes de inspiração no real, nem anula a sua capacidade de atuar sobre ele. Isto posto, podemos abordar o problema da função da literatura como representação de uma dada realidade social e humana que faculta maior inteligibilidade com relação a esta realidade.²

Este trabalho propõe ensinar história com a literatura. Apresentamos aqui a experiência didática, teórico-prática de ensino, pesquisa e extensão que elegeu o romance distópico³ da canadense Margaret Atwood como estratégia para aprender e ensinar história explorando algo que, por muito tempo, a História negou como seu objeto legítimo - o campo da subjetividade. Resultado da execução de projeto de conclusão de curso foi sendo construído por diversas sensibilidades que foram me atingindo em meu processo de aceitação em cursar História no campo da docência, como também pelos espaços ocupados durante a formação inicial enquanto pesquisadora, até as angústias vivenciadas durante o processo de formação docente.

¹ M., E.G.M. Monte Carmelo. 2023.

² CANDIDO, Antonio. **A literatura e a formação do homem**. In: Textos de Intervenção, seleção, apresentações e notas de Vinícius Dantas, São Paulo: Livraria Duas Cidades; Editora 34, 1972. p.85-86.

³ A distopia é um pensamento filosófico que caracteriza uma sociedade imaginária controlada pelo Estado ou por outros meios extremos de opressão, criando condições de vida insuportáveis aos indivíduos. Normalmente tem como base a realidade da sociedade atual idealizada em condições extremas no futuro. Disponível em: <https://www.significados.com.br/distopia/>. Acesso em 12/10/2021.

Tomei conhecimento da existência do romance distópico da canadense Margaret Atwood, *O conto da Aia*, pela indicação da professora de História que me acompanhou durante todo o Ensino Médio e que foi uma das minhas maiores inspirações para cursar a graduação em História. Entretanto, até o final do primeiro período do curso de História ainda não havia lido a obra, pois a recomendação foi do segundo volume *Os testamentos*. Seu enredo se passa “quinze anos após os eventos de O Conto da Aia, o regime teocrático da República de Gilead aparentemente se mantém firme no poder, mesmo após as sucessivas tentativas de insurgência. Mas há sinais de que suas engrenagens começam a se deteriorar”⁴. A narrativa, conduzida por três mulheres distintas, responde a perguntas que têm assombrado nossas mentes desde que a porta da van se fechou, levando Offred para um destino desconhecido. Com três narradoras, cada uma transmitindo seu testemunho, somos conduzidos a uma exploração mais profunda do mundo para além dos muros de Gilead. Essas vozes lançam luz sobre os recantos sombrios que revelam mais do que poderíamos imaginar sobre a natureza do regime autoritário e sobre aqueles que o sustentam.

Reencontrei a obra tempos depois, em uma conversa com os colegas monitores de uma disciplina do primeiro período do curso de graduação em História da Universidade Federal de Uberlândia, - após ter um choque com o conteúdo acadêmico e solicitar ao professor deixar-me refazer a disciplina como ouvinte e ele me sugerir fazer a monitoria para com que eu pudesse compreender a disciplina de uma outra perspectiva, ao colaborar com as discussões das correções das atividades propostas. Foi numa dessas interações com o grupo de monitores que falamos sobre os lançamentos das séries do ano e o quão impactante tinha sido *The Handmaid's Tale*. Foi então que assisti à trama, e como uma boa amante da literatura posteriormente, como hobbie naquele momento, procurei um exemplar de *O Conto da Aia*.

No entanto, devido ao processo exaustivo de final de semestre naquele período em que estávamos em formato remoto e o semestre era constituído por apenas 15 semanas, adiei a leitura para as férias e quando voltamos para o 3º período me matriculei em 2 disciplinas-chave para compreender a existência desse projeto de final de curso, sendo elas História Gênero e Sexualidade e História e Região. A discussão sobre gênero me inspirou na escolha do tema para o trabalho final da disciplina de História e Região, quando tomei como fonte de análise o romance distópico, na proposta de tecer algumas reflexões sobre as divisões espaciais criadas pela obra a fim de compreender as territorialidades e os processos de regionalização, como di-visão, como estratégia de exercício do poder e trazendo para a realidade aquilo que foi descrito em uma distopia, interrelacionando a literatura e a história

⁴ Atwood, Margaret. **Os Testamentos**. Rio de Janeiro Rocco. 2021.

resultando em uma possível consciência histórica diante de uma sociedade imaginária que retrata aspectos da realidade vivida.

A partir desse trabalho, construído em diálogo com discussões vivenciadas durante as aulas de História Gênero e Sexualidade, fui levada às problemáticas da construção do discurso eurocêntrico e hegemônico, perante o comportamento social, especificamente sobre o feminino, compreendendo o conceito de gênero como diferença sexual que se encontrava no centro das discussões feministas, as quais questionavam a teoria da subjetividade. Visão esta que foi ancorada na tese de Michel Foucault, sobre a sexualidade entendida como uma construção instituída através de dispositivos discursivos e materiais. Os quais criam efeitos de movimentos disciplinadores e normatizadores que manipulam certos fenômenos sociais como a idealização dos corpos, comportamentos postulado nos sistemas jurídicos, educacionais, prisionais, hospitalares e midiáticos⁵. Tais dispositivos Tereza de Lauretis caracterizou como tecnologia de gênero: identidades previamente construídas desde o século XVIII, consumadas pelos interesses capitalistas e religiosos que formularam, categorizaram e separaram a binaridade em relação ao gênero, sexo e sexualidade, impondo por meio dos discursos de biopoder que objetivavam fatores políticos, econômicos e ideológicos, as normas que a sociedade deveria seguir.⁶

Após estas primeiras incursões no estudo da obra, iniciei no ano de 2022 a minha segunda Iniciação Científica⁷, completamente voltada para *O Conto da Aia* como uma possível ferramenta de compreensão histórica, intitulada como “Brasil pós-golpe de 2016: uma aventura distópica?”⁸, que tinha como objetivo compreender como os leitores de *O Conto da Aia* interpretam a obra e estabelecem pontos de interseção entre a realidade e ficção. Para tanto, analisamos as resenhas publicadas em sites e blogs na internet, com o propósito de compreender como os leitores constroem suas interpretações em suas escritas e como são afetados pela trama construída pela autora. Foi nesta proposta que adentrei nas (in)tensas relações entre história e literatura.

⁵FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade I: a vontade de saber**. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque e J.A. Guilhon Albuquerque, Rio de Janeiro: Edições Graal, 1988.

⁶LAURETIS, Teresa de. **A tecnologia de Gênero**. In HOLLANDA, Heloisa B. (Org) Pensamento Feminista: conceitos fundamentais. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019.

⁷ A primeira iniciação científica, embora tenha me permitido as primeiras experiências com a pesquisa, sobretudo a pesquisa bibliográfica, versava sobre Escravidão em Minas Gerais. Os resultados do trabalho foram divulgados em eventos científicos e no artigo. PENA; Alessa Nara Fortunato; NORONHA, Gilberto César de Noronha. **Fontes sobre a escravidão em Minas Gerais: um balanço historiográfico**. História em Curso - Revista Eletrônica do Curso de História da PUC-Minas. v. 4 n. 6. 2022. Disponível em : [FONTES SOBRE A ESCRAVIDÃO EM MINAS GERAIS | História em Curso](#). Acesso em: 3/2024.

⁸ Projeto financiado pela FAPEMIG submetido para o edital EDITAL Nº 7/2022 PIBIC-FAPEMIG na área de Ciências Humanas com vigência de 01/10/2022 à 30/09/2023.

Até o começo do século XX, a relação dos historiadores com a Literatura era de desconfiança, apegados à concepção de verdade factual que apenas a História poderia ter. No entanto, com a terceira geração dos Annales foi-se aceitando que a História possui também seu grau de subjetividade e que a partir dos indícios deixados nos artefatos é possível torná-los fontes e reconstruir uma narrativa que mais se aproxima da realidade, desenvolvendo assim o campo da História Cultural com a chamada “Nova História”, no qual vemos a relação história e literatura um pouco mais complexa do que a simples contraposição entre verdade factual e imaginação, quando a literatura, no limite, era apenas representação do imaginário, ou nos termos da história social mais ortodoxa, perfumaria.⁹

Estas questões permearam minha formação inicial, mesmo durante as aulas de Estágio Supervisionado, dentro da etapa do Ensino Médio, quando despertei-me também para as relações entre literatura e ensino de história. Vivíamos a inquietação sobre o atual cenário educacional repleto de mazelas da pandemia, vivenciando a realidade enfrentada pela professora de História cujas aulas do Ensino Médio eu acompanhava. Seus alunos tinham muita dificuldade, não apenas com o ato de ler, como também em interpretar e escrever. Vivenciei a angústia como futura professora que logo ocuparia esses espaços. Foi nesse contexto de ensino que, terminada a pesquisa de iniciação científica, experimentei também as possibilidades da extensão universitária. Dediquei-me à elaboração de um projeto de extensão, o qual foi executado nas dependências da Escola Estadual Professor Vicente Lopes Perez situada na cidade de Monte Carmelo, onde eu havia estudado do 6º ano do fundamental II até concluir o Ensino Médio. O projeto teve a supervisão dos professores Anamaria Silva da Cruz e Kaio César Goulart Alvez e foi desenvolvido em formato de oficinas, em seis encontros no contraturno, às sextas-feiras. Participaram inicialmente 18 alunos que cursaram o Novo Ensino Médio.

Com este projeto pude vivenciar a plenitude da indissociabilidade entre ensino pesquisa e extensão em minha formação docente. O projeto desenvolvido contribuiu para acalmar a minha inquietação de aproximar-me ainda mais da área da educação, reconhecendo-me como professora, constituída e alinhavada também pelas questões teóricas vivenciadas na segunda pesquisa de iniciação científica. Tratava-se de um curso em que ministrei oficinas do projeto “Entre páginas e memórias: “O Conto da Aia como possibilidade para o ensino e aprendizagem em história” com registro no SIEX¹⁰, o qual me fez sentir cada

⁹ LE GOFF, Jacques. **Os Intelectuais na Idade Média**. 2ª edição Rio de Janeiro: José Olímpio. 2006.

¹⁰Projeto este vinculado ao Núcleo de Estudos e Pesquisa em História Política (NEPHISPO), registrado na pró-reitoria de extensão PROEX da Universidade Federal de Uberlândia, sob o número 29799.

vez mais motivada ao exercício da docência, aproximando-me também das discussões sobre o ensino de história, reconhecendo-me como parte desta história..

Nas últimas três (ou quatro) décadas do século XX, houve uma crescente preocupação com o Ensino de História, a busca do aperfeiçoamento profissional, a criação de revistas e ampliação dos espaços específicos para debater sobre o Ensino de História como é o caso do Encontro Nacional Perspectivas do Ensino de História (1998), o Encontro Nacional de Pesquisadores do Ensino de História (1993) e o mais recente a Associação Brasileira de Ensino de História (2007). E como aponta Artur Firmino dos Santos:

A maioria dos trabalhos fez a relação entre a Literatura e o ensino de História buscando o aprimoramento do conhecimento histórico, com a exceção de alguns autores que pretenderam apenas fazer a análise teórica sobre a ligação da Literatura com a História, o que nos aponta a iniciativa da maioria dos professores em introduzir novas práticas de ensino¹¹

A discussão da relação História e Literatura ultrapassou os muros acadêmicos e sua importância no ambiente escolar foi afirmada. É verdade que nesta relação de interdisciplinaridade das duas áreas, ainda prepondera o uso da literatura como fonte, reduzindo e exprimindo a narrativa abordada na obra, sendo na maioria das vezes obras privilegiadas obras literárias caracterizadas pelo gênero romance histórico, no qual os estudiosos impõem uma interpretação da narrativa ficcional como se fosse um fato “real”. Ainda que estas sejam iniciativas importantes, acreditamos que esse processo reduz o potencial de interpretação da literatura que não tem obrigação alguma em descrever a realidade. Deste modo, a proposta do projeto de extensão considerou as possibilidades de aprender história com a literatura apenas como uma fonte histórica, mas utilizou-se de um romance distópico como estratégia para a compreensão histórica tanto do passado distante, quanto do passado presente, tocando por meio da interpretação conjunta dos participantes do projeto, temas latentes e sensíveis que extrapolam o contexto de produção e o universo criado pela obra e tangenciam a malha social vivenciada atualmente.

É nesse sentido que nos preocupamos com o lugar da literatura não apenas nas pesquisas acadêmicas, mas também nas salas de aula. E dado a experiência dos estágios supervisionados enquanto docente, considerando também as experiências como estudante da educação básica que já fui no passado, ensejamos a não apenas questionar a importância da literatura nas aulas de história, mas também contribuir para o estímulo à leitura para a

¹¹ SANTOS, Artur Firmino dos. **A Literatura no Ensino de História: 30 anos de pesquisas**. Orientador: Cristiano Biazzo Simon, UEL: 2008.p.6.

ampliação da compreensão de mundo e desconstruir a visão corrente de que História é uma disciplina chata e que para ser aprovado basta decorar datas. E para os docentes uma contribuição de como podemos escapar das armadilhas do esquema tradicional quadripartite da organização dos conteúdos, uma provocação à necessidade de reformulação (ou da execução prática) dos currículos formativos referentes às licenciaturas, na intenção de promover a tríade pesquisa, ensino e extensão. Pois, como destaca Maria Auxiliadora Schmidt “A sala de aula não é apenas onde se transmite informações, mas onde uma relação de interlocutores constrói sentidos. Trata-se de um espetáculo impregnado de tensões em que se torna inseparável o significado da relação teoria e prática, ensino e pesquisa.”¹²

Desta maneira, ao propormos um diálogo com a literatura descortinamos a possibilidade de trabalhar com diversas linguagens, permitindo explorar variados interpretações ao conectar a obra com seu contextos histórico, vivências do autor provocando inquietações entre o momento em que a obra foi escrita, suas condições históricas de produção e circulação, despertando o interesse dos estudantes, que também participam do processo histórico que estudam.

Corriqueiramente vemos pelo menos duas formas recorrentes de trabalhar com a literatura no ensino de história, como aponta Rafael Ruiz sendo a primeira “trabalhar a obra literária a partir do desenvolvimento de conceitos com os alunos (...) Tal método consiste em colocar a obra literária como uma metáfora do mundo real, de onde poderemos retirar conceitos válidos para nossa realidade” a segunda é de “utilizar a obra como retrato do contexto histórico a que pertence.”¹³. No entanto, devemos salientar a problemática de trabalhar dessa forma, pois, com um deslize é possível tornar a obra refém de uma visão única. A representação da realidade no texto literário está intrinsecamente ligada à reflexão do escritor sobre o mundo e suas experiências, que só passa a ter sentido quando é interpretada pelos leitores. Dessa maneira, a literatura pode ser uma potente chave de leitura das mudanças da sociedade, que não desconsidera a imaginação e a construção criativa de temas e problemas enfrentados no dia a dia, bem como experiência de vida dos estudantes como agentes históricos capazes de reconhecer as influências do passado nas formas de percepção do presente e do presente nas formas de imaginar e reconstituir o passado.

Esta proposta, cujos resultados aqui analisamos, foi desenvolvida no contexto da mudança na Base Nacional Comum Curricular, quando a disciplina história enfrenta a

¹² SCHMIDT, Maria Auxiliadora. **A formação do professor de história e o cotidiano da sala de aula**. In: BITTENCOURT, Circe (org.). *O saber histórico na sala de aula*. São Paulo: Contexto, 1997. p.57.

¹³ RUIZ, Rafael. **Novas formas de abordar o ensino de História**. In: KARNAL, Leandro (Org.). *História na Sala de Aula – conceitos, práticas e propostas*. São Paulo: Contexto, 2003. p.77-78.

redução da carga horária no chamado Novo Ensino Médio, cujo currículo se organiza em duas partes: uma carga horária obrigatória a todas as escolas e outra flexível. Considerando a parte flexível do currículo, entendemos que a literatura pode fazer parte da disciplina de História como recurso metodológico capaz de contribuir para a formação do leitor crítico, tornando-o hábil para interpretar textos literários e articulá-los de forma coerente com o campo do saber histórico. Comprendemos também que o procedimento de leitura é muito mais do que realizar uma eficiente decodificação dos signos de um texto; é compreender seu contexto, relacioná-lo com seu cotidiano, criticá-lo segundo métodos definidos. No contexto educacional, torna-se imprescindível a abordagem de temas contemporâneos, os quais frequentemente, são percebidos como polêmicos e sensíveis como religião e política. A literatura pode estimular o exercício do pensamento crítico. É nesse ínterim, que visamos trabalhar de forma a investigar se poderia a literatura distópica, mais especificamente o *O Conto da Aia* ser uma ferramenta de ensino-aprendizagem para a História. Evidenciando qual a interação entre os campos do ensino de história, pesquisa acadêmica e extensão universitária, ao utilizar o romance distópico de Margaret Atwood intitulado *O Conto da Aia* como ferramenta para aprender, ensinar e promover a reflexão histórica sobre a realidade. E por fim, compreender se é possível atingir uma literacia histórica ao atribuir sentido para a obra em questão, usando de expectativas e experiências pessoais e coletivas.

Em suma, este trabalho de conclusão de curso é fruto de minhas experiências como estudante e professora de história em formação inicial em busca de uma licença para atuar na educação básica que experimentou e aceitou o desafio das articulações entre ensino, pesquisa e extensão propostas pelo novo currículo do Curso de História - INHIS - UFU. A questão de partida que guiou esta proposta é se era possível o uso da literatura como um caminho possível para ensinar e aprender história. Buscamos, especificamente aqui fazer uma análise quali-quantitativa do projeto de extensão e ensino “Entre páginas e memórias: O Conto da Aia como possibilidade para o ensino e aprendizagem em História”, cujo objetivo geral consistiu em analisar historicamente o romance distópico, atentando para suas condições de produção, circulação, recepção e atribuição de sentido. Deste modo, a questão central que nos enseja é analisar se *O Conto da Aia*, de Margaret Atwood, pode ser empregado como uma ferramenta de ensino-aprendizagem para a História, estimulando a compreensão dos contextos históricos, sociais e políticos presentes não apenas na narrativa distópica, mas também nos tempos presentes, e como isso pode enriquecer o processo de conhecimento. Evidenciando, portanto, quais foram os caminhos possíveis de pensar historicamente o mundo vivido com a literatura

articulado com o processo de ensino-aprendizagem para a formação de uma consciência crítica nos alunos.

A fim de perceber como os leitores interpretaram e produziram sentido para a obra, buscaremos apresentar como se deu o estabelecimento do ponto de interseção entre a percepção da distopia gileadeana e suas relações possíveis com a sociedade brasileira contemporânea. A proposta é pensar com a literatura questões sociais contemporâneas, por meio da interpretação e dos sentimentos evocados pela narrativa de Margaret Atwood, quando destacam as experiências individuais e coletivas ao trazerem tais referências em suas reflexões. Ou, nas palavras de Heloisa Starling et.al (2022, p.12), busca-se uma chave de leitura, inspirada na literatura distópica para “abrir as portas para a compreensão de um mundo diferente daquele em que vivemos no Brasil desde a implantação da nova Constituição, em 1988”.

Nessa perspectiva, dividiremos o exposto em duas partes: na primeira delas, intitulada: *É possível ensinar História com Literatura?* visamos explorar as relações entre história (ensinada e pesquisada) e literatura (Capítulos 1 e 2), explorando a interseção entre o ensino de História e a literatura como ferramenta pedagógica. Destacamos a possibilidade de empregar obras literárias no ensino de História, explorando como a ficção distópica pode contribuir para abordar temas históricos relevantes (Cap. 3). Além disso, nesta parte exploramos como o ensino, a pesquisa e a extensão foram a base para a construção desse trabalho de conclusão de curso (cap. 4). Assim, nesta primeira parte são delineadas as expectativas do projeto, destacando o livro como uma chave de compreensão da realidade contemporânea. Em resumo, neste primeiro movimento investigamos a viabilidade, os benefícios e os desafios das relações entre história e literatura envolvidas na proposta de utilizar *O Conto da Aia*, como uma ferramenta eficaz para o ensino de História, enquanto também delineia as expectativas e objetivos do projeto em relação à compreensão da realidade brasileira através da interdisciplinaridade entre História e Literatura e como a tríade ensino, pesquisa e extensão corroborou para a formulação do entendimento deste produto. Tendo como questão norteadora: Qual a interação entre os campos do ensino de história, pesquisa acadêmica e extensão universitária, ao utilizar o romance distópico de Margaret Atwood intitulado *O Conto da Aia* como ferramenta para aprender, ensinar e promover a reflexão histórica sobre a realidade?

Na Parte II, composta por mais três capítulos, intitulada como “O Conto da Aia e sua recepção como um caminho possível”, evidenciaremos a relação da Literatura com a História, a partir da distopia de Margaret Atwood pelo viés da teoria da estética e recepção literária.

Nela detalhamos a realização das oficinas, os conteúdos abordados, as atividades realizadas apresentando aspectos da participação e da produção dos estudantes. Na análise da produção dos estudantes desenvolvidas como atividades de avaliação, evocamos um breve histórico sobre a circulação dessa obra analisando também a recepção por parte de outros leitores que deixaram resenhadas suas impressões, evocando não apenas as resenhas dos estudantes, produzidas durante as oficinas, mas também valendo-nos dos resultados obtidos durante o projeto de Iniciação Científica, a serem comparados com a recepção que os estudantes fizeram da obra. O objetivo é compreender se pode a literatura distópica, especialmente *O Conto da Aia*, contribuir para o aprendizado e reflexão histórico-crítica. Assim, a análise da obra literária nos conduz a considerações teóricas sobre sua produção, o contexto da vida da autora, sua circulação e sua relação com o mercado editorial, entre outros aspectos.

Por fim, nas considerações finais, retomam o percurso da utilização da obra *O Conto da Aia* como uma ferramenta pedagógica no ensino de História, avaliando a relevância da importância da obra para a compreensão histórica retomando a experiência didática desenvolvida: as atividades propostas e realizadas, as alterações de percurso necessárias, os resultados obtidos. Neste sentido, a avaliação não apenas enfatizou o conhecimento histórico (factual) adquirido pelos estudantes, mas também habilidades de análise crítica, reflexão sobre questões sociais e éticas, e desenvolvimento da capacidade de expressão e argumentação. Tendo como cerne o questionamento se é possível alcançar uma literacia histórica ao atribuir sentido à obra em questão, usando expectativas e experiências pessoais e coletivas, por meio do sentido atribuído à obra pelos estudantes ao dialogarem sobre suas leituras individuais em grupo, destacando as diferentes interpretações e perspectivas que surgem desse processo colaborativo. Em resumo, examinamos a eficácia da utilização de *O Conto da Aia* como uma ferramenta nas aulas de História, analisando tanto os resultados obtidos pelos alunos quanto às implicações mais amplas em relação à construção de literacia histórica e ao diálogo entre experiências individuais e coletivas na interpretação de obras literárias.

A expectativa é de que o compartilhamento dessa experiência teórico-prática possa inspirar os leitores em suas práticas de ensino comprometida com a formação da consciência e da sensibilidade histórica, na busca de uma aprendizagem que priorize o pensamento histórico crítico, abordando as noções de temporalidades, agente sociais, trabalhando as habilidades de imaginação histórica para pensar com a literatura questões latentes do passado, a compreensão do 'outro' e de 'si mesmo', percebendo assim, as diversas relações entre o

passado e o presente, por meio da construção de memórias¹⁴. Uma vez que a linguagem literária dentro da sala de aula corrobora para metodologias mais lúdicas para a discussão sobre temas latentes e sensíveis da sociedade contemporânea, tornando a disciplina mais atrativa e instigante. A expectativa é poder evidenciar de que maneira a literatura distópica de Margaret Atwood, *O Conto da Aia*, contribuiu para a aprendizagem histórica e para a construção de um senso crítico diante da realidade sociopolítica brasileira, abordando temas sócio-políticos contemporâneos de nossa sociedade. Considerando a diversidade da sala de aula e as diferentes realidades vivenciadas no meio escolar, propôs-se contribuir para a diminuição da intolerância e preconceito no ambiente escolar, por meio da obra indicada, abordando conceitos como: machismo, teocracia, feminismo, patriarcado, autoritarismo, resistência, LGBTQIA+fobia entre outros, estabelecendo um paralelo com os acontecimentos da realidade brasileira, com o intuito de desenvolver a capacidade crítica e histórico-crítica dos estudantes.

¹⁴ SCHMIDT, Maria Auxiliadora; BARCA, Isabel; MARTINS, Estevão de Rezende (Org.). **Jörn Rüsen e o Ensino de História**. Curitiba: Editora da UFPR, 2011.

PARTE I É POSSÍVEL ENSINAR HISTÓRIA COM LITERATURA?

A literatura exerce uma função crucial na formação e compreensão do mundo. O leitor interpreta os conflitos dos personagens com base em seus princípios sócio-culturais, estabelece relações frequentes de experiências históricas com a narrativa literária, realizando reflexões críticas sobre a verossimilhança. Este é o pressuposto que orientou esta proposta de ensinar e aprender história com a literatura gestada na discussão das relações entre Literatura e ensino de História, por meio dos resultados do projeto de extensão intitulado “Entre páginas e memória: O Conto da Aia como possibilidade para o ensino e aprendizagem em história”¹⁵. A proposta intencionou incentivar a leitura crítica de obras literárias a partir da análise histórica do *O Conto da Aia* de Margaret Atwood¹⁶ com o propósito de levar estudantes da educação básica a pensar História com Literatura.

Atentando-se para as questões teórico-metodológicas envolvidas nessa proposição, defendemos a importância e a possibilidade de interpelar, dialogar e evocar a literatura nas aulas de História como estratégia de compreensão crítica dos processos históricos, além de ser uma ótima ferramenta para trabalhar com temas latentes e sensíveis do tempo presente¹⁷. Afinal, a literatura contribui para o desenvolvimento do pensamento crítico ao correlacionar a interpretação dos leitores aos elementos naturais, os sentimentos e as normas do mundo do autor e do leitor representado na narrativa e na sua recepção, trazendo a viabilidade da identificação com a fantasia, atribuindo uma função social para a obra ensejando-nos questionar as interseções entre o real (vivido) e o factível (imaginado).

Abordamos especificamente os usos metodológicos da Literatura, em específico da literatura distópica,¹⁸ como aporte para o desenvolvimento de um pensamento histórico crítico

¹⁵ Projeto este vinculado ao Núcleo de Estudos e Pesquisa em História Política (NEPHISPO), registrado na pró-reitoria de extensão PROEX da Universidade Federal de Uberlândia, sob o número 29799.

¹⁶ ATWOOD, Margaret. **O Conto da Aia**. Rio de Janeiro: Rocco. 2017.

¹⁷ GIL, Carmem Zeli de Vargas; EUGÊNIO, Jonas Camargo. **Ensino de História e temas sensíveis: abordagens teórico-metodológicas**. Revista História Hoje, p.139-159, vol. 7, nº 13, jun, 2018. Disponível em: <https://rhhj.anpuh.org/RHHJ/article/view/430/273>. Acesso em: 28 set. 2019.

¹⁸ Debruçando-se melhor sobre o conceito de distopia, derivada das palavras *dus e topos* significando um lugar ruim ou desfavorável, desde o final do século XIX no campo da literatura tornou-se comum a escrita de narrativas do gênero ficcional distópico que retratam um mundo ou uma sociedade atrelada aos princípios de dispositivos autoritários, marcados por violência, perda de liberdade, constante alienação acerca do passado.

por parte dos estudantes do Ensino Médio da rede de educação básica pública, a fim de ilustrar a produção e execução de metodologias investigativas que permitem interpretar o tempo presente a partir de um romance ficcional. As questões que mobilizaram a construção do projeto visavam responder como a literatura pode contribuir para a ampliação da literacia histórica dos estudantes do Ensino Médio. Em que termos, os alunos conseguem relacionar a realidade distópica apresentada na obra com a história sociopolítica de seu tempo. A proposta nos possibilitou identificar o sentido atribuído à obra pelos estudantes ao compartilharem suas leituras e interpretações individuais e coletivas nos permitindo incentivar o uso da literatura nas aulas de História e estimular o pensamento crítico e a formação da consciência histórica por meio da leitura.

Sem desconhecer a minha afinidade pessoal com a literatura, o projeto de extensão foi desdobramento de um projeto de pesquisa desenvolvido como iniciação científica em que analisamos a relação entre a História e a Literatura de forma mais teórica que, correlacionada aos anseios e angústias das experiências de estágios supervisionados nos períodos pandêmicos e pós-pandêmicos, culminou na elaboração do projeto de extensão que visou extrapolar a vivência acadêmica de forma que compartilhasse a experiência em diálogo com a comunidade escolar na construção de saber. Nesse processo de formação como professora, pela pesquisa, pelo ensino e pela extensão, fui levada a reflexões sobre as relações entre a história em sua relação com a literatura e a realidade do ensino de história. É por estas questões que começo a apresentação desta experiência de ensinar e aprender com história com a literatura, desde a obra de Margareth Atwood, vivida com uma turma de estudantes do Ensino Médio, na faixa etária de 16 a 18 anos, na Escola Estadual Professor Vicente Lopes Perez - Polivalente, localizado na cidade de Monte Carmelo.

Entretanto, apesar da palavra ‘distopia’ ter sido cunhada em 1747 denominando ‘dustopia’ do termo grego, somente em 1868 seu uso começa a ficar mais relevante após John Stuart Mill, chamar a política britânica de muito ruim para ser praticável. Seus defensores passam a ser reconhecidos como dis-topianos. Somente no século XX. Na literatura, o conceito de distopia tornou-se popular após a Revolução Francesa. Porém, o gênero foi consolidado nos Estados Unidos e na Grã-Bretanha, nas últimas décadas do século XIX, alimentado pela industrialização, crescente desigualdade social e crescente popularidade do socialismo e do darwinismo social, desafiando assim o pensamento acerca do social da época, ao afirmar que tanto a evolução como o retrocesso podem definir a modernidade, ao passo que é comum as literaturas distópicas apresentarem em suas narrativas que o ‘progresso’ não é automático, pelo contrário o poder pode ser perigoso. CLAEYS Gregory. **Dystopia: A Natural History**. A study of modern despotism, its antecedents, and its literary diffractions. 2017.

1 Das relações entre história e literatura.

Por muito tempo a historiografia renegou a importância da literatura como fonte. Foi apenas na década de 1980 com as novas concepções historiográficas advindas da terceira geração dos *Annales* e o reconhecimento de novos temas, problemas e ampliação das fontes que o campo historiográfico começou a trabalhar com a literatura.¹⁹ Desde então, observou-se o crescimento de estudos sobre os sujeitos até então eram marginalizados, sobre questões de gênero, questões sensíveis como também estudos que articulam o diálogo com a literatura. Deste modo, os historiadores interessados na literatura têm explorado a intersecção da obra literária e o contexto social. Assim a estreita relação entre História e Literatura torna-se tão intrínseca que a tentativa de dissociá-las revela-se uma tarefa complexa. Ou, nas palavras de Antonio Candido: “Trata-se de fundir texto e contexto numa interpretação dialeticamente integral, no qual “o externo (no caso, o social) importa, não como causa, bem como significado, mas como elemento que desempenha um certo papel na constituição da estrutura, tornando-se, portanto, interno”²⁰.

No entendimento da História Cultural, as narrativas, sejam elas literárias ou históricas, convergem na construção de representações sobre a realidade. Destarte, com a nova corrente da História das Mentalidades, inserida dentro da História Cultural, os historiadores passaram a reivindicar a descrição à totalidade social, tornando o fazer historiográfico sem a restrição hierárquica das práticas sociais que anteriormente era considerada particulares, evidenciando que a construção histórica é composta pela estrutura das representações pelas quais o convívio em sociedade dá sentido ao mundo²¹. Nesse contexto, a literatura se apresenta como uma ferramenta singular de apreensão da realidade, permeando os grandes acontecimentos com sentimentos, opiniões e visões de mundo que ecoam através da escrita do autor. A escrita literária, assim, não apenas registra os eventos, mas, proporciona uma compreensão profunda de como esses acontecimentos reverberam no tecido social, propiciando ao leitor uma experiência que transcende a mera narrativa histórica.²²

Passa a interessar aos historiadores como se opera o encontro entre o mundo do texto e o mundo do leitor, reconhecendo que a atribuição de sentido dado à obra depende não só da construção do processo da leitura, pois, há variação dependendo do espaço-tempo como

¹⁹ LE GOFF, Jacques; NORA, Pierre. **História: novos problemas**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1979.

²⁰ CANDIDO, Antonio. **Literatura e Sociedade: estudos de teoria história-literária**. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras: Ouro sobre Azul, 2011. p.14

²¹ CHARTIER, Roger. **O Mundo Como Representação**. Estudos Avançados sobre Cultura e Poder. 1991. p.176-177.

²² PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História & História Cultural**. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.p.71.

também, alega que a construção do sentido depende das significações múltiplas de como a obra é recebida pelo leitor, sendo necessário considerar as formas de produção de sentido do texto e não apenas a definição semântica. Ou nas palavras de Roger Chartier:

Os autores não escrevem livros: não escrevem textos que outros transformam em objetos impressos. A diferença, que é justamente o espaço em que se constrói o sentido - ou os sentidos -, foi muitas vezes esquecida, não somente pela história literária clássica, que pensa a obra em si, como um texto abstrato cujas formas tipográficas não importam, mas também pela *Rezeptionsästhetik* que postula, apesar de seu desejo de historicizar a experiência que os leitores têm das obras, uma relação pura e imediata entre os 'sinais' emitidos pelo texto - que contam como as convenções literárias aceitas - e 'o horizonte de expectativa' do público a que se dirigem. Numa tal perspectiva, 'o efeito produzido' não depende de modo algum das formas materiais que suportam o texto. No entanto, também contribuem amplamente para dar feição às antecipações do leitor em relação ao texto e para avocar novos públicos ou usos inéditos.²³

Na relação entre história e literatura que se entrelaçam na tessitura das palavras, é possível explorar não apenas a maestria artística do escritor, mas também as complexas nuances do tempo e da sociedade em que este está imerso. Compreender historicamente do ponto de vista de uma história social, tal qual a visão de Chalhoub, por exemplo, é reconhecer que a literatura está intrinsecamente entrelaçada à sociedade em que emerge. Ela não constitui um elemento separado da história, ela é uma produção histórica. Portanto, é importante que a literatura seja uma maneira de interpretar a história.

Por outro lado, ao discutir a possibilidade de existir história sem literatura, Sidney Chalhoub e Leonardo Pereira (1998) destaca que os historiadores têm preocupações distintas das dos escritores.²⁴ Embora a literatura não desempenhe um papel direto na função dos historiadores, é importante reconhecer que nenhum historiador é capaz de fazer história sem imaginação. A história é essencialmente uma interpretação do passado, e a imaginação é necessária para articular essa compreensão, uma vez que está enraizada na perspectiva presente e na subjetividade do historiador. Os historiadores que carecem de imaginação são incapazes de avançar em suas pesquisas, pois, inevitavelmente projetam sua subjetividade e oferecem interpretações que, às vezes, extrapolam os fatos estritamente autorizados. Eles trabalham para propor interpretações plausíveis sobre determinados assuntos, articulando-as por meio da análise dos documentos disponíveis.

²³ CHARTIER, Roger. **O Mundo Como Representação**. Estudos Avançados sobre Cultura e Poder. 1991. p.182.

²⁴ CHALHOUB, Sidney; PEREIRA, Leonardo Affonso de M. (org.) **A história contada: capítulos de História social da Literatura no Brasil**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1998.

Quando consideramos a literatura como uma fonte histórica, é crucial entender as condições de produção por trás dos textos literários. É necessário examinar o que motivou o autor a escrever determinada obra, compreendendo os diálogos que estão por trás da criação literária.²⁵ Ou seja, os significados de uma obra literária transcendem a mera apreciação estética, constituindo-se em uma operação de interpretação que desvela as questões históricas do período em que o autor viveu. Essa interpretação engloba não apenas a esfera temporal, mas também o universo ideológico que permeia as escolhas estéticas, os códigos linguísticos e literários adotados na escritura. Por outro lado, a teoria da estética e recepção literária possibilita refletir para além das escolhas do campo da autoria.

A recepção das ferramentas para questionar sobre as ações do leitor, como um sujeito consciente, capaz de tecer críticas não apenas ao mundo fictício como também à dimensão sócio-política cultural vivida, aqui enfocado não apenas como objeto cultural, mas como um recurso didático para investigar as possibilidades de ensinar e aprender história com literatura, mais especificamente, com o romance distópico de Margaret Atwood, denominado *O Conto da Aia*. E este objetivo nos leva da discussão da Literatura como registro histórico em sua relação com a interpretação histórica, para o campo do ensino de história.

²⁵ HISTÓRIA: **História e Literatura - Sidney Chalhoub**. 5 maio 2015. 1 vídeo (30 min 52 s). Publicado pelo canal UNIVESP. Disponível em: [História: História e Literatura - Sidney Chalhoub](#). Acesso em: 9/3/ 2024.

2 Literatura e ensino de História

A teoria da estética e recepção literária, propicia pensar as possibilidades de reconhecer a literatura um instrumento capaz de promover o pensamento crítico, ao correlacionar a interpretação dos leitores aos elementos naturais, os sentimentos e as normas do mundo do autor e do leitor representado na narrativa e na sua recepção, trazendo a viabilidade da identificação com a fantasia, atribuindo uma função social para a obra, ensejando-nos a questionar as interseções entre o real e o factível, no mundo vivido e imaginado. Dessa maneira, partimos do pressuposto de que a literatura desempenha um papel fundamental na construção e percepção de mundo, visto que o leitor, ao ter contato com a narrativa se posiciona diante das tramas e dos dramas dos personagens a partir de seus princípios sócio-culturais, estabelecendo reflexões críticas sobre o verossímil, não raro, estabelecendo uma ponte com os contextos históricos já vivenciados.

Portanto, apenas a narrativa em seu estado natural - apenas a escrita - não é capaz de dar sentido crítico ao conteúdo da obra por completo, são as experiências dos leitores que fazem com que a obra realize plenamente seu sentido. Como aponta Hans Robert Jauss, uma obra não deve ser vista como parte da história cronológica, há de considerar seu impacto em seu tempo histórico, ou seja, o momento de produção, sua função social e sua ação no tempo²⁶. Nesse sentido, é necessário reconhecer o espaço de experiência e o horizonte de expectativas do leitor, pois, é a partir de suas concepções que a obra (re)adquire sentido, dado que, durante a leitura suas considerações sociais, intelectuais e ideológicas influenciarão na compreensão linguística literária. Assim sendo, é importante considerar a recepção dos leitores a partir do sentido em que eles atribuem à obra, por meio da capacidade de interpretar o dito e o não dito nas entrelinhas que conseqüentemente corrobora para a construção crítica reflexiva, historicizando a literatura. Afinal, é na sucessão de apropriações por diversos leitores que poderemos pensar as mudanças de sentido da obra, sua historicidade.

A visão que destaca a interseção entre História e Literatura, conforme discutido anteriormente, também tem implicações significativas no campo educacional. As mudanças paradigmáticas na historiografia, que passaram a reconhecer a importância da literatura como fonte histórica, reverberaram no ensino de história. Como observado por Circe Bittencourt, a relação entre literatura e ensino de história apresenta ganhos substanciais. Isso envolve a necessidade de abordar o documento literário em conjunto com os alunos, problematizando-o

²⁶ JAUSS, Hans Robert. **A História da Literatura como Provocação à Teoria Literária**. São Paulo: Editora Ática S.A., 1994. p.57

e evidenciando os limites entre o discurso literário e o discurso histórico²⁷. Ao utilizar a literatura como uma ferramenta metodológica para a compreensão histórica de determinados conteúdos, urge a premissa do rompimento do modelo curricular tradicional.

A partir dessa abordagem, a literatura não é mais vista apenas como um complemento ou recurso didático para ilustrar eventos históricos, mas, como um objeto legítimo de análise e interpretação histórica. Isso requer uma mudança fundamental na maneira como os conteúdos são ensinados, incentivando os alunos a explorar as múltiplas perspectivas e vozes presentes na literatura e a entender como essas narrativas se entrelaçam com os contextos históricos mais amplos. Portanto, ao integrar a literatura ao ensino de história de forma crítica e reflexiva, os educadores podem promover uma compreensão mais profunda e complexa do passado, capacitando os alunos a questionar, analisar e interpretar de maneira mais sofisticada os eventos e processos históricos.

Essa abordagem não apenas enriquece o processo educacional, mas também contribui para formar cidadãos mais críticos e conscientes de sua própria história e da diversidade de perspectivas que a compõem. Deste modo, podemos compreender que na área do Ensino de História houve uma mudança de modelos *para* ensino para modelos *de* ensino, acarretando na concepção da maneira de elaborar e ministrar as aulas, ao passo que a ideia de modificar o currículo quadripartite que visavam “oferecer modelos padronizados que ensinam ao professor como ensinar” passando a pensar em “outros que sejam eficazes em lançar luz sobre as formas pelas quais o ensino é realizado”²⁸. Em outras palavras, as novas formas de pensar o currículo começaram a trabalhar com várias temáticas e metodologias que buscavam compreender os processo de ensino-aprendizagem para além do sistema professor/aluno. É nesta perspectiva que se tornou crescente a relação entre a história e a literatura. No campo acadêmico é perceptível que ainda há uma abordagem reducionista do papel da narrativa literária, ao passo que muitos estudiosos utilizam a literatura como uma mera fonte. E no campo educacional, apesar das LDBs, PCNs e DCNs que abrem margens para evocar a literatura de forma interdisciplinar, seu uso ainda é mais voltado para o campo das Linguagens do que para o campo das Ciências Humanas.²⁹ Ademais, quando há essa abordagem, em grande escala se dá por meio dos livros clássicos.

²⁷ BITTENCOURT, Circe Fernandes. **Reflexões Sobre o Ensino de História. Estudos avançados**, São Paulo, vol. 32, nº 93, maio/ago, 2018. Disponível em: [Reflexões sobre o ensino de História](#). Acesso em: 11/2023.

²⁸ LANEVE, C. **Manuale di Didattica. Il sapere sull'insegnamento**. Brescia: La Scuola (II ed.), 2017.p.344

²⁹ MORAES, Fernanda Pagungue. **Ensino de história e literatura: diálogos possíveis na educação básica**. 2021. 145 f. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-graduação em Ensino de Humanidades, Instituto Federal do Espírito Santo, Vitória, 2021.

Tendo isso em vista, acreditamos que o uso da literatura que vá além dos clássicos é uma das ferramentas fundamentais para a construção de uma educação voltada para a cidadania, conforme preconizado pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional - LDBEN nº 9394/96, pelas Diretrizes Curriculares Nacionais (DCNs) e pelos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs), cujo propósito central desses documentos normativos é promover uma abordagem educacional que transcenda os limites do tradicionalismo, requerendo assim, reformas estruturais, de pensamento e curriculares nas instituições escolares. Ao passo que a cidadania, entendida como um elemento essencial do processo educacional, demanda uma revisão profunda da abordagem pedagógica. Dessa forma, o ensino tradicional, pautado por conteúdos convencionais, revela-se inadequado para alcançar o objetivo maior de formar cidadãos conscientes, participativos e críticos.

Nesse contexto, a literatura desempenha um papel crucial ao possibilitar a inserção de temas transversais, científicos, criativos, sensíveis e polêmicos no processo de aprendizado. No entanto, observa-se, lamentavelmente, que o cenário educacional brasileiro enfrenta desafios significativos. As políticas públicas que o Estado tem promovido desde a década de 1990 no campo neoliberal têm apresentado resultados nefastos. E atrelado com o processo de corrosão da democracia brasileira que culminou no golpe que destituiu a Dilma da presidência, em 2016, o campo educacional sofre drasticamente com os intensificados ataques neoliberais e neoconservadoras que visaram a Reforma do Ensino Médio, a Militarização nas Escolas, Movimento Escola sem Partido, Homeschooling, além do congelamento das verbas da educação que foi demarcada no (des)governo Temer.³⁰

Assim, a falta de investimentos consistentes nas instituições escolares consolida um retrocesso histórico, evidenciado pela redução de recursos destinados ao ensino público. Vivenciamos também, o impacto da pandemia de covid-19 que nos assolou desde 2020, que corroborou ainda mais o desmonte público educacional, afetando diretamente os grupos minoritários. Ou, nas palavras de Elma Carvalho: “A nova materialidade histórica e social produziu alterações também no campo educacional, que passou a ser compreendido como o espaço central na formação de valores e no desenvolvimento de atitudes fundamentais a essa nova condição social”³¹. Dessa maneira, a suspensão das aulas presenciais e a inserção de aulas remotas gerou impactos negativos na formação educacional dessa nova geração,

³⁰ BRASIL. Constituição (1988). **Emenda constitucional nº 95, de 15 de dezembro de 2016**. Disponível em: [Emenda Constitucional nº 95 \(planalto.gov.br\)](http://www.planalto.gov.br/emendas/constituicao/95.html). Acesso em 09/03/2024.

³¹ CARVALHO, Elma Júlia Gonçalves de. **A educação básica brasileira e as novas relações entre o Estado e os empresários**. Revista Retratos da escola, Brasília, v. 11, n. 21, p. 525- 541, jul./dez. 2017. Disponível em: <http://retratosdaescola.emnuvens.com.br/rde/article/view/800> . Acesso em: 01 jul. 2020. p.527

afetando não apenas os aspectos pedagógicos, mas também psicológicos. Ficou evidente que a escola enquanto instituição espaço-social é de grande importância para o ensino-aprendizagem tanto como fenômeno social quanto ao desenvolvimento do sujeito, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação do trabalho, além da transformação da sociedade que constituem os pilares das propostas de educação.

A visada estatística deste quadro de horrores, são os resultados apresentados pelo PISA (Programa Internacional de Avaliação de Estudantes) de 2022, que visa oferecer informações do desempenho dos estudantes na faixa etária de 15 anos, para com que cada país possa avaliar comparativamente os conhecimentos e habilidades de seus estudantes e trabalhar na melhoria de políticas públicas. O exame avalia três grandes áreas de conhecimento: leitura, matemática e ciências. Assim, o recente relatório do PISA lança luz sobre o panorama educacional contemporâneo, destacando desafios significativos enfrentados pelos países participantes, especialmente no que diz respeito às competências fundamentais em matemática, leitura e ciências. Os dados revelam uma tendência preocupante de queda nas habilidades dos alunos, com um em cada quatro jovens de 15 anos apresentando um desempenho inadequado nessas áreas essenciais, incapazes até mesmo de lidar com algoritmos básicos ou interpretar textos simples.

No contexto nacional, os resultados mostram uma piora nos resultados uma vez que alcançaram pontuações inferiores à média da Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE) nessas disciplinas. É alarmante observar que uma parcela considerável de estudantes brasileiros está abaixo do nível mínimo satisfatório, segundo os critérios desses organismos internacionais que, enquanto fomentam as políticas neoliberais, apontam a situação alarmante que justificaria sua continuidade. A análise detalhada revela que o desempenho em leitura no Brasil é particularmente preocupante, com metade dos alunos abaixo do nível 2, indicando uma capacidade limitada de compreensão textual. Embora haja uma parcela significativa de alunos com pontuações mais altas, eles representam uma minoria em comparação com a média da OCDE. Desse modo, é crucial considerar os desafios adicionais enfrentados durante o período de ensino remoto, onde quase 40% dos alunos brasileiros encontraram dificuldades semanais para entender as tarefas escolares, e 30% tiveram problemas para obter assistência adequada.

Diante desses dados preocupantes, torna-se evidente a necessidade de medidas para melhorar a qualidade da educação. Por mais que estas avaliações tenham diretrizes liberais, também são um alerta para a comunidade educacional e os formuladores de políticas, destacando a importância de enfrentar os desafios existentes e trabalhar coletivamente para

garantir uma educação de qualidade e equitativa para todas as crianças e jovens³². Torna-se, portanto, evidente que a instituição escolar desempenha um papel vital como um centro de aprendizado essencial, não apenas para a transmissão do conhecimento humano, mas também como um ambiente de interação, convivência e cuidado, onde crianças, jovens e adultos são educados e nutridos.

Diante desse quadro, a valorização da literatura no ensino de história emerge como uma alternativa promissora. A literatura, ao proporcionar narrativas ricas e contextuais, permite que os estudantes desenvolvam uma compreensão mais profunda dos aspectos históricos, ao mesmo tempo em que estimula o pensamento crítico e a reflexão sobre temas pertinentes à formação cidadã, contribuindo para a construção de uma sociedade mais consciente, participativa e comprometida com os valores fundamentais da cidadania.

³² **Divulgados os resultados do Pisa 2022**. Disponível em: <[Divulgados os resultados do Pisa 2022](#)>. Acesso em: 9/3/2024.

3 Ensinar história com literatura distópica

A narrativa distópica começa diretamente no terrível mundo de seu protagonista, sem a necessidade de fazer qualquer viagem ou transe para chegar lá. No entanto, o elemento textual do estranhamento ainda está presente e é válido, sendo que a história é centrada em um personagem que questiona e resiste à sociedade distópica em que se encontra. É preciso mostrar que essa narrativa é concebida em torno de duas narrativas opostas, a do regime hegemônico e a da resistência a ele. Uma estratégia literária geralmente desenvolvida através do uso social e antissocial da linguagem, o que permitirá que ela se estruture como a principal arma de opressão e resistência nas distopias. Como gênero literário, a distopia deve permanecer situada entre a utopia e a antiutopia e, portanto, a distopia clássica é basicamente um exercício carregado de conteúdo político e um híbrido literário que dá conta da possibilidade de um mundo que vive em circunstâncias piores do que as suas³³

O livro “O conto da Aia” de Margaret Atwood, me trouxe de início uma visão de distopia muito distante de qualquer realidade já vivida, por ser um livro lançado há algumas décadas e com a palavra “conto” no título pensei que iria me trazer ainda mais o sentimento de passado e inviabilidade de tais acontecimentos, porém ao longo das oficinas consegui mudar totalmente a minha perspectiva a respeito do mesmo.(...). Portanto, foi dessa forma que o livro me fez aproximar a distopia impossível com a realidade atual e abrir os olhos para os acontecimentos à minha volta³⁴.

Muito se lê sobre os caminhos possíveis entre o ensino de história e a literatura utilizando-se de romances históricos nacionais que ambicionam ambientar-se em contextos históricos “reais”. Mas, pouco se fala sobre interpelar a literatura distópica nas aulas de história sem impor uma interpretação superior do educador de como instigar os alunos a imaginarem ao ponto de tangenciar alguns elementos com a sociedade brasileira. Esta foi a preocupação que acompanhou a execução desse projeto de extensão. É nessa perspectiva que buscamos fomentar a leitura entre os estudantes de educação básica incentivando-os a pensar historicamente a realidade em diálogo com o romance distópico “O Conto da Aia”, de Margaret Atwood, publicado em 1985 nos Estados Unidos, traduzido pela primeira vez, no Brasil, pela editora Marco Zero (Marcia Deiró) em 1987. A proposta era a de que os estudantes atentassem para as condições de produção, circulação, recepção e atribuição de sentido, pois como aponta Jauss, uma obra não deve ser vista como parte da história

³³ TRUJILLO, María Paulina Moreno. **El cuento de la criada, lós símbolos y las mujeres em la narración distópica**. Escritos, Medellín: UPB, v. 24, n. 52, p. 185-211, jan./jun. de 2016. Disponível em: <http://www.scielo.org.co/pdf/esupb/v24n52/v24n52a09>. Acesso em 22 jan. 2020. p.188

³⁴ L.F.D., Monte Carmelo, 2023.

cronológica, há de considerar seu impacto em seu tempo histórico, ou seja, o momento de produção, sua função social e sua ação no tempo³⁵.

Tal proposta pode ser compreendida, nos termos de Walter Benjamin que vê a literatura como um caminho de interligação possível entre atingir e despertar um conhecimento do passado, por meio do real e do imaginário, ao se atentar ao contexto de produção que a obra está inserida é capaz de transformar a narrativa em uma imagem dialética a trazendo para o presente, possibilitando assim criar pontos de interseção entre o real e o imaginário.³⁶ A Literatura distópica se constitui assim, como uma potente ferramenta de análise social, uma vez que visa causar um estranhamento nos leitores por meio de suas críticas às formas de governo, organização social, controle das massas e exclusão das minorias e se constrói a partir de uma narrativa pessimista do futuro para o qual estar-se-ia inevitavelmente rumando. Conforme sinaliza María Trujillo, o universo apresentado nas distopias é concebido a partir da contraposição de duas narrativas: a do regime hegemônico e a da resistência a ele.³⁷ A linguagem apresenta-se como um elemento importante na construção de tal oposição. Segundo a autora, o contraste entre uso social e antissocial da linguagem (o que pode ou não ser dito) a torna o principal meio de repressão e de resistência nas distopias. E de acordo com Benjamin, é nesse momento que a imagem dialética produzida por meio da análise da obra utilizando-se de processos literários nos permite historicizá-la, por meio da problematização, entre o falso e o factível.

Isso posto, vemos a literatura distópica como um caminho possível e como um exercício para pensar a sociedade que vivenciamos, podendo fornecer meios de pensamento crítico para refletir sobre o real. Para Marvin Booker, essas obras “revelam o parentesco muito próximo que há entre a crítica social contida nas ficções distópicas e a crítica cultural e social modernas.” o que nos possibilita analisá-las e procurar um ponto de interseção entre as “relações entre a ficção distópica e a evolução gradual da história moderna”³⁸. Há na distopia vestígios de realidade que são afloradas por práticas negativas e ampliadas no sentido de

³⁵ JAUSS, Hans Robert. **A História da Literatura como Provocação à Teoria Literária**. São Paulo: Editora Ática S.A., 1994. p.57.

³⁶ BENJAMIN, Walter. **Sobre arte, técnica, linguagem e política**. Lisboa: Relógio D'Água, 1992

³⁷ TRUJILLO, María Paulina Moreno. **El cuento de la criada, los símbolos y las mujeres em la narración distópica**. Escritos, Medellín: UPB, v. 24, n. 52, p. 185-211, jan./jun. de 2016. Disponível em: <http://www.scielo.org.co/pdf/esupb/v24n52/v24n52a09>. Acesso em 22 jan. 2020. p.188

³⁸ BOOKER, Marvin. Keith. **Dystopian impulse in modern literature: fiction as social criticism**. Borges, Valdeci Rezende. História e Literatura: Algumas Considerações. Revista de Teoria da História, Ano 1, Número 3, junho/2010, Universidade Federal de Goiás. p.21.

fornecer caminhos para a construção de um pensamento crítico, quiçá, uma consciência histórica acerca da sociedade ao nosso entorno. Uma sociedade utópica “é próprio da dimensão histórica, a determinação da diferença entre a utopia e a distopia: o lugar feliz imaginado é realmente um não-lugar, no sentido em que não se coloca espacialmente na história mesma de quem escreve; porque aquilo que deseja o utopista é mostrar aos homens a imagem de um mundo feliz e racional”³⁹, visando mudanças individuais e coletivas no presente instituído.

A problematização da literatura é importante não apenas na historicização de sua narrativa, mas também na problematização das inquietações que o leitor tem na recepção da obra, na formação identitária, nas atribuições de sentido: os modos de ler, interpretar e representar o contexto sócio-político por meio de suas próprias regras dialogando com o falso e com a verdade, com o real e com a imaginário. A literatura distópica pode levar o leitor a refletir não só sobre o que existe - ou que existiu -, como também fazer uma projeção do que poderá vir a existir, registrando e interpretando o presente, reconstruindo o passado e inventando o futuro por meio de uma narrativa pautada no verossímil, da estética clássica, ou nas notações da realidade a fim de construir uma narrativa mais próxima do real possível.⁴⁰

Foi com esta perspectiva que levamos um grupo de alunos da Escola Estadual Professor Vicente Lopes Perez da cidade de Monte Carmelo - MG, no contraturno às sexta-feiras a noite, acompanhados por seus professores de História (2), que exerceram a função de colaboradores, que acompanharam todo o processo de desenvolvimento das atividades propostas, como a aplicação e discussão de sentidos durante as oficinas, a reconhecer diferentes fontes históricas relacionadas a obra, identificando autoria, seu contexto de produção, tempo-espaço, personagens, possibilitando-os a reconhecerem diferentes linguagens, agentes sociais e contextos históricos mobilizados; comparar diferentes pontos de vista sobre as temáticas abordadas na narrativa ficcional com a realidade vivida, avaliando as aproximações e distanciamentos entre a ficção e a realidade, sistematizando os resultados de forma a expressar seus pontos de vista individual e coletivo em diferentes suporte/linguagem.

³⁹ BERRIEL, Carlos Eduardo Ornelas. **Utopia, distopia e história**. In: Editorial da MORUS – Utopia e Renascimento 2, 2005. p.3.

⁴⁰ BORGES, Valdeci Rezende. **História e Literatura: Algumas Considerações**. Goiás: Revista de Teoria da História, Ano 1, n. 3, junho/ 2010.

O projeto foi organizado em forma de aula-oficina⁴¹ pautado no formato de tertúlias dialógicas literárias para a construção coletiva de sentido e conhecimento baseado nas experiências dos participantes, potencializando uma abordagem direta nas quais os integrantes leem e debatem às várias temáticas que a obra aborda a partir das experiências pessoais que possibilitam a aproximação com a literatura. Assim, o programa da oficina foi estruturado em três tópicos: introdução ao Conto da Aia, na qual trabalhamos algumas diferenças entre ficção e ficção especulativa associado a distopias, o contexto de produção e a recepção da obra; no segundo tópico, o enredo do qual enfocamos a construção dos personagens, a ambientação - espaço-tempo, os eventos narrados e os conflitos envolvidos na trama e por fim no terceiro tópico buscamos questionar e compreender o que a obra literária pode nos informar sobre (dar forma ao) o mundo em que vivemos, buscando fazer algumas correlações entre o fato e o factível. Sendo realizada em seis encontros presenciais na instituição parceira, o público alvo direto desse projeto consistiu em 18 estudantes matriculados no Ensino Médio.

Aprofundando a abordagem metodológica, diferente do estilo tradicional em que se enfocam as tertúlias de obras clássicas, propusemos a leitura do romance distópico de Margaret Atwood (2017), - reconhecendo a sua qualidade e sua grande reflexão dos temas latentes e universais que preocupam a humanidade independente da cultura e da época, mas, que especialmente no Brasil Contemporâneo esses temas estão cada vez mais sensíveis, ensejando a construção coletiva de sentido e conhecimento baseado nas experiências coletivas e individuais dos alunos, potencializando uma abordagem direta, nas quais os alunos leem e debatem as várias temáticas a partir das experiências pessoais que possibilitaram a aproximação com a literatura. Buscamos portanto, analisar a enunciação desses afetos⁴² com outros discursos autoritários e antidemocráticos já vivenciados não só pelos brasileiros no passado, como no presente, e foram percebidos mediante a compreensão desses leitores que destacaram alguns pontos de semelhança com a realidade brasileira. No intuito de evidenciar a recepção da narrativa distópica em questão, se evidencia como os estudantes que compartilharam suas impressões em grupo relacionam a narrativa distópica com as configurações sociais de seu tempo, especialmente como relacionam a obra com os dilemas políticos brasileiros contemporâneos.

⁴¹BARCA, Isabel. **Aula Oficina: do Projeto à Avaliação. In. Para uma educação de qualidade:** Atas da Quarta Jornada de Educação Histórica. Braga, Centro de Investigação em Educação (CIED)/ Instituto de Educação e Psicologia, Universidade do Minho, 2004.

⁴²CAMPELLO, Filipe. **A crítica dos Afetos.** Belo Horizonte: Autêntica. 2022.

O Conto da Aia retrata uma sociedade totalitária chamada Gilead, que antigamente fazia parte dos Estados Unidos. Quem narra é a protagonista Offred, uma "Aia", uma mulher fértil designada para procriar em um mundo onde a fertilidade se tornou rara devido a problemas ambientais. A sociedade de Gilead é baseada em uma interpretação extremista e distorcida de princípios religiosos, onde um governo teocrático controla todos os aspectos da vida. As mulheres são subjugadas, perdendo seus direitos e autonomia. Offred é forçada a servir a um Comandante e sua esposa, enfrentando uma rotina rigorosa e desumanizante. O diálogo com a narrativa permitiu que explorássemos temas como opressão, controle, feminismo e resistência, ao passo que Offred relembra sua vida antes da ascensão de Gilead, refletindo sobre as mudanças drásticas e traumáticas que ocorreram.

O suspense é mantido enquanto Offred tenta resistir silenciosamente ao regime, questionando sua própria identidade e buscando pequenos atos de rebeldia. A narrativa é contundente em sua abordagem dos extremos ideológicos, à subjugação das mulheres e aos perigos da mistura entre política e religião. A narrativa complexa e provocativa de Atwood desafia os leitores a refletirem sobre as implicações sociais e políticas, proporcionando uma visão perturbadora de um possível futuro distópico.

4 Experimentando a indissociabilidade entre Ensino, Pesquisa e Extensão

Esta experiência trouxe a possibilidades para que eu experimentasse conectar minha realidade enquanto estudante, seja na produção científica, no ensino ou na extensão, no esforço de me constituir como que busca compreender e propor soluções para as questões que se colocam em minha prática. No desenvolvimento desta proposta, experimentei a indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão que foi consagrada, juntamente com o princípio da autonomia universitária (didático-científica, administrativa e de gestão financeira e patrimonial), na Constituição Federal de 1988, no artigo 207⁴³. E conjuntamente atrelado a reestruturação curricular do curso de história, foi o que nos possibilitou reunir nesse trabalho de conclusão de curso, todas as experiências vivenciadas pela professora em formação.

Refletindo sobre minha experiência pessoal e acadêmica, é inegável a importância da extensão universitária como um elo vital entre a academia e a sociedade. Como estudante, pude vivenciar de perto os benefícios dessa interação enriquecedora. Através dos projetos de extensão, testemunhei como o conhecimento adquirido nos bancos universitários pode ser aplicado de maneira significativa para enfrentar problemas reais enfrentados pela comunidade. Ao participar deste projeto, foi possível compreender que a universidade não se limita às suas estruturas físicas, mas se estende para além delas, alcançando as necessidades e demandas da população local. Essa conexão entre a academia e a sociedade não só ampliou meu entendimento sobre a pesquisa, mas também me proporcionou oportunidades práticas de engajamento e aplicação e produção de conhecimento. Não apenas no momento de ensino, de produção de fontes sobre como se pode aprender e ensinar com a literatura, mas também oportunidade de aprendizagem do ser professora de história.

Para tanto, a valorização dos saberes, identidades, memórias e trajetórias dos educandos foi fundamental. O que, sem dúvida, corresponde ao caráter crítico, dialógico e transformador referenciado em Paulo Freire que em seu livro "Extensão e comunicação?", estabelece a extensão como aquela que comunica a cultura, dessa forma, entende que a comunicação promove a conscientização. Neste cenário, Paulo Freire narra como o fenômeno educativo acontece, não no sentido de transferir nem de invadir, mas de participação do sujeito no ato de aprender, isso vale também para a extensão. Nessa perspectiva, o autor entende que “o conhecimento não se estende do que se julga sabedor até aquelas que se julgam não saberem; o conhecimento se constitui nas relações homem-mundo, relações de transformação, e se aperfeiçoa na problematização crítica destas relações.”⁴⁴

⁴³BRASIL. Constituição (1988). **Artigo 207**. Disponível em: [Constituicao-Compilado](#). Acessado em 7/04/2024.

⁴⁴ FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 64. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2016. p.22.

Assim como Freire, entendemos que o processo da extensão se constrói a partir das relações dos humanos com o mundo, pois não existe conhecimento sem essa relação, porque não existe um sem o outro. Como práxis e ação transformadora a extensão universitária se fortalece, práxis da ação-reflexão-ação visto que permeia por campos diferentes, mas que se complementam, compreendendo os estudantes “como sujeito do conhecimento de si mesmo.”⁴⁵ e não como público alvo à espera da cultura produzida pela universidade.

O projeto “Entre páginas e memórias: O Conto da Aia como possibilidade de ensino aprendizagem”, buscou incentivar a leitura crítica de obras literárias desde a análise histórica do "O conto da Aia" de Margaret Atwood (2017), atentando para suas condições de produção, circulação, recepção e atribuição de sentido. Objetivamos, portanto, explorar os usos metodológicos da Literatura como aporte para o desenvolvimento de um pensamento histórico crítico por parte dos estudantes do ensino médio da rede de educação básica, a fim de executar metodologias investigativas que permitam interpretar o tempo presente a partir de uma literatura distópica. Partindo da premissa que os alunos podem estabelecer a relação passado presente e como suas experiências extra escolar impactam em suas percepções de mundo e consequentemente em seus aprendizados escolares. E que com a análise crítica da obra é possível criar um sentido para a narrativa para com que possa ser compreendida de forma historicizante e didática, sendo relacionada com os programas nacionais de Ensino de História das redes estaduais de educação básica do Estado de Minas Gerais.

Dessarte, compactuamos com a visão de que a tríade ensino, pesquisa e extensão não deve ser vista como entidades separadas, mas sim como partes de um todo coeso. O ensino alimenta a pesquisa, a pesquisa enriquece o ensino e a extensão conecta a academia com a sociedade. É esse ciclo contínuo de aprendizado e impacto que fundamenta o propósito da educação como um todo.⁴⁶ Dessa forma, por meio da mudança do currículo que incorporou esses três pilares para uma formação integral, foi possível compreender que a interação entre a universidade e a comunidade local não só enriquece a experiência dos alunos, como também demonstra um compromisso genuíno com o bem-estar e o desenvolvimento da sociedade. Afinal, é através dessa integração que podemos desenvolver profissionais capacitados não apenas a transmitir conhecimento, mas também a aplicá-lo de maneira significativa para promover o progresso e o bem-estar da comunidade.

⁴⁵ FREIRE, Paulo. **Extensão ou Comunicação?** 14. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2019. p.35.

⁴⁶ MELO, José Francisco de. **Extensão Universitária – diálogos populares**. 2.ed. João Pessoa: Editora da UESB, 2002.

PARTE II: PODE “O CONTO DA AIA” SER UMA FERRAMENTA DE APRENDIZAGEM E REFLEXÃO HISTÓRICO-CRÍTICA?

A literatura é capaz de trazer conhecimento informando sobre a realidade ou instituindo-a. Segundo Candido (1972), ela pode trazer não só uma reflexão sobre a obra, mas também provocar um senso crítico sobre a realidade social de seu entorno, tornando a trama historicizante ao representar o mundo social por meio da literatura ficcional, regional, científica, entre várias outras. Nesse sentido é representação social e histórica, um fato estético e histórico retratando as experiências, as expectativas, as questões que movimentam cada sociedade e seu tempo histórico, tomando como referência não só o passado mas também fontes e técnicas de métodos históricos para que se possa produzir um enredo com “efeito de realidade”.⁴⁷ Assim sendo, pretendeu-se nesta parte, pensar, à luz dos comentários dos leitores da literatura distópica de Margaret Atwood, as questões brasileiras contemporâneas procurando-se identificar as aproximações e distanciamentos possíveis entre estas duas realidades, levando-se em conta os aspectos da verossimilhança pelos quais a literatura opera e as escalas de verdade com as quais a história trabalha, entre o falso e o factível, entre o possível e o provável. O desfecho aponta para o fato de que a realidade distópica descrita na obra literária pode ter sido uma chave significativa de leitura para a compreensão da realidade sócio-política brasileira.

A fim de perceber como os leitores interpretaram e produziram sentido para a obra, apresentamos como os leitores buscaram a interseção entre a percepção da distopia gileadeana e suas possíveis relações com a sociedade brasileira contemporânea. Partimos das produções textuais dos estudantes que em sua maioria estavam cursando o terceiro ano do ensino médio, na faixa etária de 16 a 18 anos, sendo 72,2% pessoas do gênero feminino, 77,8% do total se autodeclararam ser brancos. Utilizamos também resenhas da obra “O Conto da Aia”, disponíveis em sites e blogs que fizeram algumas correlações com a sociedade brasileira, publicadas entre 2015 a 2022, a fim de ampliarmos nossa compreensão das relações entre a leitura de uma distopia com a conjuntura sócio-política brasileira após o golpe de 2016 como ponte para a chegada de grupos da extrema direita ao poder.

Pautando-se em 3 recortes espaço-temporais, as críticas ao livro de 2015-2016, quando o cenário político do Brasil ainda não estava tomado pelas políticas econômico-liberais e

⁴⁷ SANTOS, Regma Maria dos. **Crônica e história: realidade e ficção no discurso jornalístico**. In: SERPA, Elio Cantalicio; MENEZES, Marcos Antonio (org.). *Escritas da história: narrativa, arte e nação*. Uberlândia: EDUFU, 2007. p.6

político-conservadoras que ascenderam ao centro da política, após o Golpe de 2016, mas já começa a se inserir nesse contexto. O recorte 2017-2018 cuja temporalidade está inserida em um contexto após o lançamento da série, com fortes influências dos respaldos do golpe de 2016, marcando o início da ascensão e consolidação dos grupos de extrema direita, e os efeitos dos discursos da campanha eleitoral que acabou elegendo Jair Bolsonaro. Logo após, com o marco de 2019-2022 buscaremos evidenciar qual foi a concepção dos leitores brasileiros ao pesquisarem o termo ‘O Conto da Aia’ diante das vivências no governo Bolsonaro, com o intuito de analisar como os leitores relacionam o enredo ao contexto sócio-político. A proposta é pensar com a literatura questões sociais contemporâneas, por meio da interpretação e dos sentimentos evocados pela narrativa de Margaret Atwood, quando destacam as experiências individuais e coletivas ao trazerem tais referências em suas reflexões.

5 Interpelar a literatura para entender história do tempo presente

Não é recente a problemática em torno da elaboração curricular na qual o corpo docente luta por diretrizes que abranjam a diversidade e a inclusão, além de terem uma maior liberdade para abordar temáticas previstas nas PCNs que sejam sensíveis. Recentemente, com a nova formulação do Ensino Médio, entretanto, esse nefasto cenário se agravou, com as disciplinas obrigatórias tendo sua carga horária reduzida para dar lugar a itinerários formativos que poderão ser ministrados por profissionais com ‘notório saber’. Nesse contexto, a elaboração de aulas que visem a construção de cidadão crítico, além de sua contribuição para a transformação da sociedade, podem ficar em segundo plano, já que é evidente que este (des)projeto visa a ‘qualificação para o trabalho’, mesmo sem as escolas terem suporte para implementar o ensino técnico e profissionalizante.

É neste contexto que a realização da oficina buscou promover o ensino transversal nas aulas de História por meio de uma abordagem pedagógica que visa integrar diferentes temas e disciplinas, transcendendo as fronteiras tradicionais do currículo escolar. Assim, ao trabalhar com temas sensíveis, essa abordagem adquire um destaque maior, pois, permite uma análise mais delicada e contextualizada de questões, que muitas das vezes, são profundamente interligadas com a experiência social humana. Atingindo, portanto, um ensino-aprendizagem tanto como fenômeno social quanto ao desenvolvimento do sujeito, atento para seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação do trabalho, além da transformação da sociedade que constituem os pilares dos fundamentos da educação.

Segundo a definição de Gil e Eugênio, o tema sensível é “aquele carregado de “questões quentes”, “sensíveis” ou “difíceis”, “vivas” ou “controversas”, “socialmente vivas”” como também “cheio de emoções, politicamente sensível, intelectualmente complexa e importante para o presente e o futuro em comum”⁴⁸, sejam explorados de maneira mais contundente para o desenvolvimento e/ou aperfeiçoamento de habilidades críticas, capacitando os estudantes analisar, questionar e refletir sobre temáticas em diversos tempos históricos sob diferentes perspectivas, contribuindo para a formação cidadã consciente, capaz de torná-los agentes sociais de sua própria história.

A educação escolar vem enfrentando diversos desafios, principalmente quando o enfoque das aulas de História menciona temas latentes como o cenário político. No retorno

⁴⁸ GIL, Carmem Zeli de Vargas; EUGÊNIO, Jonas Camargo. **Ensino de História e temas sensíveis: abordagens teórico-metodológicas**. Revista História Hoje, p.139-159, vol. 7, nº 13, jun, 2018. Disponível em: <https://rhj.anpuh.org/RHHJ/article/view/430/273>. Acesso em: 28 set. 2019. p.142

das aulas presenciais, muitos professores destacam os desafios que vem enfrentando devido às consequências de um ensino que não foi pensado para a maioria dos jovens durante o período pandêmico, os quais vêm apresentando grandes dificuldades na escrita, leitura e interpretação de texto. Assim, um dos principais objetivos do projeto de extensão era desenvolver uma metodologia para as aulas de História ficarem mais atraentes, sendo capaz de retratar temas latentes e sensíveis para a sociedade brasileira de modo que atingisse uma das problemáticas do ensino pós-pandêmico e contribuísse para amenizá-lo.

Propomos atuar na diminuição da intolerância e preconceito no ambiente escolar por meio do romance distópico, abordando conceitos como machismo, teocracia, feminismo, patriarcado, autoritarismo, resistência, LGBTQIA+fobia, entre outros, estabelecendo uma alegoria⁴⁹ que proporciona uma compreensão mais profunda e reflexiva sobre essas questões, com o intuito de desenvolver a capacidade crítica e histórico-crítica dos estudantes. E para melhor sistematizar o conhecimento compartilhado durante as tertúlias, propusemos ao final do projeto a produção livre de um documento que sintetizasse os processos de reflexão experimentados pelos cursistas durante as oficinas, demonstrando sua capacidade de atribuir sentido à obra analisada.

5.1 O conto da Aia como objeto cultural: Oficina I

A primeira aula-oficina “Introdução ao Conto da Aia”, elaborada em 3 tópicos pautou-se na apresentação do livro, cujo objetivo principal consistiu em trabalhar com fontes históricas de diversos tipos, identificando seu contexto de produção (tempo/espaço/sujeito) e relacionando-as entre si a fim de compreender quando, onde e como a obra em questão foi produzida, ganhou notoriedade e como se faz presente nos dias atuais, (1.2 - O contexto de produção da obra) reconhecendo, portanto, o papel das diferentes linguagens, dos diferentes agentes sociais e dos diferentes contextos envolvidos em sua produção e circulação (1.3 A recepção da obra (1985, 1987, 2006, 2017, 2019). A oficina foi realizada a partir da análise de fontes diversas (bibliografia, resenhas, recorte de jornais, trechos da obra, trechos da série,

⁴⁹ É importante recordar que o debate sobre a relevância da alegoria na análise das narrativas literárias se estendeu até o século XX, procurando conciliar seu contexto ideológico e validá-la como um recurso para compreender um universo social complexo, com raízes históricas profundas. No contexto das incertezas contemporâneas, sua importância emergiu como resultado de influências estéticas e ideológicas, adaptando-se a novas formas de expressão artística e influenciada pela predominância dos paradigmas marxistas, que orientam uma visão política da produção literária. Ao unir as características dessas duas abordagens, Walter Benjamin (2004) concebe o tempo social como um elemento crucial para uma apreciação adequada da arte, onde a alegoria se manifesta como uma ferramenta esclarecedora do passado na história e do presente nela. Essa mesma noção de alegoria pode ser aplicada em propostas educacionais, como a que desenvolvemos, que considera a diversidade da sala de aula e as diferentes realidades vivenciadas no meio escolar.

capas e contra capas, entre outros), que foram divididas entre os grupos de alunos, que fizeram a leitura e em uma roda de conversa, refletiram sobre o que leram e preencheram uma ficha crítica externa sobre os assuntos retratados.

Imagem 1: Ficha de sistematização Oficina 1



Entre páginas e memórias: O Conto da Aia como possibilidade para o ensino e aprendizagem em história

Nome: _____

Apresentação da obra - O Conto Da Aia (2017)

Título:

Autor:

Nome do ilustrador:

Editora:

Local:

Edição:

Data:

Número de páginas:

Gênero Literário

() narrativo () épico () lírico () dramático

Tipologia textual

() carta () crônica () expositivo () outro Qual? _____

Local de produção e datação

Local de produção:

Datação das traduções no Brasil

Dados biográficos

1. Autor (dados biográficos e obras)
2. Em quais circunstâncias viveu o autor?

Suporte

1. Língua original
2. Suporte original (livro, tela, ópera)
3. Suportes adquiridos ao decorrer do tempo
4. Disponibilidade atual de acesso
5. Circulação da obra
6. Contexto histórico da circulação da obra

Temática

1. Quais os principais temas retratados na obra?
2. Quais fatos sociais e políticos que marcaram o contexto de produção da obra
3. Quais os fatos sociais e políticos que marcaram a volta da circulação da obra
4. Levando em consideração tudo que você compreendeu hoje, faça uma breve apresentação das suas expectativas da obra? O que espera encontrar nela?

FONTE: Autoria própria. 2023.

Assim, foi apresentado aos cursistas, divididos em 5 grupos, algumas informações sobre o contexto de produção, recepção e circulação, que posteriormente ganhou sentido, ao compartilharem seus entendimentos sobre o que tinham acabado de ler. Compreendendo que originalmente denominado como *The Handmaid's Tale*⁵⁰, foi publicado pela editora McClelland and Stewart, *O conto da Aia* constituindo-se em um romance distópico publicado em 1985 pela escritora canadense Margaret Atwood. Que inicialmente foi traduzido para o português em 1987 por Márcia Serra, publicado pela editora Marco Zero (primeira editora a conseguir os direitos de tradução das obras da autora no Brasil). A qual foi fundada em 1980 e fechada em 1999, recebendo o título de *A História da Aia*. Salientando que, pouco se sabe sobre a recepção dessa primeira edição.

Mencionamos também sobre o contexto de produção da obra, que começou a ser escrita em 1984, quando a autora vivia em Berlim Ocidental e foi terminada em 1985 quando a mesma já se encontrava no Alabama-EUA. Frisando que, inicialmente a obra chamaria Offred (Defred), mas seu título mudou para *The Handmaid's Tale* (O Conto da Aia) em 1985.⁵¹ Publicada, a obra ganhou o prêmio canadense “Governor General’s Award”, em 1985, “Arthur C. Clarke Award”, conceituado prêmio de ficção científica britânico em 1987.

Buscamos evidenciar as vivências da autora, para que eles pudessem refletir sobre como as experiências particulares poderiam (ou não) ter afetado as escolhas da autora em sua escrita distópica. Margaret Atwood nasceu em 1939 em Ottawa dentro de um cenário mundial cercado pela influência da Segunda Guerra Mundial em seus primeiros anos de vida. Em seu país vizinho (EUA) na década de 1980 era palco de uma onda conservadora no âmbito religioso marcado por discursos extremistas que visavam a submissão e subordinação das mulheres e das minorias, década essa que começa a escrever suas obras claramente marcadas por uma característica - a narração por meio da perspectiva feminina. Em uma entrevista para o evento BookCon em 2017, Margaret revelou a influência da distopia 1984 de George Orwell na sua própria (cuja escrita foi iniciada justamente no ano em que Orwell lançou-se a obra). Segundo a autora, o ato de escrever sua obra foi pautado em três grandes conjecturas: seu interesse em estudar sobre a teocracia puritana norte-americana do Século XVII, seu fascínio por utopias e distopias e seu questionamento recorrente de como seria uma ditadura norte-americana (caso houvesse uma em algum momento) e afirmou também que quando escreveu a distopia, não descreveu nada que já não tivesse acontecido: “Quando eu escrevi

⁵⁰ ATWOOD, Margaret. **The Handmaid's Tale**. New York: McClelland. 1985.

⁵¹ FRONTEIRAS. Margaret Atwood. Escritora. Disponível em: [Margaret Atwood | Fronteiras do Pensamento](#). Acessado em 31/03/2023.

The Handmaid 's Tale, nada entrou no livro que não tivesse acontecido na vida real, em algum lugar e em algum momento”⁵².

Ao trabalharmos com a recepção da obra em solos nacionais, destacamos que no mesmo período em que a obra era escrita, o Brasil vivia o início da abertura política que levou ao fim da Ditadura Militar brasileira. O regime ditatorial havia atingido todo o mercado editorial com a instauração da censura, como podemos ver por meio da declaração de Máues Flamarion em uma entrevista:

“em seus primeiros dias o setor da edição de livros, ainda que de modo pontual. No dia 3 de abril daquele ano - ou seja, apenas dois dias após o golpe que derrubou João Goulart -, a Editorial Vitória, editora vinculada ao PCB, teve sua sede invadida e foi posta na ilegalidade. Nesse mesmo dia o escritório da Editoria Vitória em SP tbm foi invadido pela polícia e os livros que estavam lá estocados foram apreendidos⁵³

E que somente a partir de 1975, com o começo da abertura econômica que marca o final do período do regime militar, o campo editorial brasileiro recomeça a tomar fôlego. Sendo neste cenário de estertores da ditadura e enfrentando ainda algumas das consequências da situação política que a editora Marco Zero foi fundada. Criada em 1980 por José da Silveira e Felipe Lindoso, e posteriormente Márcio Souza, todos três eram ex-militantes da Ala Vermelha - organização que defendeu a luta armada nos anos 1960. A editoração publicou diversos ensaios do campo de lutas e resistências como por exemplo: sobre luta armada, sindicatos, depoimento de militantes políticos, a crise do socialismo na Europa, romances de autores cubanos e de várias vanguardas⁵⁴. Em 1987, a editora Marco Zero adquire os direitos e publica o romance distópico de Margaret Atwood traduzido por Márcia Serra. Atwood foi, a propósito, a única canadense traduzida pela editora. Ao todo, a Marco Zero traduziu 7 obras de Atwood até seu fechamento que foi provocado por questões iminentes da ditadura (Novodvorski, 2020), e que apesar de encontrarmos certa rigidez de alcance no cenário nacional, a narrativa continuou repercutindo no cenário internacional, até que em 2017 repercutiu em solos brasileiros. Entretanto, em 1999 devido a dificuldades financeiras a editora associou-se à Editora Nobel e os direitos de tradução da obra foram vendidos à editora ROCCO que retraduziu a obra em 2006.

⁵² The 2019 Booker Prize. **The Booker Prizes**. Disponível em:

<<https://thebookerprizes.com/the-booker-library/prize-years/2019>>. Acesso em: 8/2023.

⁵³ MAUÉS, Flamarion. **Livros, editoras e oposição à ditadura**. Estudos Avançados, São Paulo, Brasil, v. 28, n. 80, 2014. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/eav/article/view/79685>, p.129-130. Acesso em: 28 abr. 2024.p.129-130

⁵⁴ NOVODVORSKI, Ariel; CARNEIRO, Raphael Marco Oliveira. **Entrevistas, Cad.** Trad. 40.2021. Disponível em: <https://doi.org/10.5007/2175-7968.2020v40n1p308>. Acessado em: 31/03/2023.

Todo esse contexto foi exposto meio do diálogo em roda de conversa, mas que estava subentendido por meio das fontes utilizadas entre os grupos 1 e 2 compostos por tais fontes:

Imagem 2: Fontes trabalhadas na oficina 1



Entre páginas e memórias: O Conto da Aia como possibilidade para o ensino e aprendizagem em história

GRUPO 1: AUTORA E CONTEXTO DE PRODUÇÃO

Imagem 1: Margaret Atwood



FONTE: GOOGLE, Fotos. Margaret Atwood. Disponível em: <https://abre.ai/gJVo> . Acesso em: 6/2023.

MARGARET ATWOOD

Margaret Atwood é conferencista da Temporada 2021 do Fronteiras do Pensamento. Com uma extensa obra publicada, Margaret Atwood é uma das mais relevantes autoras da atualidade. Romancista, poeta, contista, ensaísta e crítica literária, lançou seu primeiro livro de poemas em 1969. Muitos dos seus textos são inspirados nos contos de fadas europeus e na mitologia euro-asiática. Um dos seus livros de maior sucesso é O conto da aia, publicado em 1985, que já vendeu milhões de cópias no mundo todo e inspirou a série homônima de televisão. O livro é situado num futuro próximo na Nova Inglaterra e apresenta uma teonomia totalitária fundamentalista cristã que derrubou o governo dos Estados Unidos.

O conto da aia recebeu o Prêmio Arthur C. Clarke em 1987 e foi nomeado aos prêmios Nebula e Prometheus, todos de ficção científica. A autora, no entanto, gosta de classificar o romance como uma ficção especulativa ou “ficção científica social”. Atwood foi agraciada com o Prêmio Príncipe das Astúrias e indicada várias vezes para o Prêmio Booker, tendo ganhado no ano 2000 com o romance O assassino cego e em 2019 com Os testamentos. Conhecida por seu ativismo político, ambiental e em prol das causas femininas, em seus livros mostra mulheres que triunfam sobre a dor e os obstáculos.

Graduada em Artes e Inglês, também estudou filosofia e francês, tendo concluído Mestrado na Universidade Radcliffe e dois anos de pós-graduação em Harvard. Lecionou língua e literatura inglesas nas universidades de British Columbia, Sir George Williams (em Montreal), de Alberta, e York (em Toronto), entre outras. A escritora recebeu diplomas honorários das universidades da Irlanda, do Royal Military College do Canadá, de Oxford, de Cambridge e da Sorbonne.

FONTE: MARGARET ATWOOD. Fronteiras. 2021. Disponível em: [Margaret Atwood | Fronteiras do Pensamento](#). Acesso em: 8/2023

FONTE: Autoria própria. 2023.

Imagem 3: Fontes trabalhadas na oficina 1



NEPHISPO
NÚCLEO DE ESTUDOS E PESQUISAS EM HISTÓRIA POLÍTICA



Entre páginas e memórias: O Conto da Aia como possibilidade para o ensino e aprendizagem em história

GRUPO 2: capas e contracapas

Capa 1: A História da Aia



MAIORES INFORMAÇÕES:

Editora: Marco Zero

Edição: 1987

Ilustração da capa: Fred Marcellino

Tradução: Márcia Serra

capa 2: O Conto da Aia



MAIORES INFORMAÇÕES:

Editora: Rocco

Edição: 2006

Ilustração da capa:

Tradução: Márcia Serra

FONTE: Autoria própria. 2023.

Imagem 4: fontes trabalhadas na oficina 1



Entre páginas e memórias: O Conto da Aia como possibilidade para o ensino e aprendizagem em história

Capa 3: O Conto da Aia



MAIORES INFORMAÇÕES:

Editora: Rocco

Edição: 2017

Ilustração da capa: Laurindo Feliciano

Tradução: Ana Deiró

Capa 4: O Conto da Aia



MAIORES INFORMAÇÕES:

Editora: Rocco

Edição: 2019

Ilustração da capa: não encontrado

Tradução: Ana Deiró

FONTE: Autoria própria. 2023.

Imagem 5: fontes trabalhadas na oficina 1



Entre páginas e memórias: O Conto da Aia como possibilidade para o ensino e aprendizagem em história

CONTEXTO DE PRODUÇÃO :

Na primavera de 1984, em uma Berlim ainda dividida pelo Muro, uma jovem escritora canadense começou a carreira com um romance em que imaginava um macabro regime puritano, Gilead, se impondo nos Estados Unidos, anulando as liberdades, transformando as mulheres férteis em servas, e impondo um feroz sistema de vigilância. Mais de três décadas depois de sua publicação, *O Conto da Aia* retomou às listas de livros mais vendidos, foi adaptado para uma bem-sucedida série de televisão, que já está na terceira temporada, e em todas as marchas a favor dos direitos das mulheres estão as roupas vermelhas e os chapéus brancos, descritos no romance. A distopia de Margaret Atwood (Ottawa, 1939) voltou com força, e a prolífica autora – que publicou seu primeiro livro de poemas em 1969 e tem 60 livros escritos (quase um por ano, incluindo ensaios, livros infantis, contos e até quadrinhos) – se decidiu a escrever a sequência.

FONTE: AGUILAR, Andrea. *Margaret Atwood, autora de “O Conto da Aia” “para mim é natural ser uma ‘raposa velha’ malvada”*. El País. 2019. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2019/09/06/cultura/1567786560_937893.html. Acesso em: 5/2023.

SUCESSO APÓS 30 ANOS:

Um dos elementos para o sucesso de [“O Conto da Aia”](#), além de seu timing e de seu cuidado de produção, era justamente o quanto a trama de Atwood antecipou inquietações que logo se tornariam recorrentes. Em marchas de mulheres contra as primeiras medidas de Trump, logo após sua posse, algumas carregavam cartazes com os dizeres “Façam Margaret Atwood virar ficção de novo”. Desde então, o impactante visual imaginado para a série para retratar as “aias” da história – um hábito vermelho destinado a apagar a individualidade das mulheres tornadas “propriedades” dos homens – foi incorporado em performances e protestos públicos que irromperam na esteira do movimento #MeToo.

Essa ancoragem do “Conto da Aia” na realidade foi obtida por Atwood com um artifício simples e engenhoso: O romance inventa muito pouco e se ampara não no amanhã, mas no passado. As restrições e abominações perpetradas contra as mulheres no romance foram todas retiradas de episódios reais do passado histórico, apenas reunidas convenientemente no mesmo cenário.

O reconhecimento extemporâneo que Atwood obteve por *O Conto da Aia* foi o suficiente para que ela própria trouxesse aquele mundo de volta em uma outra obra, denominada “Os Testamentos”, lançada após o sucesso da série. Mas suas virtudes não se restringem ao Conto da Aia.

Atwood é uma autora com um domínio sóbrio e seguro da linguagem. Sua prosa é sofisticada num grau que não se confunde com hermetismo. Talvez a chave para entender por que seus livros agora são considerados visionários é seu interesse onívoro no ontem, no hoje e no amanhã – interesse expresso em três grandes vertentes temáticas que cruzam o conjunto de sua obra: a História, o feminismo e os avanços da tecnologia.

FONTE: Margaret Atwood: muito além do “O Conto da Aia” . Fronteiras. 2021. Disponível em: <https://www.fronteiras.com/leia/exibir/margaret-atwood-muito-alem-do-lconto-da-aiar>. Acesso em: 5/2023.

FONTE: Autoria própria. 2023.

Imagem 6: Fontes trabalhadas na oficina 1



Entre páginas e memórias: O Conto da Aia como possibilidade para o ensino e aprendizagem em história

Contracapa 1: A História da Aia



Contracapa 2: O Conto da Aia



Contracapa 3: O Conto da Aia



FONTE: Autoria própria. 2023.

E para justificar a volta da circulação da obra após 30 anos de lançamento, evidenciamos que o romance nunca deixou a cena internacional. Entre 1987 e 2017, o romance foi adaptado para vários canais e veículos de comunicação. No ano de 1990, a obra ganhou uma versão longa-metragem para os cinemas, que apesar de não ter indícios de ter circulado nas salas de cinemas brasileiro estava disponível no catálogo da Telecine Play, em 2018, com o título *O Conto da Aia*. No Brasil, a série afetou diretamente a produção e circulação do livro que foi relançado pela editora Rocco em maio de 2017 - um mês após o lançamento do streaming nos Estados Unidos e sua repercussão nas redes sociais. Nesse período, o Brasil vivenciava a ascensão de correntes conservadoras da chamada (nova) direita com seus discursos misóginos que ascendiam à cena pública. Assim, o lançamento e o sucesso da série, quando analisados amplamente, interferem na venda e na recepção da obra. O que não aconteceu com esse grupo de alunos, ao serem questionados pelo formulário de inscrição se tinham conhecimento da obra e a maioria - 72,3% afirmarem que já tinham ouvido falar, mas quando a pergunta foi se já havia lido o livro nenhum dos participantes tinham feito a leitura e para além disso, quando questionamos se a série tinha influência nesse processo apenas 44,4% afirmaram que sim. Interpelados posteriormente sobre a origem dessa influência, fomos surpreendidos com a informação de que o conhecimento do livro veio por meio da divulgação da proposta do projeto de extensão na escola.

Assim, fizemos uma exposição detalhada sobre a produção, recepção e circulação da obra, no intuito de aflorar ainda mais a curiosidade sobre a trama e incentivasse a leitura da obra por completo para além das oficinas, já que pelo curto espaço de tempo não iríamos conseguir analisá-la na íntegra. Dessarte, ainda sobre a circulação, apresentamos aos alunos que em seu relançamento nos Estados Unidos uma nova introdução foi escrita pela autora, onde evoca a gênese da obra, ressaltando que não escreveu nada do que já não tinha existido até aquela época e que o intuito era demonstrar que uma democracia liberal é passível de se transformar em um regime não só totalitário como também totalitário teocrático, como é o caso da sociedade de Gilead apresentada em *O Conto da Aia*

"Os trajes modestos usados pelas mulheres de Gilead decorrem da iconografia religiosa ocidental — as Esposas vestem o azul da pureza, da Virgem Maria; as Aias vestem vermelho, do sangue do parto, mas também de Maria Madalena. Além disso, é mais fácil ver o vermelho se por acaso você estiver fugindo. As mulheres de homens inferiores na escala social são chamadas de Econoesposas e vestem listrado. Devo confessar que as toucas que escondem o rosto não vêm dos trajes de meados da era vitoriana ou das freiras, mas da embalagem do produto de limpeza Old Dutch Cleanser dos anos 1940, que mostrava uma mulher de rosto oculto e me apavorava quando criança. Muitos totalitarismos usaram o vestuário, tanto proibido como forçado, para identificar e controlar as pessoas — pensem nas estrelas

amarelas e na púrpura romana — e muitos governaram por trás de uma fachada religiosa. Isto facilita muito a criação de hereges.”⁵⁵ (introdução da versão publicada nos EUA).

No Brasil, o filme lançado sobre *O Conto da Aia* foi intitulado como “A decadência de uma espécie”, sendo exibido algumas vezes no Telecine Cult, no início de 2020. Porém, o filme deixou o catálogo do streaming e não há informações de retorno. O filme faturou cerca de 4 milhões de dólares nas bilheterias mundiais, produzido por Harold Pinter e pela própria autora do livro Margaret Atwood, sendo dirigido por Volker Schlöndorff, tendo como atriz principal Natasha Richardson.⁵⁶

A obra também foi adaptada para o ballet e ópera. Sendo a ópera composta por Poul Ruders nos anos 2000. Essas adaptações enfatizam o papel das mulheres vistas somente como uma máquina de reprodução de um governo teocrático gerido por uma classe dominante. As mulheres vestem vermelho e ficam imortalizadas por serem férteis. O concerto retrata também alguns artefatos que remetem aos regimes autoritários que são expostos no palco. A ópera foi composta por apenas 4 récitas e estreou no Teatro Real de Copenhague - Dinamarca. Posteriormente sua produção foi passada para a English National Opera em 2003, com apresentações em Londres, em Toronto em 2004 e recentemente, durante a pandemia de Covid-19 a direção foi assumida por Annilese Meskmon, que teve que ensaiar a companhia virtualmente, na Inglaterra.⁵⁷ Já a peça teatral foi composta pelo dramaturgo Cincinnati Joe Stollenwerk. Nesta encenação a personagem principal, estrelada por Mohlenhoff, fica sozinha durante toda a apresentação, procurando representar com fidelidade todas as cenas emocionantes presentes na obra escrita por Atwood.

Desta maneira, mais de 30 anos após o lançamento da primeira edição do livro, a obra volta a ser destaque com a produção de *streaming* “The Handmaid’s Tale” pela plataforma Hulu. Produzida por Bruce Miller foi lançada em 26 de abril de 2017, nos Estados Unidos. No Brasil, passou a ser exibida pelo canal Paramount Channel em 11 de março de 2018, inserida novamente em um cenário mundial onde as polarizações ideológicas, políticas e religiosas se intensificavam. A estreia da série no território norte americano coincidiu com a posse de Donald Trump, reforçando algumas ansiedades e inquietações no seio da sociedade americana, demonstrando suas profundas tensões ideológicas que relacionam a narrativa tanto

⁵⁵ ATWOOD, Margaret. **The Handmaid's Tale**. New York: Anchor Books. 2017.b

⁵⁶ SNIGURA, Marcos. **Filmes The Handmaid’s Tale: A decadência de uma espécie - legendas**. Disponível em: [Filme The Handmaid's Tale: A Decadência de uma Espécie - Legendas](#) Acesso em: 30/07/2022.

⁵⁷FOLHA DE SÃO PAULO. **The Handmaid’s Tale’ vira ópera em Londres**. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2022/04/the-handmaids-tale-vira-opera-em-londres-e-remete-a-guerras-do-mundo-real.shtml> . Acesso em: 31/02/2023.

da obra e da série, no qual viam no presidente e em seu governo uma semelhança com a narrativa construída no romance, uma vez que Trump não media esforços para menosprezar o papel da ONU, não dava a devida importância para o aquecimento global, ao banir viajantes, sobretudo, muçulmanas, ao barrar concessões federais e assumir posições homofóbicas e antiaborto.⁵⁸ O que foi trabalhado também pelo grupo 5 ao levarmos os trechos de produções audiovisuais:

Imagem 7: fontes trabalhadas na oficina 1



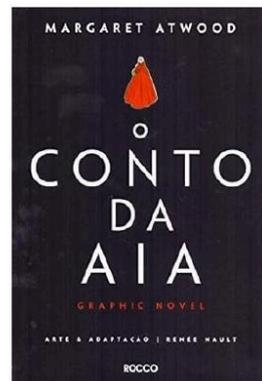
Entre páginas e memórias: O Conto da Aia como possibilidade para o ensino e aprendizagem em história

GRUPO 5: PRODUÇÕES OUTRAS

Capa 1: Filme “O Conto da Aia”



Capa 2: O conto da Aia Graphic Novel



Vídeo 1 - trailer série: The Handmaid's Tale | Trailer Globoplay. Disponível em: [The Handmaid's Tale | Trailer Globoplay](#). Acesso em: 8/2023.

Vídeo 2 - trailer da série detalhado: THE HANDMAID'S TALE BRASIL. The Handmaid's Tale | Trailer oficial legendado. YouTube, 14 ago. 2018. Disponível em: [The Handmaid's Tale | Trailer oficial legendado](#). Acesso em: 8/2023.

Vídeo 3 - Trailer filme: The Handmaid's Tale - Indoctrination of Handmaids Scenes. Disponível em: [The Handmaid's Tale - Indoctrination of Handmaids Scenes](#). Acesso em: 8/2023.

Vídeo 4 - trailer ópera: Poul Ruders' The Handmaid's Tale. Disponível em: [Poul Ruders' The Handmaid's Tale](#). Acesso em: 8/2023.

Vídeo 5 - Livro anti chamadas: The Unburnable Book: Margaret Atwood's THE HANDMAID'S TALE. Disponível em: [The Unburnable Book: Margaret Atwood's THE HANDMAID'S TALE](#). Acesso em: 8/2023.

FONTE: Autoria própria. 2023.

⁵⁸ THE GUARDIAN. **Trump election reframed tv version of The Handmaid's Tale says Margaret Atwood.** Disponível em: [Trump election reframed TV version of The Handmaid's Tale, says Atwood](#). Acesso em: 30/05/2023.

A execução deste Eixo da proposta superou as expectativas iniciais, quando os estudantes foram além do indicado e buscaram relacionar a composição imagética das capas do livro, a influência do contexto de circulação com as traduções e até mesmo quais seriam as possíveis retratações por trás de capa edição da obra. Destacando durante o debate em círculo, detalhes significativos de suas interpretações e reflexões sobre a obra, uma vez que, enfatizaram a composição elementar de uma serpente na capa da obra traduzida em 2017 e como isso poderia está associado ao primeiro pecado religioso, o qual Eva teria comido a fruta proibida ofertada pela serpente. Além de mencionarem o contraste entre o claro e o escuro na capa de 2019, como um simbolismo das relações de poder, sendo o preto representando os homens, principalmente os Comandantes que a tudo vigiavam e o vermelho como cor de destaque para com que ficasse em evidência qualquer deslize que cometessem. Entretanto, a filial canadense da editora multinacional Penguin justificou sua escolha dizendo que a obra de Atwood encontrava-se em meio a um grande renascimento graças ao sucesso da série de TV, trazendo “um sem-número de novos leitores para o livro e inspirando debates sérios sobre feminismo, política e o estado de coisas em nosso mundo”⁵⁹. Esta atividade levou os alunos a compreenderem, que:

A literatura não é espelho do mundo social, mas, parte constitutiva desse mundo. Ela expressa visões de mundo que são coletivas de determinados grupos sociais. Essas visões de mundo são informadas pela experiência histórica concreta desses grupos sociais que as formulam, mas são também elas mesmas construtoras dessa experiência. Elas compõem a prática social material desses indivíduos e dos grupos sociais aos quais eles pertencem ou como os quais se relaciona.”⁶⁰

5.2 O conto da Aia como narrativa literária: Oficinas II e III

No segundo tópico da oficina, trabalhamos o enredo geral do romance distópico, em dois encontros objetivando compreender as diversas formas de organização social tramada, o espaço-tempo da narrativa, a construção dos personagens e como se elaborou o território em questão. Novamente trabalhamos com grupos de alunos que analisaram novas tipologias de fontes, as quais consistiram em excertos do livro e pequenos trechos da série televisiva, a fim de compreender de forma sucinta o enredo do livro para responder a segunda parte da ficha de análise crítica e para com que pudéssemos ter uma base do que acontece na distopia e quais relações de interseção é possível fazer na realidade. A escolha pela mescla entre trechos da

⁵⁹ PENGUIN. **The Story Behind the Cover: The Handmaid’s Tale**. Penguin Shop.ca, 17 de julho de 2017. Disponível em: <https://penguinshop.ca/blogs/news/look-back-at-canadian-covers-for-the-handmaids-tale> Acesso em 5 de maio de 2021.

⁶⁰ FACINA, Adriana. **Literatura e Sociedade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004. p.25

obra e trechos da série se deu na expectativa de que a composição imagética afetasse as sensibilidades dos alunos, para além da construção narrativa trabalhada pela autora - o estilo literário que escreveu a personagem principal como narradora da trama, possibilitando por meio da estrutura textual a sensação de pertencimento devido ao grau de semelhança as questões sensíveis que tange o gênero feminino.

Divididos em 5 grupos, os estudantes receberam trechos da obra previamente preparados, que sintetizam a ideia principal de uma determinada categoria presente da obra, assim divididos os enxertos em: “como aconteceu/ precedente”; “subversão ao sistema - fora das regras”; “memória”; “normalização/banalização”; “a culpa é dela”; resistência”; “fuga”; “repreensão/medo”; “muro”; “salvamento”; “colônias”; “Gilead”; “Jezebel”; “colônia”; “salvamento”; “a porta está aberta”, entre outros. Os quais foram dispostos de forma não cronológica do narrado na trama, o que poderia em certas medidas facilitar a compreensão da leitura, uma vez que a autora faz um processo minucioso da personagem principal estar no presente e rememorar o passado por meio de suas memórias, ou imaginar o futuro, podendo causar um certo estranhamento. Mas por outro lado, a organização que demos para os grupos impossibilitava mediante os trechos que tinham em mãos compreender toda a narrativa abordada na distopia, tendo que aguardar o debate para completar as lacunas, fazendo com que eles gerassem expectativas para o restante da história que ainda não conheciam e que desenvolvessem bem suas ideias durante a roda de conversa. Conforme observou Ariel Novodvorski:

O romance começa com narração em primeira pessoa do plural; passando, mais adiante, ao uso da primeira pessoa do singular também. Nesse início, o leitor desconhece qual é o personagem-narrador da história. Descobre-se nos capítulos seguintes que se trata de uma mulher, uma aia da República de Gilead, cuja função é servir reprodutivamente ao seu Comandante. Entende-se também que o primeiro capítulo é na verdade um flashback, ou seja, um mundo textual mais remoto em relação ao presente em que a narradora se encontra. Por razões de simplificação, trataremos desse flashback como mundo textual matriz. Trata-se de uma narradora intradiegetica que inicia a narrativa ancorando-a no passado, no que havia sido o ginásio. Não se dá a conhecer o local e o tempo de onde a história está sendo contada nesse momento. Por meio dos grupos verbais *slept* e *had been*, o período inicial estabelece, ao mesmo tempo, um mundo textual e uma transição temporal de mundos para um mundo anterior ao passado. Dito de outro modo, o leitor é levado a representar mentalmente, logo de início, dois mundos textuais, um em que ‘nós dormíamos no que havia sido o ginásio’, ou seja, um em que o ginásio não existe mais, e outro em que ele existia com

todas as suas funcionalidades esportivas. O efeito inicial dessa transição de mundos é tematicamente significativo para o romance como um todo, visto que a narrativa se constrói na mudança de um estado de coisas para outro, ou seja, o regime teocrático autoritário que se instaura na sociedade representada no romance altera o mundo anterior.⁶¹

Deste modo, por meio da exposição gradual dos trechos, os alunos foram levados a compreender que a ficção especulativa de Margaret Atwood descreve como se deu a imposição do que era antes os Estados Unidos da América, para o que se tornou uma República Teocrática de Gilead, motivada por guerras, revoltas, devastações ambientais devido a radiação. Configurando-se assim, o período pré-Gilead como uma região completamente instável em termos democráticos e ecológicos. Sendo nesse contexto que o Presidente dos Estados Unidos foi assassinado a tiros e em seguida o congresso foi metralhado, possibilitando que o exército declarasse estado de emergência⁶², suspendendo por conseguinte a Constituição.

E, gradativamente as ações das autoridades foram ficando cada vez mais severas, censurando os meios de comunicações, alegando ser por motivos de segurança, barrando as entradas da cidade, controlando quem podia entrar e sair e o mais grave, quando a verdadeira intenção daquela sociedade começou a ficar mais clara, começaram então a impor alguns poderes nas quais havia uma pirâmide de poder econômico relacionado aos gêneros. Como consequência, as mulheres foram as primeiras a perderem suas contas bancárias, sendo transferidas para a conta de seus maridos. Posteriormente perderam o direito de trabalhar. Até que, por fim, a República de Gilead se estabeleceu oficialmente, separando as mulheres em castas, sendo proibidas de lerem, perdendo assim, toda a sua essência. Aos olhos dos Comandantes, as mulheres agora eram apenas objetos ou como a narradora da obra descreveu “Somos para fins de procriação. [...] Somos úteros de duas pernas, apenas isso: receptáculos sagrados, cálices ambulantes”⁶³.

Os responsáveis pela formulação e consolidação desse novo território impuseram o novo regime afirmando à sociedade que era o melhor a se fazer em prol da nação, uma vez que a irradiação daquele local estava afetando drasticamente nos resultados das taxas de natalidade, devido à elevada taxa de infertilidade, que poderia causar a extinção da população

⁶¹ NOVODVORSKI, Ariel; CARNEIRO, Raphael Marco Oliveira. **Entrevistas**, Cad. Trad. 40. 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.5007/2175-7968.2020v40n1p308>. Acessado em: 31/03/2023.

⁶² Designação de uma situação declarada e/ou imposta pelo governo de um país, podendo suspender e/ou mudar algumas das funções do executivo, do legislativo ou do judiciário enquanto o país estiver neste estado excepcional, alertando ao mesmo tempo seus cidadãos para que ajustem seu comportamento de acordo com a nova situação. **Estado de Emergência**. In: Wikipédia: a enciclopédia livre. Disponível em: [Estado de emergência – Wikipédia, a enciclopédia livre](#). Acesso em: 14/10/2021.

⁶³ ATWOOD, Margaret. **O Conto da Aia**. Rio de Janeiro: Rocco. 2017. p.165;

daquela região. Diante disso, os governantes desse novo território constituíram seu regime calcado em questões teocráticas, fazendo alusões a várias passagens da bíblia, com o intuito de constituírem uma nação incorruptível e de fé. O estabelecimento dessa nova região teve como base a tortura, a violência, o anti-intelectualismo, proibição da alfabetização e a tomada de todos os direitos femininos. Ou seja, moldaram aquela sociedade por meio da pregação de uma distorcida religião, levando apenas os homens no poder e colocando as mulheres por meio da submissão. Parte essa que foi melhor explorada com a inserção de trechos da série, na expectativa da composição imagética entre os jogos de luzes e a composição sonora afetasse os cursistas ao ponto de sensibilizarem e sentirem pertencidos à narrativa.

Fato que foi amplamente sentido, principalmente pelas meninas que estavam participando do segundo encontro da oficina 2, que ocorreu no galpão da escola, um lugar aberto com luzes amarelas rodeados por uma paisagem arborizada, que ao serem questionadas sobre os itens gerais da “apreciação do leitor”, como foi muito bem registrado no diário de bordo no calor do momento após a oficina, a tentativa de externalizar os sentimentos que a obra provocou nas vivências pessoais de uma adolescente entre os 16 a 18 anos que argumentava com a voz embargada, o quão as imagens tornavam factível a sensação de estarmos à beira de vivenciar Gilead, de o quão ser mulher é perigoso. Ou nas palavras destacadas por ela no formulário de certificação, quando foram questionados quais os sentimentos a obra pode evocá-los:

Após conhecer o enredo do livro, a similaridade com a realidade e as emoções da personagem me surpreenderam bastante, uma vez que ao ler a obra me senti como a própria Aia principal e vi sua história como algo possível de se acontecer e que em alguns trechos se assemelha à fatos históricos bastante conhecidos sejam eles mundiais ou nacionais. A descrição com detalhes do lugar onde se passa a história, o sistema que rege a cidade e a diferenciação de cada pessoa também me impressionou bastante e o quanto os acontecimentos são retratados de forma explícita, chegando a ser brutal. A autora não mede palavras, não tem medo de causar desconforto no leitor, pelo contrário: essa é a sua intenção⁶⁴.

⁶⁴ A.R.S.S., Monte Carmelo, 2023.

Imagem 8: Roda de debate para discutir a apreciação geral da obra



FONTE: Autoria própria. 2023.

Gilead se estabeleceu em torno das figuras masculinas e as mulheres “são confinadas a um lugar semelhante a uma prisão para estarem disponíveis para as relações sexuais periodicamente programadas com os seus ‘Comandantes de Fé’”⁶⁵. Ou seja, as mulheres agora são divididas em regiões categóricas que estabelecem um certo grau de poder, e juntamente a isso são simbolizadas por cores. Classificadas em maior escalão estão as Tias, responsáveis por educarem as Aias a serem submissas e discretas, estas eram o único grupo de mulheres a quem era concedida a leitura. Qualquer outra pessoa do gênero feminino que fosse surpreendida lendo, teria punições severas. Na primeira vez mutilavam o dedo como forma de punição. As tias eram uniformizadas com a cor marrom. Nessa hierarquia, imediatamente abaixo, as Esposas dos Comandantes, quase todas eram consideradas inférteis e por isso detinham em suas casas as Aias. Estas tinham a função de cuidar do lar e vestiam a cor azul. Esta categoria - das esposas - possuía uma subcategoria, denominadas de Econoesposas, que pertenciam a alguns guardiões e trabalhadores que por sua vez eram diferenciadas pela cor cinza. Logo abaixo estavam as Marthas, responsáveis por todo o trabalho doméstico da casa, trajando a cor verde.

Finalmente na base da pirâmide feminina estavam as Aias, as únicas mulheres férteis daquela região, cada uma era chamada de acordo com o nome do Comandante em cuja casa residiam - com o prefixo “de” (simbolizando a posse) seguido pelo nome do seu senhor, como por exemplo: Offred, Ofjoseph, Ofglen, Ofwarren; as quais eram brutalmente trancafiadas

⁶⁵ MALAK, Amin. Margaret Atwood’s **The Handmaid’s Tale and the Dystopian Tradition**. In: BLOOM, Harold. (Ed.) Margaret Atwood’s *The Handmaid’s Tale*. Langhorne, Pennsylvania: Chelsea House Publishers, 2001. p.3

neste sistema com uma única função: procriar em nome das esposas dos Comandantes. Ficavam na casa deles por algum tempo até conseguir engravidar, e após esse período eram enviadas para outra casa, a fim de continuar cumprindo seu papel que foi justificado por uma passagem bíblica de Gênesis no capítulo 30, o qual se refere a Raquel esposa de Jacó que diante de alguns problemas com a infertilidade teve filhos por meio de sua irmã Bilha em meio de seus joelhos, sendo então seu filho.⁶⁶

Tendo em vista a densidade da narrativa construída e que os alunos no momento da inscrição no projeto, não tinham conhecimentos sobre o que se tratava a distopia giledeana, trabalhamos a construção de sentido desses enxertos durante dois encontros. A primeira constituiu na análise específica dos trechos para melhor compreender o que eles narravam, e a segunda no debate mais amplo sobre o que se tratava *O Conto da Aia*, destacando quais eram os personagens retratados, suas características e funções, onde se passa a maior parte da história, quais os fatores sociais, políticos, ambientais e religiosos utilizados como justificativa para a imposição da República Autocrática de Gilead. Sendo sistematizado por tais fichas:

Imagem 9: ficha de sistematização oficina 2.1

⁶⁶ Raquel, vendo que não dava filhos a Jacó, teve inveja da sua irmã: “Dá-me filhos, disse ela ao seu marido, senão morro!” E Jacó irritou-se com ela. “Acaso, disse ele, posso eu pôr-me no lugar de Deus que te recusou a fecundidade?” Ela respondeu: “Eis minha serva Bala: toma-a. Que ela dê à luz sobre meus joelhos e assim, por ela, terei também filhos.” Deu-lhe, pois, por mulher sua escrava Bala, da qual se aproximou Jacó. Bala concebeu e deu à luz um filho de Jacó. Disse então Raquel: “Deus fez-me justiça. Ele ouviu minha voz e deu-me um filho.” (Gênesis, 30, 1-6).



Entre páginas e memórias: O Conto da Aia como possibilidade para o ensino e aprendizagem em história

Integrantes: _____

1. Quais personagens são retratados?
2. Em que local se passa?
3. Descreva algumas características do ambiente em que se passa o enxerto
4. Conseguiu evidenciar algum conflito no excerto? Quais
5. Retoma alguma passagem do passado ou se passa no presente?
6. Quais termos apareceram nos enxertos e você não compreendeu?
7. Quais termos te chamou atenção?
8. Qual passagem mais te chamou atenção?
9. Qual passagem mais te causou incômodo?
10. Quais temática/problemática retrata cada enredo
11. Faça um breve resumo do que você compreendeu do enxerto

FONTE: Autoria própria. 2023.

Imagem 10: ficha de sistematização oficina 2.2



Entre páginas e memórias: O Conto da Aia como possibilidade para o ensino e aprendizagem em história

Nome: _____

Enredo da obra

Personagens

1. Quais os personagens retratados na obra
2. Destaque as características do (a) personagem principal, evidenciando a justificativa de sua função
3. Quais são as características de cada personagem

Espaço - tempo

1. Qual é o ambiente em que se passa a história, descreva alguns detalhes
2. Qual é o papel de cada personagem?
3. Onde se passa a maior parte da história?
4. Quais os fatores sociais, políticos, ambientais e religiosos utilizados como justificativa para a imposição da República Autocrática de Gilead
5. Quais são as características de cada cenário aparecido na obra
6. Como cada espaço se constitui (sua função para o funcionamento da sociedade)

Enredo

1. Qual é a ideia principal da obra
2. Como se deu a imposição do governo autocrático republicado de Gilead
3. Quais são os conflitos abordados na obra
4. Qual é o clímax da obra
5. Qual é a conclusão/desfecho da obra
6. Quais os meios de controle utilizados para a dominação na República de Gilead

Apreciação geral do leitor

1. Qual a parte da história mais te chamou atenção? Por quê?
2. Qual parte da história você mais gostou? Por quê?
3. Qual parte da história você menos gostou? Por quê?
4. Quais os sentimentos/ sensações que a obra te desperta
5. Indique se for o caso, palavras/termos que você não conhecia
6. Indique no mínimo 3 conceitos que você conseguiu compreender que a narrativa aborda, de forma direta ou indireta
7. Você aprendeu alguma coisa com a leitura dos trechos? O que?
8. Você acha que de alguma forma a narrativa da obra se assemelha com o cenário brasileiro? Explique
9. Você indicaria esse livro para alguém ler? Por quê?
10. Você achou o título da história adequado? Explique
11. Você daria outro título para a obra? Qual
12. Levando em consideração o debate feito na oficina redija um pequeno texto dando a conclusão que você queria que a obra tivesse

FONTE: Autoria própria. 2023.

A terceira oficina exigiu algumas reorganizações metodológicas a fim de melhor expor um dos cerne do projeto - compreender qual é o sentido da obra atribuído por leitores brasileiros. É por meio dela que os alunos, a partir do conhecimento reunido das outras oficinas, elaboraram um quadro comparativo entre a ficção e a realidade vivida, a partir da seleção de algumas manchetes de jornais que julgavam ter alguma semelhança com a sociedade brasileira, quadros esses já mencionados anteriormente por meio das imagens (1,2,3) porém, foi percebido que havia uma associação maior com o passado brasileiro e com questões que tangem o fanatismo religioso no presente. Como podemos compreender também por meio da justificativa dada à escolha de tais fontes por eles:

Por conseguinte é notório que a autora busca uma aproximação dos horrores da Segunda Guerra com as colônias similares a campos de concentração e extermínio. Dessa forma a violência física e psicológica entram em cena com os episódios de estupro das aias, assassinatos de opositores do governo e a vigilância constante, muito lembrados durante ditadura seja ela brasileira ou não.⁶⁷

Foram estas relações possíveis que puderam fazer que motivaram a reestruturação dos passos seguintes do projeto.

5.3 O que a obra literária pode nos informar sobre o mundo em que vivemos?

Oficinas IV e V

Durante a quarta oficina a proposta consistiu em debater alguns conceitos que tangem tanto a obra quanto a realidade brasileira contemporânea anteriormente já mencionados. Como havíamos sentido que as experiências pessoais dos integrantes pendiam mais para questões religiosas e sociais de um passado mais distante e quando restavam experiências do passado recente tinham dificuldade de fazer as relações passado-presente diretamente com o cenário político em que estavam inseridos. Buscamos dinamizar os conceitos no intuito de montar um quadro semelhante a uma investigação criminal ligando o conceito ao seu significado e a partir dessa definição elencar um trecho do livro que melhor corresponderia ao determinado conceito destacando durante as outras oficinas e posteriormente escolher um recorte de jornal brasileiro demarcado entre os anos de 2016 a 2023 que de alguma forma poderia ser aproximado ao conteúdo apresentado. Ao explorar a obra *O Conto da Aia* e os conceitos apresentados acima, pudemos estabelecer alegorias com as seguintes manchetes de jornais que ecoam os temas abordados na distopia de Margaret Atwood. Assim, propusemos

⁶⁷G.J.P., Monte Carmelo, 2023.

para os cursistas as seguintes relações entre o conceito, sua definição, um recorte de jornal que retratasse de maneira positiva ou negativa o conceito apresentado e por meio do debate coletivo exploramos de que maneira ele se aproximava da obra lida, escolhendo o trecho que melhor representava a situação. Esse processo foi enriquecedor para o debate sobre os processos históricos, sendo um dos pontos chave para o desenvolvimento de uma consciência histórica. Como podemos observar por meio da ficha de sistematização da quarta oficina que propunha aos cursistas que redigissem sobre quais foram as novas perspectivas sobre o Conto da Aia, como a obra se aproxima e distancia da nossa realidade.

Imagem 11: momento de discussões entre o possível e o provável



FONTE: Autoria própria. 2023.

Inicialmente, figuras políticas se aproveitam da fragilidade social advinda de crises ambientais e econômicas para, minuciosamente, iniciarem seu projeto de enraizamento ideológico baseado em princípios religiosos. Gilead ou Brasil? A resposta é: ambos. A Crise Econômica de 2016, a queda do PIB, diminuição do poder de compra da classe média e prevalência do liberalismo para expressões individuais fez das terras canarinhas um cenário perfeito

para a imposição de ideais contrários ao vigente. O Impeachment da então presidenta Dilma Rousseff foi o ponto de partida para o estabelecimento do poder dos “comandantes” brasileiros, que veio a se concretizar na eleição de Jair Bolsonaro em 2018. A teocracia de Gilead mostrou-se, de certa forma, escusa em nossa República, porém, não menos autoritária. Apesar desse regime não ter sido formalmente imposto, estava constantemente subentendido nos discursos da força política em vigor: “Deus, Pátria, Família”, o slogan da direita pós-golpe. Baseado na propaganda ditatorial, o bolsonarismo se ergueu visando fundamentos como a manutenção da “família tradicional brasileira”, a proteção às crianças, a garantia da segurança do “cidadão de bem”, dentre outras falácias utilizadas para a lavagem cerebral da maioria proletária tupiniquim. A luta contra a “ameaça comunista” chegaria ao fim caso colocássemos determinados engravatados para nos caçar e elevar seus privilégios ao máximo. Os enviados por Deus salvariam seu povo do sofrimento eterno. Novamente, esta situação se refere a ambos os cenários: Gilead e Brasil. Cada qual com suas particularidades e divergências enquanto ao findar dos projetos, mas seu princípio prevalece mais perto que o imaginado.⁶⁸

Para ficar evidente ao leitor, apresentamos, portanto, uma síntese das associações que os cursistas conseguiram fazer durante a quarta oficina. A sociedade distópica retratada em "O Conto da Aia" reflete a fragilidade da separação entre Estado e religião, evidenciando como a teocracia pode emergir quando o poder político é influenciado por agendas religiosas. A teocracia é representada no trecho em que tia Lydia cita passagens bíblicas para justificar as leis e punições do regime opressivo, mostrando como a religião é utilizada como instrumento de controle e dominação. Isso remete à situação atual, como exemplificado na manchete sobre Bolsonaro reafirmando sua posição religiosa em eventos evangélicos "Em evento evangélico, Bolsonaro reafirma que Estado é laico, mas ele não"⁶⁹. Essa alegoria destaca o perigo de uma sociedade onde a liberdade individual é comprometida pela imposição de crenças religiosas sobre a vida civil.

A ameaça à liberdade individual é representada na manchete "Se a esquerda ‘radicalizar’, ‘novo AI-5’ é a resposta possível, diz Eduardo (Bolsonaro)"⁷⁰, ilustrando como extremismos políticos podem resultar em restrições às liberdades civis. Essa alegoria reflete as lutas das personagens de "O Conto da Aia" contra um regime totalitário que restringe seus direitos básicos. A liberdade é abordada de forma contrastante, sendo discutida como liberdade *para* e liberdade *de*. No contexto da obra, as mulheres têm sua liberdade restringida

⁶⁸ Y.F.S, Monte Carmelo, 2023.

⁶⁹ PODER360. **Em evento evangélico, Bolsonaro reafirma que Estado é laico, mas ele não**. Disponível em: [Em evento evangélico, Bolsonaro reafirma que Estado é laico, mas ele não](#). Acesso em: 10/2023.

⁷⁰ VEJA. **Se esquerda “radicalizar”, “novo AI-5” é resposta possível, diz Eduardo**. Disponível em: [Se esquerda ‘radicalizar’, ‘novo AI-5’ é resposta possível, diz Eduardo | VEJA](#). Acesso em: 10/2023.

e controlada, enquanto a liberdade para agir de acordo com sua vontade é suprimida. Isso pode ser associado à manchete sobre a possibilidade de retorno de um regime autoritário, que ameaça a liberdade individual.

Ainda dentro dessa temática, não podemos deixar de destacar outro fato que aponta a resenhista de percursos literários, a qual retrata questões relacionadas à falta de liberdade e igualdade de gênero, tanto no mundo fictício quanto na realidade, evocando as restrições impostas às mulheres, como a proibição de ler, trabalhar, tendo de afirmar a necessidade de obter a permissão masculina para realizar determinadas atividades como vivenciamos os discursos do Bispo Edir Macedo, no qual, profere que a mulher não pode estudar mais do que o marido para não querer mandar na relação⁷¹.

e seu próprio governo a proíbe de trabalhar, pela simples condição de ser mulher, e também a proíbe de possuir bens próprios, quanto de liberdade lhe resta? A meu ver, muito pouca. Não é o fato de ela não poder trabalhar, veja bem. É ela nem sequer ter a opção de fazê-lo. Fosse retirada essa opção, retrocederíamos inestimavelmente, depois de anos de lutas e conquistas. Espanta pensar, porém, que, no mundo real, existem países onde o marido tem o direito de proibir a mulher de trabalhar. Espanta pensar que existem países que não possuem qualquer legislação contra o assédio feminino. Espanta pensar que existem países onde a mulher precisa pedir autorização do marido para abrir uma conta bancária ou uma empresa.⁷²

O machismo é explorado na obra através das restrições impostas às mulheres, que são consideradas propriedade dos homens e têm seus direitos civis negados. A discriminação de gênero e a desigualdade são ilustradas nas políticas do regime totalitário, assim como nas manchetes que evidenciam o desrespeito e a desvalorização das mulheres na sociedade contemporânea. O machismo é alegoricamente abordado na manchete "#AgoraNãoSãoElas? O ministério masculino de Michel Temer"⁷³, refletindo a subjugação das mulheres e a exclusão de suas vozes e perspectivas, semelhante à forma como as mulheres são tratadas na sociedade distópica de *O Conto da Aia*.

A LGBTQIAPN+fobia é representada na narrativa através do tratamento cruel e desumano dispensado aos indivíduos que fogem das normas de gênero estabelecidas. Essa discriminação é reforçada pelas políticas opressivas do regime, ecoando situações reais como a censura imposta por Crivella na Bienal do Livro do Rio de Janeiro: "TJ autoriza censura

⁷¹ SOARES, Ingrid. **Bispo Edir Macedo diz que mulher não pode ter mais estudo que o marido**. Correio Brasiliense, 24/09/2019. Disponível em: Bispo Edir Macedo diz que mulher não pode ter mais estudo que o marido Acesso em: 2/12/2022.

⁷² Percursos Literários. **Resenha: O Conto da Aia – Margaret Atwood. 2019**. Disponível em: <https://percursosliterariosblog.com/2019/03/11/resenha-o-conto-da-aia-margaret-atwood/>. Acesso em: 4/2023.

⁷³ OLIVEIRA, A. DE. **#AgoraNãoSãoElas? O ministério masculino de Michel Temer**. Disponível em: [#AgoraNãoSãoElas? O ministério masculino de Michel Temer | Brasil | EL PAÍS Brasil](#) . Acesso em: 10/2023.

promovida por Crivella na Bienal do livro do Rio de Janeiro⁷⁴, destacando como as minorias são silenciadas e censuradas em um ambiente opressivo, paralelo à repressão enfrentada pelos personagens LGBTQIA+ na obra.

A resistência é retratada como uma esperança em meio à opressão, mostrando como as pessoas encontram maneiras de se unir e lutar contra a tirania. Essa ideia de resistência e solidariedade é evidenciada na história de Moira, que representa a capacidade humana de se rebelar contra a injustiça e a opressão, mesmo nas circunstâncias mais adversas. A resistência contra regimes opressivos é refletida na manchete "Mulheres lideram atos contra Bolsonaro no Brasil e no mundo"⁷⁵, demonstrando como a luta por direitos pode surgir mesmo em face da adversidade, ecoando as ações dos personagens de *O Conto da Aia* que resistem ao regime totalitário.

No universo de *O Conto da Aia*, o autoritarismo é personificado pelo regime totalitário que subjuga as liberdades individuais e reprime qualquer forma de dissidência. O trecho do livro descreve a supressão das passeatas e manifestações pelo medo de uma violenta repressão estatal, sugerindo a imposição do controle autoritário sobre a sociedade. Esta alegoria ecoa na manchete que relata o secretário da Cultura de Bolsonaro imitando a fala de um nazista e sendo demitido⁷⁶, ilustrando as ramificações do autoritarismo na atualidade.

Há um outro grupo de resenhas que relacionam-se de maneira significativa aos conceitos de imposição de regras, medo e poder em sociedades autoritárias, demonstrando como *O Conto da Aia* aborda esses temas de maneira impactante. Como é o caso da resenha do blog Melkberg, que destaca a punição como uma ferramenta de poder que molda o comportamento dos indivíduos através do medo, o que está diretamente relacionado ao funcionamento de sociedades autoritárias. A imposição de regras rígidas e a ameaça de punição são meios comuns de controle nesses contextos, visando tornar os cidadãos dóceis e submissos.

A punição como forma de poder, gera comportamentos moldados pelo medo. O poder torna corpos dóceis, esse seria uma exemplificação do pensamento de Michel Foucault sobre as instituições disciplinares que produzem um sistema para funcionar de modo que torne os corpos, ou seja, os sujeitos mais maleáveis para produzirem mais, conforme as

⁷⁴ BRASIL DE FATO. **TJ autoriza censura promovida por Crivella na Bienal do Livro do Rio de Janeiro**. Disponível em: [TJ autoriza censura promovida por Crivella na Bienal do Livro do Rio de Janeiro](#). Acesso em 10/2023.

⁷⁵ BRASIL DE FATO. **Mulheres lideram atos contra Bolsonaro no Brasil e no mundo**. Disponível em: [Mulheres lideram atos contra Bolsonaro no Brasil e no mundo | Política](#). Acesso em: 10/2023.

⁷⁶ ALESSI, G. **Secretário da Cultura de Bolsonaro imita fala de nazista Goebbels e é demitido**. Disponível em: [Roberto Alvim: Secretário da Cultura de Bolsonaro imita fala de nazista Goebbels e é demitido | Atualidade | EL PAÍS Brasil](#). Acesso em: 10/2023.

exigências e ideologia da instituição, assim como as Aias serviam apenas para procriar e seguir as regras e modos exigidos pelo Estado.

A leitura do Conto da Aia, nos faz pensar sobre muitas questões humanas e sobre a civilização. O livro me fez enxergar certos aprendizados que tive em minha faculdade de psicologia, me trouxe um olhar diferente através do livro, onde descreve uma dinâmica política de um governo repressivo da república Gilead. Espero que tenha conseguido expressar meus aprendizados.⁷⁷

O conceito de "corpos dóceis", mencionado no primeiro trecho, está alinhado com as teorias de Michel Foucault sobre o controle social. Em sociedades autoritárias, o poder é exercido para moldar os corpos e comportamentos dos indivíduos de modo que se conformem estritamente às normas e valores do Estado. Esse controle social é implementado para garantir que a sociedade funcione de acordo com as demandas do regime, muitas vezes à custa da liberdade e autonomia individuais.

Dentro das oficinas, não foi evocado o conceito de corpos dóceis, mas, sim o conceito de panóptico de Foucault, com o qual alguns tiveram contato com as aulas de sociologia. Refere-se a um modelo de vigilância e controle que opera de forma eficiente em sociedades disciplinares. Assim, partindo da premissa que nesse sistema os indivíduos se autocensuram, pois nunca sabem se estão sendo observados ou não. O medo da punição iminente é suficiente para induzir o comportamento desejado, mesmo na ausência física do vigilante, não requerendo uma vigilância constante, apenas a possibilidade de ser vigiado a qualquer momento é suficiente para garantir a conformidade.⁷⁸ No contexto das oficinas, panóptico foi associado pelos alunos à estrutura de controle social em Gilead. No qual, o regime autoritário opera de maneira semelhante a um panóptico, onde a constante vigilância e a ameaça de punição mantêm os cidadãos em conformidade com as regras estabelecidas pelo Estado. Explicitando que as Aias, por exemplo, são constantemente vigiadas e controladas, mesmo quando não estão diretamente sob supervisão, criando um ambiente de medo e autocensura, ressaltando para além disso que a composição imagética da capa de 2019, devido o contraste entre o claro e o escuro poderia ser associação a esse fenômeno, como é possível compreender posteriormente com a escolha das cores das vestimentas dos personagens, o Comandante de preto para não chamar atenção, mas representando o poderio, e as Aias de vermelho para serem coagidas diante da cor chamativa que evidenciava o que faziam ou não.

⁷⁷ Melkberg. **Resenha Filosófica: O Conto da Aia (livro)**. Disponível em: <https://melkberg.com/2018/04/02/resenha-filosofica-o-conto-da-aia-livro/#:~:text=O%20Conto%20da%20Aia%20de,te%20exige%20lutar%20por%20ela>. Acesso em: 6/2023.

⁷⁸ FOUCAULT, Michel. . **Vigiar e Punir: história da violência nas prisões**. Petrópolis: Editora Vozes, 1987.

Sendo possível ressaltar a dinâmica política de um governo repressivo em Gilead, que é um exemplo clássico de uma sociedade autoritária. Esse governo exerce controle absoluto sobre a vida dos cidadãos, restringindo suas liberdades, impondo regras rígidas e reprimindo qualquer forma de oposição. Nesse cenário, as Aias são forçadas a seguir estritamente as regras e modos exigidos pelo Estado, limitando suas funções à procriação e submissão. Ilustrando como *O Conto da Aia* aborda de forma contundente a imposição de regras, o poder autoritário e o medo que permeiam sociedades totalitárias. A obra de Margaret Atwood serve como uma crítica à repressão política, ao controle social e à negação da autonomia individual, e nos convida a refletir sobre a fragilidade das liberdades individuais e os perigos de sociedades onde o medo e o poder são usados como instrumentos de controle.

Em contraste com o autoritarismo, a democracia representa a busca pela liberdade e justiça. A entrada da protagonista em uma camionete, descrita no trecho do livro, simboliza uma transição incerta entre a escuridão e a luz, refletindo a esperança e o desconhecido que acompanham a luta pela democracia. Esta alegoria conecta-se com a manchete que destaca a continuidade da luta pela democracia após eventos históricos que marcaram profundamente a história do país, como puderam associar por meio da manchete “Depois de 8 de janeiro, a luta histórica em defesa da Democracia continua”⁷⁹.

O feminismo surge como uma resposta à opressão das mulheres, representando a luta pela igualdade de gênero e pela autonomia sobre seus corpos e vidas. O feminismo é abordado como uma resistência contra a opressão das mulheres, como exemplificado pela manifestação em Brasília, onde mulheres usam roupas inspiradas no livro para defender a descriminalização do aborto⁸⁰. A morte de uma mulher no livro é vista como um sacrifício pela liberdade das outras, ilustrando a solidariedade e a luta feminista. Dentro da gama de temáticas trabalhadas nas oficinas, quando associada com os recorte das resenhas, a temática do feminismo é ressaltada quando os leitores frisam a posição das Aias dentro desse sistema e correlacionam com o papel do feminismo na sociedade que até os dias atuais são subalternizados, alegando que:

A intenção da autora ao escrever com tanta pungência era justamente a de chocar quem acredita que os direitos das mulheres são ameaçados, e que pra

⁷⁹ Coluna | **Depois de 8 de janeiro, a luta histórica em defesa da Democracia continua**. Disponível em: [Depois de 8 de janeiro, a luta histórica em defesa da Democracia continua](#) . Acesso em: 8/2023.

⁸⁰MARQUES, Marília. **Mulheres usam roupas de “O conto da aia” em ato pela descriminalização do aborto, em Brasília**. Disponível em: [Mulheres usam roupas de 'O conto da aia' em ato pela descriminalização do aborto, em Brasília | Distrito Federal | G1](#) . Acesso em: 3/2023.

muitas de nós essa realidade totalitária do livro é uma realidade muito mais palpável do que qualquer uma gostaria.⁸¹ (delirium nerd, 2016)

Assim, por meio do posicionamento dos leitores do romance, podemos compreender a interpretação dada ao feminismo, ao passo que evidenciam a representação de diferentes sujeitos que compõem a categoria mulher, e assim a ideia de estabilidade é substituída pela multiplicidade de identidades e singularidades, compondo desta forma um coletivo heterogêneo em que o discurso desafia a noção de centro, e em que o caráter distópico reforça as dificuldades em que as mulheres são submetidas na sociedade contemporânea. Como fica evidente por meio da resenha do blog *Leitora Viciada*:

Minha impressão foi que as Tias são crentes autênticas, se sentem gratas a não estarem nas Colônias e aliviadas por não serem estupradas como as Aias. Elas são sádicas e/ou oportunistas; torturam e humilham as Aias; utilizam materiais do feminismo de 1984 no treinamento, desvirtuando-os. Essa é, talvez, a parte mais assustadora do livro: mulheres contra mulheres, mulheres odiando mulheres. Mulheres justificando o terror com falsa proteção; dizendo que mulheres estão agora protegidas, pois assim os estupros não existem mais.⁸²

Ou nas palavras de uma das cursistas:

Além disso, o ódio contra minorias não é deixado de lado nesse plano. A “fragilidade feminina”, os “traidores de gênero” e todos aqueles que não se curvam às medidas impostas são ameaças ao regime, portanto, devem ser exterminadas. Quem mandou mutilar Ofglen é quem mandou matar Marielle. Quantas “Janines” não “estavam pedindo”? O estupro justificado pela “postura indecente”, a agressão que ela mesma motivou. Porque a culpa é dela. Sempre é. Nunca dele, do homem, do sistema. É para ela, em suas vestes vermelhas, que os “olhos” estão voltados: ela é o alvo. Nesse contexto, a resistência é uma ofensa ao divino⁸³.

É necessário considerar o momento em que estas resenhas foram publicadas e questionar se as emoções vivenciadas na malha social do leitor, não possibilita ou facilita determinadas aproximações texto-contexto, como já foi evidenciado anteriormente. Desde 2013, as emoções políticas se afloraram culminando no golpe de 2016 que tirou a presidenta Dilma do poder e a partir de então uma onda extremista aflora no país. Quando uma forte onda da (nova) direita construía sua narrativa por meio de discursos altamente conservadores, machistas, quando papel da mulher é questionado. Em relação ao posicionamento da resenhista de “*Leitora viciada*”, podemos correlacionar à teoria feminista que discute a

⁸¹ DIRIUM NERD. [literatura] **Mulheres escritoras de sci-fi 5: Margaret Atwood**. [Blog], 06 abr. 2016.

Disponível em: <https://deliriumnerd.com/2016/04/06/escritoras-sci-fi-margaret-antwood/>. Acesso em: 1/03/2023.

⁸² LEITORA VICIADA. **O Conto da Aia**. [Blog]. Disponível em:

<https://www.leitoraviciada.com/2017/08/o-conto-da-aia.html#:~:text=%C3%89%20um%20excelente%20desfeco%2C%20criativo.com%20suas%20mem%C3%B3rias%20antes%20disso>. Acesso em: 18/03/2023.

⁸³ J.P.G, Monte Carmelo, 2023.

internalização da opressão por parte das mulheres, como bem vivenciamos as falas da Ministra da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos, Damares Alves, uma pastora evangélica que luta contra o aborto, defende a imposição dos gêneros binários atribuídos ao sexo feminino e masculino. Ficando amplamente reconhecida por seus discursos em entrevistas e nas mídias sociais os slogans “modelo ideal de sociedade é com mulheres apenas em casa”⁸⁴; “mulheres nascem para serem mães”⁸⁵; “menino veste azul, menina veste rosa”⁸⁶. O que pode ser associado também como um exemplo da “falsa consciência”, onde as mulheres são levadas a agir contra os seus próprios interesses dividindo as estruturas patriarcais como acontece com todas as Aias no romance.

Outro ponto que a resenhista do blog “Sem Safira” destaca são as inúmeras justificativas para a dominação feminina, subalternização feminina que estão diretamente ligada a cultura de estupro que vivenciamos no dia a dia, abordando a ideia de que o sistema patriarcal está profundamente arraigado tanto em Gilead quanto no Brasil, como é o caso do ex presidente Jair Messias Bolsonaro dizer que “Não te estupro porque não merece!”⁸⁷, ou que as mulheres devem ganhar menos porque engravidam⁸⁸.

se não é o único fator de aproximação e empatia para com a protagonista. Como outras distopias, O conto da aia também denuncia verdades desconfortáveis sobre a nossa realidade. Diversas realidades do patriarcado, tão sutilmente inseridas na nossa sociedade, são explicitadas na história: a cultura do estupro, as justificativas religiosas para a dominação masculina, o silenciamento e invalidação da voz da mulher. A relação da protagonista com os homens de Gilead é perturbadora, principalmente porque ela não os odeia, o que diz muito sobre o quanto esse sistema está intrínseco em nós.⁸⁹

A violência física e verbal é representada de forma perturbadora no romance, refletindo a brutalidade e a desumanização do regime totalitário. A protagonista é submetida a

⁸⁴BALLOUSSIER, Ana Virgínia. “**Ministra disse que mulher nasceu para ser mãe e que ideologia de gênero é morte; conheça**”. Folha de São Paulo Online. 6 dez. 2018. Disponível em: [Ministra disse que mulher nasceu para ser mãe e que ideologia de gênero é morte; conheça](#). Acesso em 13/10/2021.

⁸⁵ Administrador. “**Mulher nasce para ser mãe, infelizmente tem que ir para o mercado de trabalho**”, afirma pastora cotada para o ministério”. Blog da Cidadania. 1 dez, 2018. Disponível em: <https://blogdacidadania.com.br/2018/12/mulher-nasce-para-ser-mae-infelizmente-tem-que-ir-para-mercado-d-e-trabalho-afirma-pastora-cotada-para-ministerio/>. Acesso em 13/10/2021.

⁸⁶ Folha de São Paulo. “**Menino veste azul e menina veste rosa, diz Damares Alves**”. Folha de São Paulo Online. 3 jan. 2019. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2019/01/menino-veste-azul-e-menina-veste-rosa-diz-damares.shtml>. Acesso em 14/10/2021.

⁸⁷RAMALHO, Renam. **Bolsonaro vira réu por falar que Maria do Rosário não merece ser estuproada**. O globo. Disponível em: [Bolsonaro vira réu por falar que Maria do Rosário não merece ser estuproada - notícias em Política](#). Acesso em: 4/05/2023.

⁸⁸ LIMA, Vanessa. **Jair Bolsonaro diz que mulher deve ganhar salário menor porque engravida**. Disponível em: [Jair Bolsonaro diz que mulher deve ganhar salário menor porque engravida - Revista Crescer | Mães e Trabalho](#). 2015. Acesso em 4/05/2023.

⁸⁹ SERIFA, SEM. **[Resenha] O conto da aia**. 2018. Disponível em: <https://blogsemserifa.com/2018/02/05/resenha-o-conto-da-aia/>. Acesso em: 3/2023.

abusos e tratamentos desumanos, espelhando a realidade de vítimas de violência, como visto na manchete que relata o processo contra Bolsonaro por suas declarações misóginas e violentas⁹⁰, destacando a violência como uma forma de reprimir a dissidência e perpetuar o poder autoritário.

No Brasil, a imposição de regras está intrinsecamente ligada a diversos aspectos da vida cotidiana. Discussões políticas e culturais muitas vezes são influenciadas por perspectivas religiosas conservadoras, buscando impor regras rígidas baseadas em crenças específicas. Isso pode restringir a autonomia e liberdade individuais, lembrando a imposição de regras retratadas no livro. O medo, embora não atinja o mesmo nível de sociedades autoritárias, também é uma presença na sociedade brasileira contemporânea. Há receio de retaliações e perseguições políticas, o que pode inibir a expressão de opiniões divergentes. O medo da violência urbana impacta a sensação de segurança e a mobilidade de pessoas em diversas regiões do país, todas associadas ao grande poder da mídia de persuadir a população, como bem destaca as resenhas dos blogs de livro em livro e janela literária:

O Conto da Aia nos faz refletir sobre muitos aspectos em nossa atualidade, o quanto nossa opinião e ideias são manipuladas pela mídia, por quem detém poder, por políticos, entre tantos outros. O quanto eventos são manipulados e fatos são corrompidos para manipular e denegrir o que é real.⁹¹

Este livro me fez abrir os olhos para o poder que uma ideia tem. E a medida que uma ideia se propaga, mesmo que ela pareça louca, mesmo que ela seja rechaçada pela mídia e por autoridades, pessoas vão se convencendo de que essa ideia pode ser a solução para os seus problemas. Entretanto, quando uma ideia coloca os direitos de uns em detrimento do de outros, ela se torna uma bomba relógio prestes a explodir a qualquer momento, sendo jogada de mão em mão até a sua explosão. Qualquer semelhança com o que vemos atualmente no Brasil e no mundo não é mera coincidência.⁹²

O fundamentalismo religioso se manifesta como uma ferramenta de controle e legitimação do regime totalitário. A sociedade é governada por preceitos religiosos distorcidos, onde a interpretação extremista dos dogmas é utilizada para justificar políticas opressivas e práticas desumanas. A alegoria do fundamentalismo religioso é evidenciada na cena em que trechos bíblicos são citados para legitimar a repressão e punição de indivíduos,

⁹⁰G1, R. R.; BRASÍLIA, EM. **Bolsonaro vira réu por falar que Maria do Rosário não merece ser estuprada.** Disponível em: [Bolsonaro vira réu por falar que Maria do Rosário não merece ser estuprada - notícias em Política](#). Acesso em: 8/2023.

⁹¹ DE LIVRO EM LIVRO. **Resenha: O Conto da Aia, de Margaret Atwood.** [Blog], Ago. 2018. Disponível em: <http://www.delivroemlivro.com.br/2018/08/resenha-o-conto-da-aia-de-margaret.html>. Acesso em: 1/03/2023.

⁹² JANELA LITERÁRIA. **Resenha: O Conto da Aia (Margaret Atwood).** Disponível em: <https://www.janelaliteraria.com.br/2018/12/resenha-o-conto-da-aia-margaret-atwood.html>. Acesso em: 30 abr. 2024.

como na passagem que faz referência ao livro de Gênesis para justificar a submissão das mulheres. Essa alegoria serve como um alerta para os perigos do extremismo religioso e sua influência na sociedade e na política, convidando à reflexão sobre os limites entre a liberdade religiosa e o respeito aos direitos humanos, como é possível ver por meio da fala de Bolsonaro quando diz que “vai indicar ministro ‘terrivelmente evangélico’ para o STF.”⁹³

As resenhas oferecem um olhar perspicaz sobre essa relação, destacando os impactos do extremismo religioso e do conservadorismo. Como aponta o resenhista do blog Medium:

Essa distopia nos leva a vários questionamentos, dentre eles podemos nos perguntar “Será mesmo a religiosidade o problema das grandes ditaduras?” Ou “Será que os problemas cernem ao poder centralizado aos quaisquer que sejam os termos — teocráticos ou não?”, “Qual seria o impacto real da religiosidade exacerbada dos homens, não fosse o poder dado a eles?”. E mais uma vez, mostra que não se deve dividir homens entre esquerda e direita e sim, entre aqueles que defendem a liberdade e os que não.⁹⁴

Nesse processo de viabilização do movimento fundamentalista, a categoria religião se entrelaça com a esfera política, ou seja, no caso de partidos políticos religiosos, as ações tomadas por eles devem ter o respaldo de sua crença, não há espaço para liberdade de expressão ou qualquer outra espécie de moralidade que venha divergir da apresentada pela religião imposta⁹⁵. Então, essas ideologias religiosas quase fanáticas, podem acarretar guerras ideológicas, que se encontram em um cabo de guerra, com ideologias opostas tendo suas certezas confrontadas, ocasionando embates em nome da moral e “bons costumes”.

Ao analisar a resenha do blog Rafaeladillykich, podemos compreender como sua reflexão aponta para a onda conservadora que ganha força no Brasil, representando uma reação aos movimentos progressistas que lutam por direitos das minorias sociais.⁹⁶ Isso sugere um paralelo entre a realidade brasileira e o universo de Gilead, onde o fundamentalismo religioso é a base de uma sociedade totalitária. O fundamentalismo religioso muitas vezes se manifesta como um tipo de conservadorismo extremo, onde crenças religiosas são usadas para justificar a restrição de direitos individuais e a imposição de valores tradicionais em toda a sociedade.

⁹³ MAZUI, Fernanda Calgaro e Guilherme. **Bolsonaro diz que vai indicar ministro “terrivelmente evangélico” para o STF**. Disponível em: [Bolsonaro diz que vai indicar ministro 'terrivelmente evangélico' para o STF | Política | G1](https://www.rafaeladillykich.com.br/2020/07/07/o-conto-da-aia/). Acesso em: 8/2024.

⁹⁴ MEDIUM. **O Conto da Aia: a opressão em nome de Deus**. 2019. Disponível em: <https://medium.com/petcomufam/o-conto-da-aia-a-opress%C3%A3o-em-nome-de-deus-a57ed96583b9#:~:text=Lan%C3%A7ado%20em%201985%2C%20a%20obra.como%20Estados%20Unidos%20da%20Am%C3%A9rica>. Acesso em: 8/2023.

⁹⁵ COSTA, Otávio Barduzzi Rodrigues da. **Das relações entre modernidade e o fundamentalismo religioso**. Teocomunicação, Porto Alegre, v. 44, n. 2, p. 220-246, 2014. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/teo/article/view/17747>. Acesso em: 3/2023.

⁹⁶ RAFAELADILLYKICK. **O Conto da Aia**. [Blog], 07 jul. 2020. Disponível em: <https://www.rafaeladillykich.com.br/2020/07/07/o-conto-da-aia/>. Acesso em: 3/2024.

Passa um ano. Brasil, 2020. Fanatismo religioso. Pandemia. Isolamento social. Acabei, enfim, com um exemplar em mãos do livro que deu origem à série, escrito pela canadense Margaret Atwood.

Tive o *insight* de que o livro não era totalmente imaginativo justamente porque palavras são muito expressivas. Como a obra inteira é narrada em primeira pessoa, fui capaz de *sentir* o mesmo que Offred em diversos aspectos de sua descrição quanto à objetificação de seu corpo, os olhares de julgamento de outras mulheres e a educação estruturada com base na cultura de estupro, que tende a culpabilizar as vítimas pelos abusos.

Ok, não podemos dizer que a realidade atual do Brasil está nesse nível de totalitarismo, obviamente. Mas, se você for mulher, provavelmente vai se identificar com algumas sensações evocadas pelo livro.⁹⁷

O terrorismo, portanto, se apresenta como uma ferramenta de intimidação e coerção utilizada pelo regime totalitário para manter a população subjugada e obediente. Através do medo e da violência, o governo busca reprimir qualquer forma de resistência e dissidência, criando um ambiente de instabilidade e insegurança. Evidenciada na cena em que corpos são expostos publicamente como forma de punição e ameaça, representando a brutalidade e a crueldade do regime para com aqueles que desafiam sua autoridade. A manchete que relata discursos incitando a violência política proferidos por Bolsonaro, como o mencionado "fuzilar a petralhada"⁹⁸, ressoa com a alegoria do terrorismo, destacando como o discurso de ódio pode ser utilizado para instigar o medo e a divisão na sociedade. Essa conexão entre a ficção e a realidade serve como um lembrete dos perigos do uso da violência e do terror como ferramentas políticas, incentivando a reflexão sobre os valores democráticos e os direitos humanos.

Ainda dentro da camada de resenhas que mencionam os aspectos políticos, podemos ressaltar a menção a questões de terrorismo e intolerância são marcantes, assim como a menção à retomada da grande onda conservadora que assola o Brasil, chamando atenção para o risco de naturalização e como a misoginia está presente em nossos dias, como é bem evidenciado pela resenha do blog Vem Aqui rapidão:

Por mais que a história soe absurda, ela é assustadora justamente por não ser algo tão distante da nossa realidade; hoje, ainda que o Brasil abrace

⁹⁷ RAFAELADILLYKICK. **O Conto da Aia**. [Blog], 07 jul. 2020. Disponível em: <https://www.rafaeladillykich.com.br/2020/07/07/o-conto-da-aia/>. Acesso em: 3/2024.

⁹⁸PODER360. **No Acre, Bolsonaro fala em “fuzilar a petralhada” e enviá-los à Venezuela**. Disponível em: [No Acre, Bolsonaro fala em 'fuzilar a petralhada' e enviá-los à Venezuela](#) . Acesso em: 7/ 2023.

movimentos progressistas que lutam por minorias sociais, existe uma onda conservadora que infelizmente vem ganhando força (o chamado *backlash*) como "resposta" a esses avanços. Por isso, mesmo publicado na década de 1980, O conto da Aia continua atual ao nos propor reflexões sobre a mulher na sociedade, a importância do pensamento feminista, da sexualidade, respeito, revolução e até do meio ambiente.⁹⁹

A misoginia é retratada como uma ferramenta de controle e subjugação das mulheres, refletindo a desvalorização e a desumanização das mulheres no regime totalitário. As mulheres são reduzidas a papéis estereotipados e são privadas de seus direitos básicos, sendo tratadas como propriedade e objeto de desejo masculino. A protagonista é submetida a diversas formas de violência e humilhação devido à sua condição de mulher, destacando a opressão de gênero presente na sociedade retratada. Essa alegoria ressoa com a manchete que relata declarações misóginas de Bolsonaro ao declarar que teve 4 filhos homens mas que na quinta deu uma fraquejada e veio uma menina¹⁰⁰, evidenciando como a discriminação de gênero está enraizada na cultura e na política. As palavras depreciativas e ofensivas do (des)representante político refletem a persistência da misoginia na sociedade contemporânea, ilustrando como as mulheres continuam sendo alvo de preconceito e discriminação.

Os direitos humanos são violados e negligenciados no romance, refletindo a desumanização e a opressão das pessoas sob regimes totalitários. A protagonista é privada de sua liberdade e dignidade, enfrentando condições desumanas, como mencionado no trecho do livro. Essa alegoria ressoa com a manchete que relata famílias coletando restos de comida em um caminhão de lixo¹⁰¹, destacando a extrema precariedade e desespero enfrentados por muitos indivíduos na sociedade. A situação retratada na manchete é reminescente das condições desumanas enfrentadas pelos personagens de "O Conto da Aia", que lutam para sobreviver em um sistema que nega seus direitos mais básicos.

Dessa forma, a linguagem alegórica do Conto da Aia proporciona uma reflexão profunda sobre as dinâmicas sociais e políticas, conectando-se com eventos e questões contemporâneas retratadas em manchetes de jornais, e evidenciando a importância de

⁹⁹ VEM AQUI RAPIDÃO. **Resenha Crítica: O Conto da Aia, Margaret Atwood.** [Blog], Nov. 2017. Disponível em: <http://www.vemaquirapidao.com/2017/11/resenha-critica-o-conto-da-aia-margaret-atwood.html>. Acesso em: 20/04/2023.

¹⁰⁰ Revista Fórum. Bolsonaro: “**Eu tenho filhos foram homens. A quinta eu dei uma fraquejada, veio uma mulher**”. Disponível em: <https://revistaforum.com.br/politica/2017/4/5/bolsonaro-eu-tenho-filhos-foram-homens-quinta-eu-dei-uma-fraquejada-veio-uma-mulher-19902.htm>. Acesso em 7/2023.

¹⁰¹ XEREZ, Gioraz. **Famílias coletam restos de comida de caminhão de lixo em Fortaleza “para ter o que comer”**. Disponível em: <https://g1.globo.com/ce/ceara/noticia/2023/06/24/familias-coletam-restos-de-comida-de-caminhao-de-lixo-em-fortaleza-para-ter-o-que-comer.ghtml>. Acesso em: 7/2024.

defender os direitos humanos, a democracia e a igualdade em face da opressão e da intolerância.

Por fim, a censura e a supressão da liberdade de expressão são alegoricamente representadas na manchete "TSE acata pedido de Bolsonaro e proíbe manifestações políticas no Lollapalooza"¹⁰², destacando como a censura é utilizada para controlar e manipular a narrativa pública, semelhante à censura imposta às ideias dissidentes na distopia retratada na obra. Essas alegorias estabelecem conexões textuais entre a realidade política e social contemporânea e os temas explorados em *O Conto da Aia*, proporcionando uma reflexão sobre as questões de poder, controle e resistência.

Redigido por Margaret Atwood, "O Conto da Aia" representa uma distopia que delinea uma sociedade totalitária e teocrática chamada Gilead. Na trama, as mulheres emergem como as principais vítimas desse regime, sofrendo opressão e perdendo seus direitos. Extrapolando os limites da ficção, é possível estabelecer um paralelo entre essa narrativa e a realidade, especialmente no contexto das questões sociais que impactam o Brasil. Assim como em Gilead, vemos que Brasil no muitos partidos de direita usam da religião para conquistar os eleitores, principalmente quando há fragilidade social no contexto. A exemplo disso temos as eleições de 2018, em que a direita usava o slogan "Deus, Pátria e Família" para conquistar o "cidadão de bem" e manter-se no poder pós-golpe de 2016.

A obra evidencia o controle integral das informações pelo regime autoritário. Não obstante, é possível estabelecer uma analogia com o contexto brasileiro, em uma época em que a expressão contrária ao partido do presidente Bolsonaro resultava em algum tipo de silenciamento pelo governo.¹⁰³

Quando solicitamos a ficha de sistematização sobre a quarta oficina, salientado que evidenciassem quais foram as novas perspectivas sobre o Conto da Aia, como a obra se aproxima e se distancia da nossa realidade, tivemos as seguintes proposições:

Imediatamente, no quadro comparativo da ficção com a realidade. como num jogo de pistas, descobri sobre o significado de algumas passagens e além disso, abri os olhos a respeito de muitos problemas gerais enfrentados todos os dias, porém sempre banalizados ou ignorados apenas por não acontecerem perto de onde vivemos ou com o gênero oposto.¹⁰⁴

A obra literária de Margaret Atwood estabelece uma relação com diversas questões sociais da realidade. Uma delas é a opressão às mulheres, que é evidenciada ao longo do livro de diversas maneiras. O autoritarismo imposto pelo regime de Gilead reflete os estereótipos de gênero, onde as mulheres são reduzidas a meros úteros e cuidadoras, perdendo sua liberdade e autonomia. O livro também aborda temas como a xenofobia, a repressão religiosa e a manipulação política. Gilead é uma sociedade altamente

¹⁰² REVISTA FÓRUM. **Censura: TSE acata pedido de Bolsonaro e proíbe manifestações políticas no Lollapalooza.** Disponível em: [Censura: TSE acata pedido de Bolsonaro e proíbe manifestações políticas no Lollapalooza | Revista Fórum](#) . Acesso em: 10/2023..

¹⁰³ P.,R.N.F. Monte Carmelo, 2023.

¹⁰⁴ S., J.V.I. Monte Carmelo. 2023.

discriminatória, onde estrangeiros são excluídos e considerados uma ameaça, mulheres e minorias são oprimidas e a religião é utilizada para justificar as práticas autoritárias e controladoras (...) Faz-se mister, que uma grande mudança de perspectiva, para mim, “ A reflexão sobre a urgência de medidas para evitar que tais coisas aconteçam na realidade”, a necessidade de mudança e o pensamento crítico se tornam explícitos após essa leitura, considero este livro como uma experiência indispensável para todo os amantes de uma boa literatura, e principalmente os que desejam mudar o mundo, e vê-lo de forma mais realista.¹⁰⁵

As citações dos alunos destacam a eficácia do método adotado durante a quarta oficina, que se concentrou em estabelecer uma ponte entre os conceitos explorados na obra discutida e os acontecimentos da realidade brasileira contemporânea. Ao transformar essa atividade em um jogo de pistas, os participantes foram incentivados a mergulhar mais profundamente na compreensão dos temas abordados, identificando relações possíveis entre a ficção e a realidade. Essa abordagem dinâmica permitiu que os participantes não absorvessem os conceitos de forma passiva, o praticassem, relacionando-os com situações concretas que ocorreram no Brasil durante o período de 2016 a 2023. Ao fazer essas conexões, os participantes foram desafiados a refletir sobre a relevância e a atualidade dos temas discutidos na obra, bem como sobre como eles se manifestam na sociedade contemporânea.

Além disso, podemos compreender que essa atividade proporcionou uma conscientização mais ampla sobre os problemas enfrentados diariamente, muitas vezes ignorados ou minimizados. Ao explorar as conexões entre a ficção e a realidade, os participantes foram incentivados a examinar criticamente questões sociais, políticas e culturais que afetam suas vidas, bem como a reconhecer a importância de se envolver ativamente na compreensão e na resolução desses problemas. Portanto, essa abordagem não apenas enriqueceu a compreensão da obra discutida, mas também capacitou os participantes a se tornarem mais conscientes e engajados cidadãos, capazes de analisar criticamente o mundo ao seu redor e de buscar soluções para os desafios enfrentados pela sociedade brasileira contemporânea.

Na quinta e última oficina, antes da produção final livre sobre o sentido de *O Conto da Aia* para cada um, debatemos um pouco sobre a experiência e os conhecimentos adquiridos e correlacionados durante o período, foi notável que muitos participantes associaram a temática da obra às questões religiosas e de gênero, especialmente em relação ao contexto brasileiro. Contudo, chamou a atenção que, nas fases iniciais das discussões, as questões políticas

¹⁰⁵ A.R.S.S., Monte Carmelo, 2023.

pareciam permanecer em segundo plano. Foi somente após a elaboração da quarta oficina que as discussões começaram a se voltar mais diretamente para as implicações políticas da narrativa. Posteriormente, ao relacionar as questões políticas, os participantes começaram a perceber conexões mais profundas entre os temas evocados pela ficção distópica e a realidade política brasileira. A análise crítica das estruturas políticas, o papel do fanatismo religioso e a imposição de valores morais na sociedade foram se tornando elementos mais evidentes nas discussões, revelando a riqueza da obra em provocar reflexões sobre a interseção entre política, religião e gênero.

Esse processo de evolução nas discussões demonstrou não apenas as potências da obra em revelar suas diversas camadas de significado ao longo do tempo, mas também ressaltou a importância de uma abordagem coletiva e colaborativa na interpretação de temas complexos. A experiência em grupo permitiu que os participantes enxergassem as interconexões entre as diferentes facetas da trama, destacando a profundidade da narrativa de Atwood e sua capacidade de provocar reflexões abrangentes sobre a sociedade e a política.

Ao final, conseguimos atingir a expectativa de uma leitura crítica da obra. As reflexões mais potentes envolviam o gênero feminino. E que a partir dessa proposta abrimos vários caminhos possíveis para que não apenas os alunos, mas os professores também comecem a expandir suas percepções entre as possibilidades de aprender História tendo a literatura distópica como aporte. A oficina constituiu uma experiência emocional e não apenas intelectual, proporcionada pela trama de *O Conto da Aia*, permitindo a integração dessas temáticas sensíveis no ensino transversal. A diversidade de sentimentos vivenciados pelos participantes, como angústia, nojo, tristeza, desconforto, raiva e momentos breves de felicidade, destacam a potência da obra em despertar respostas emocionais profundas no ensino e aprendizagem de história.

Ao adotar uma abordagem transversal que explora esses sentimentos¹⁰⁶¹⁰⁷¹⁰⁸, tivemos a oportunidade de não apenas abordar as questões de gênero, religião e política presentes na obra, mas também de desenvolver habilidades socioemocionais essenciais nos alunos. A angústia e o nojo podem ser pontos de partida para discussões sobre empatia, respeito à diversidade e compreensão das diferentes realidades enfrentadas por grupos sociais específicos. A tristeza, raiva e desconforto podem ser canalizados para análises críticas das

¹⁰⁶ ANSART, Pierre. **A gestão das paixões políticas**. Curitiba, PR: Ed UFPR, 2019.

¹⁰⁷ CAMPELLO, Filipe. **A crítica dos Afetos**. Belo Horizonte: Autêntica. 2022.

¹⁰⁸ HAROCHE, Claudine. **A condição sensível. Formas e maneiras de sentir no Ocidente**. RJ:Contracapa, 2008.

estruturas sociais e políticas, promovendo uma consciência mais aguçada sobre as injustiças presentes na sociedade. Esses sentimentos podem servir como catalisadores para ações transformadoras, inspirando os alunos a se envolverem em debates construtivos e iniciativas voltadas para a promoção da igualdade e dos direitos humanos. Os momentos breves de felicidade na narrativa, por sua vez, podem abrir espaço para discussões sobre resiliência, superação, resistência e a importância de pequenas vitórias em meio a circunstâncias adversas. Esses momentos oferecem uma perspectiva positiva, estimulando a esperança e a busca por mudanças positivas. Promovendo uma educação mais completa, preparando os alunos para enfrentar desafios complexos e contribuir para uma sociedade mais justa e inclusiva.

6 Mas afinal o que se pode aprender com a literatura distópica geleadeana?

Toda reescritura, qualquer que seja sua intenção, reflete uma certa ideologia e uma poética e, como tal, manipula a literatura para que ela funcione dentro de uma sociedade determinada e de uma forma determinada¹⁰⁹

O primeiro livro de Atwood foi lançado no Brasil em 1987, 2 anos depois da eleição do primeiro presidente civil, desde o início da Ditadura Militar, Tancredo Neves, ainda que de forma indireta. Surgiu quando boa parte da população ansiava por direitos políticos e vivia num clima de participação social no bojo da discussão da nova Constituição que marcou profundamente a história da democracia no Brasil. Nesse período, o Brasil vivia sua utopia democrática quando se tem como comparação a sociedade de Gilead, Ambicionava, portanto, assegurar os direitos universais a todos os cidadãos do país. Como podemos compreender por meio de uma resenha publicada no *Diário de Pernambuco* da década de 1980, a obra contextualizada como uma das iniciativas literárias de “busca do passado” e não da problematização das questões do presente.

¹⁰⁹ LEFEVERE, André. **Tradução, reescrita e manipulação da fama literária**. Trad. Claudia Matos Seligmann. Bauru: EDUSC, 2007. p.11.

Imagem 12: Recorte de Jornal - Resenha O Conto da Aia na década de 1980

Em busca do passado



Margaret Atwood, autora de A História da Aia (Editora Marco Zero) um dos mais belos livros escritos nos últimos anos

O Lago encantado de Grongonzo, de Marilene Felinto, pernambucana do Recife, e um texto

narrativo construído predominantemente com frases curtas. A história de uma mulher, que procura lembrar e reconstituir seu passado. As constantes repetições de frases e fatos fazem parte dessa tentativa de reviver e reavaliar o **passado**, que é o meio a que a personagem recorre para compreender seu presente. É um mergulho no "eu", uma discussão da questão do feminino e um balanço sobre as possibilidades de amizade. Lançamento da Editora Guanabara.

A AUTORA

Marilene Felinto nasceu no Recife em 1957. Ainda bem jovem mudou-se para São Paulo, onde vive até hoje. Estudou letras na Universidade de São Paulo e tem trabalhado como tradutora de língua inglesa, já tendo traduzido obras de autores como Conrad, Poe, Shaw, entre outros. Em 1982, publicou seu primeiro romance, **As Mulheres de Tijuco-papo**, que recebeu o prêmio Jaboti, da Câmara Brasileira do Livro, na categoria de revelação de autor. Marilene Felinto também publicou um ensaio crítico-biográfico sobre Graciliano Ramos na coleção **Encanto Radical** da Editora Brasileira.

Fonte: PERNAMBUCO, Diário. Em busca do passado. Recife. 1987. Disponível em: https://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=029033_16&pasta=ano%20198&hf=memoria.bn.br&pagfis=121883. Acesso em: 1/10/2023.

Assim sendo, esse fenômeno das adaptações é discutido por Lefevere como reescrita e pode ser compreendido, na perspectiva de Genette, como um paratexto, uma porta de entrada para as obras de ficção da escritora, que abrange seu debate sobre ficção

especulativa/distopia¹¹⁰. Categorizada para o público brasileiro, nos paratextos, como distopia, subgênero que tem atraído os leitores à medida em que especula sobre as possibilidades, refletindo e levantando questionamentos sobre problemáticas emergentes na nossa realidade, nos levando a desenvolver nossa hipótese de que a realidade distópica descrita na obra literária pode ser uma chave de leitura para a compreensão da realidade sócio-política brasileira. Por meio dos questionamentos relacionados aos discursos utilizados na sociedade fictícia que poderiam ser aproximados dos discursos da chamada (nova) direita brasileira, além de considerar as questões de gênero tratadas na obra, evidenciar como essa questão tem sido gerida no governo de Bolsonaro e quais as perspectivas de enfrentamento, de forma a compreender como se deu esse processo, da aclamação da extrema direita e a efervescência da ficção especulativa.

Atentando-se para o cenário que a obra foi produzida e do lançamento da série que influencia a volta da circulação do livro, é perceptível a onda de movimentos políticos alinhados ao conservadorismo que tem como base o dismantelamento dos direitos humanos que se assemelham não só ao processo de construção da sociedade de Gilead como também aos mecanismos de controle. A obra se encaixa naquilo que Maria Varsam chama de distopia concreta, isto é, se ela extrapola a partir de eventos reais, através dos quais elas transmitem sua crítica e alerta¹¹¹.

Assim, a problemática que almejamos nesse enxerto é evidenciar as possibilidades e os desafios quanto ao uso da literatura como um caminho possível para ensinar e aprender história. Pois como já dizia Borges (2010) “O conteúdo, as questões abordadas dentro do texto devem ser problematizados também e relacionados à dimensão temporal, buscando perceber o texto como campo de tensões e contradições”¹¹²

Em 1987, o filme decorreu do sucesso do livro, em 2019, parece ter sido o inverso. Embora a relação entre cinema e literatura para o impulsionamento da divulgação e venda das obras não seja nova, nesse fenômeno de vendas mais recente, a novidade parecia ser o fato de que essa relação se deu no ambiente da internet com a chegada do streaming, oficialmente em 2018, no Brasil muitos leitores começam a publicar na internet em seus sites e blogs resenhas sobre suas impressões de leituras, descrevendo os sentimentos e impressões ao lerem a

¹¹⁰ Margaret Atwood defende que seu romance seja uma ficção especulativa, por não ter escrito nada que não tivesse acontecido antes.

¹¹¹ VARSAM, Maria. **Concrete Dystopia: Slavery and Its Others**. In: BACCOLINI, Raffaella; MOYLAN, Tom (orgs.). *Dark Horizons: Science Fiction and the Dystopian Imagination*. Nova York; Londres: Routledge, 2003.

¹¹² BORGES, Valdeci Rezende. **História e Literatura: Algumas Considerações**. Goiás: Revista de Teoria da História, Ano 1, n. 3, junho/ 2010. p.102

narrativa e como a série os faziam refletir sobre as aproximações entre a sociedade fictícia e a realidade. Para além das ações articuladas pelos produtores em diversas plataformas para venderem a obra, questionamos se a recepção da obra pelos leitores brasileiros que ressaltam em suas resenhas alguns pontos de semelhança entre o que liam. Ensejamos refletir como os leitores se apropriaram da obra, nas circunstâncias históricas em que circulou a obra no Brasil?

Como a leitora do blog “A Mina de Fé” destaca:

Esse é um livro de ficção científica bem forte de se ler, a linha do tempo dele também é um pouco complicada de se entender, assim como a escrita, mas foi de grande aprendizado. Eu assisti a primeira temporada da série e a cada episódio eu ficava mais chocada, As coisas no livro acontecem mais devagar e de uma forma bem diferente. Mas eu gostei sim do livro apesar de achar complicado de entender, ele tem muita emoção, é um mundo paralelo onde as mulheres perdem todos os direitos, uma verdadeira ditadura. Offred é a personagem principal, uma Aia (mulher usada para procriação). Haviam várias delas e todas tinham o propósito de ficar em determinada casa até conceber um filho ao casal. Como eu já disse é um livro forte, e por mais que seja antigo, as questões políticas tratadas nele são muito atuais. Eu acho que vale super a leitura.¹¹³

Ou como destacam as alunas, participantes do projeto de extensão:

Creio eu que a temática do machismo e do assédio normalizado foi a que mais me sensibilizou, pois até os dias de hoje as mulheres lutam para cessar essas ações que desrespeitam nossos corpos e nosso intelecto. Felizmente o livro conseguiu destacar de maneira explícita a forma desigual e subordinada que o gênero feminino é tratado, abrindo os olhos de todos os leitores sejam eles do mesmo sexo ou não.¹¹⁴

Me sensibilizou a questão da violência contra as mulheres no universo da história. Seja ela verbal, física ou sexual, foi construída gradativamente, de maneira que chegou em níveis absurdos naturalmente, devido à passividade da população.

Durante as oficinas, senti profunda angústia por "estar tão perto" das situações problemáticas e não poder intervir.¹¹⁵

As temáticas que mais me sensibilizaram foram as que retratavam as violações sexuais, isso é algo que meche muito comigo, uma temática pesada, e o jeito como elas recebem a culpa desse tipo de abuso, o jeito que o estupro é normalizado nessa realidade é assustador e nojento, no geral é uma sociedade que se sustenta no estupro, já que essas mulheres não tem escolha se vão se relacionar, ou se sequer querem, apenas são obrigadas.

"Você não pode controlar o que sente, mas pode controlar como se comporta." É um trecho exemplar que nos faz pensar sobre o comportamento muitas vezes "passivo" das aias.¹¹⁶

¹¹³ A MINA DE FÉ. **Resenha o conto da Aia**. 2021. Disponível em: <http://www.aminadefe.com/2021/04/resenha-o-conto-da-aia.html?m=1>. Acesso em: 31/03/2022.

¹¹⁴ S., M.C.C. Monte Carmelo. 2023.

¹¹⁵ G., J.P. Monte Carmelo. 2023.

¹¹⁶ M., G.C. Monte Carmelo. 2023.

Diferentemente das resenhas dos anos 1987, dos jornais brasileiros, ela não evoca a categoria romance feminino ou feminista. O que nos faz compreender que, esse quadro tético não é algo puramente fictício, mas verossímil, correlacionado a referenciais históricos que, longe de ficarem limitados a um passado histórico, estão cada vez mais presentes. Por essa razão, as narrativas distópicas não apenas permitem relacionar memória, história e sociedade, como abrem um novo campo de reflexão que requer a própria ampliação do conceito: a memória do que já se viu revestida do que ainda apenas se especula, o que parece retomar o compromisso da literatura com a sociedade e o compromisso da própria arte com a memória coletiva¹¹⁷. Que com a reflexão dos processos descritos nas obras é possível caminhar para o processo de criação de uma consciência histórica, uma vez que atrelado a esse movimento a questão do dever de memória, “o dever de não esquecer” que é uma forma de confrontar o esquecimento e, em decorrência, evitar a anulação dos rastros, dos vestígios do passado que permitem recompor a história sob outro ponto de vista.

Como aponta Jauss, uma obra não deve ser vista como parte da história cronológica, há de considerar seu impacto em seu tempo histórico, ou seja, o momento de produção, sua função social e sua ação no tempo. Nesse sentido, é necessário reconhecer o espaço de experiência e o horizonte de expectativas do leitor, pois, é a partir de suas concepções que ele dará sentido à obra, dado que, diante a leitura suas considerações sociais, intelectuais e ideológicas influenciará na compreensão linguística literária. Assim sendo, é importante considerar a recepção dos leitores a partir do sentido em que eles atribuem a obra, por meio da capacidade de interpretar o dito e o não dito nas entrelinhas que conseqüentemente corrobora para a construção crítica reflexiva, historicizando a literatura.¹¹⁸

A trama de O conto da Aia coloca em evidência uma tentativa totalitária de eliminar o passado e de homogeneizá-lo para garantir sua coerência com a ideologia religiosa, conformando uma memória coletiva que modifica não apenas os fatos em si, mas aquilo que se fala sobre ele, o discurso. Em outros termos, “a memória coletiva é não somente uma conquista, é também um instrumento e um objeto de poder”¹¹⁹. Deste modo, o governo de Gilead procura apagar todas as memórias de um passado calcado na luta por espaços de atuação e modos de ser protagonizados por mulheres, para retomar o paradigma da mulher responsável pelo pecado original e completamente dependente da dominação e da categorização masculina. O que foi amplamente percebido pelos alunos ao destacarem a

¹¹⁷ RICOEUR, Paul. **Tempo e narrativa** - Tomo 1. Tradução de Constança Marcondes César. Campinas: Papirus editora, 1994. p.25.

¹¹⁸ PENA, Alessa Nara Fortunato; NORONHA, Gilberto César de. **ENTRE PÁGINAS E MEMÓRIAS: A RECEPÇÃO DE O CONTO DA AIA**. Revista Humanares. v,5 nº8.2022. Disponível em: <https://revistahumanares.uespi.br/index.php/HumanaRes/article/view/191>. Acesso em: 3/2023.p.2.

¹¹⁹ LE GOFF, J. **História e Memória**. Campinas: Editora da Unicamp, 5. ed., 2003. p.477.

composição elementar imagética da capa de 2017 - a serpente rastejando no chão - simbolizando o pecado original.

De forma geral, para o recorte de 2015-2016 encontramos 5 resenhas das quais 3 mencionam alguma aproximação com a realidade brasileira que parte da aproximação da perda dos direitos feministas que a bancada política que tentavam proibir a legalização do aborto¹²⁰ das associações ao feminicídio e a perseguição das mesmas na internet, com reflexões acerca dos dispositivos e discursos de poderes bem construídos acerca do patriarcado como a imposição da família monogâmica ou tradicional, a falta de igualdade salarial, a imposição do papel da mulher, impondo que seu lugar é dentro de casa, tornando um cenário muito propício para a instauração de um regime totalitário.

Assim, é possível compreender que tanto os resenhista quanto os cursistas destacam que a leitura não foi fácil devido ao “momento político brasileiro onde direitos das mulheres estão sob ameaça por uma bancada reça e fundamentalista” e pela abordagem indireta ao cenário brasileiro quando a/o leitor do blog Lulunetes escreve abertamente suas impressões da obra e cita como pareceu ser uma “alegoria ao nosso sistema patriarcal. De como o patriarcado, com o passar das gerações, foi definindo o objeto no caso a mulher”, que apesar de não conter nenhuma palavra chave que remeta diretamente ao Brasil o termo “nosso sistema patriarcal” se refere ao sistema patriarcal presenteou na sociedade brasileira trazendo também alguns detalhes de como essa imposição se dá:

Tomamos como verdades as inversões culturais que nossas antepassadas foram forçadas a acreditar, como: na família monogâmica (a monogamia existe apenas para a mulher. Aos homens a poligamia é permitida.); o aprisionamento da mulher ao lar (nas sociedades comunitárias essas atividades eram divididas entre a comunidade). Ainda há quem acredite que atualmente as mulheres atingiram a igualdade. Infelizmente o cenário se mostra bastante diferente do ideal, pois não temos o mínimo direito à escolha ao aborto seguro e sofremos com a desigualdade de salário na mesma função.¹²¹

O que pode ser evidenciado pelas seguintes produções dos quadros comparativos elaborados na oficina 3.

¹²⁰ REDAÇÃO. **Projeto caracteriza aborto como crime em qualquer fase da gravidez**. Senado Notícias. 2016. Disponível em: [Projeto caracteriza aborto como crime em qualquer fase da gravidez — Senado Notícias](#). Acesso em: 29/04/2023.

¹²¹ LULUNETTES. Livro: **O Conto da Aia, Margaret Atwood**. [Blog]. Disponível em: <https://lulunettes.wordpress.com/2015/10/03/livro-o-conto-da-aia-margaret-atwood/>. Acesso em: 18/03/2023.

Imagem 13: Resultado da confecção do quadro comparativo - oficina 3

A sobrevivente de abuso infantil que ajudou a condenar o avô pelo crime



Poppy acabou de completar 18 anos

Matéria extraída de BBCnewsBrasil

“Ela revela como, quando era criança, achava normal o abuso que sofria — e como sentiu um alívio enorme quando finalmente contou aos pais, aos 11 anos.”

“Abaixo dela o Comandante está fodendo. O que ele está fodendo é a parte inferior de meu corpo. Não digo fazendo amor, porque não é o que ele está fazendo. Copular também seria inadequado porque teria como pressuposto duas pessoas e apenas uma está envolvida. Tampouco estupro descreve o ato: nada está acontecendo aqui que eu não tenha concordado formalmente em fazer. Não havia muita escolha, mas havia alguma, e isso foi o que escolhi. (...) Beijar é proibido entre nós. Isso faz com que seja suportável” p.116-117

FONTE: Autoria própria dos cursistas. 2023.

Imagem 14: Resultado da confecção do quadro comparativo - oficina 3

Vítima relata dor e trauma após abuso sexual sofrido em Nova Hartz em caso que resultou na prisão de médico.

Clínico geral, que já havia sido condenado por crime sexual em 2019, foi preso preventivamente na quinta-feira.

Capítulo 11, página 75

Violência sexual em ambiente hospitalar

Porta trancada, toques indevidos e indiferença à dor. Esses são alguns dos aspectos relatados por uma mulher de 52 anos que se declara vítima de abuso sexual do médico preso preventivamente nesta quinta-feira (12) em Canoas. O caso, que resultou na prisão do clínico geral Valmir Venâncio da Silva, 39 anos, ocorreu em Nova Hartz, no Vale dos Sinos, em novembro de 2022, e envolveu a paciente que conversou com a reportagem de GZH.

Rafael Favero e Thiago Boff
13/01/2023 - 18h06min

<<https://gauchazh.clicrbs.com.br/seguranca/noticia/2023/01/vitima-relata-dor-e-trauma-apos-abuso-sexual-sofrido-em-nova-hartz-em-caso-que-resultou-na-prisao-de-medico-cluzteai002t0181opj1etdk.html>>

“(…) - Como você acha? - diz ele, ainda mal murmurando as palavras. Será que aquilo é a mão dele, deslizando pela minha perna acima? Ele tirou a luva. - A porta está trancada. Ninguém vai entrar. Nunca saberão que não é dele.

Ele levanta o lençol. A parte inferior de seu rosto está coberta pela máscara de gaze branca, regulamentar. Dois olhos castanhos, um nariz, uma cabeça com cabelos castanhos em cima. A mão dele está entre minhas pernas. (…)”

Realização:
Entre páginas e memórias: O Conto da Aia como possibilidade para o ensino e aprendizagem em história





FONTE Autoria própria dos cursistas. 2023.

Transmitindo mensagens atemporais, causando comoção de fazer “abrir os olhos para o poder que uma ideia tem”¹²², provocando “incômodo, desconforto, choque”¹²³, medo, tensão. Os leitores que publicaram suas resenhas em 2018-2019 constroem uma visão crítica a partir da estrutura da obra, uma vez que enfatizam análises sobre como a personagem ressalta que o sistema teocrático totalitário de Gilead foi instituído gradualmente, mas que “os discursos dos indivíduos vai dando indícios de que está por vir”¹²⁴ e a reflexão de o quanto “nossa opinião e ideias são manipuladas pela mídia”¹²⁵, o que podemos associar com os diversos momentos da história política recente do país, os quais são corrompidos para manipular e distorcer o que é real. Como pode ser visto por meio da resenha do blog Escotilha Literária:

Não creio que a literatura tenha a obrigação de ter alguma função predeterminada, mas me parece que livros como este escrito por Margaret Atwood representam um tipo [de] leitura fundamental para compreender e ampliar a visão de mundo, quem sabe até para criar algum tipo de empatia e eliminar preconceitos com relação à luta pelos direitos da mulher. Nesse sentido, além de nos entreter com uma história tensa e cheia de momentos impactantes, um livro como esse teria função de alertar os leitores a respeito da gravidade de se misturar política e religião, bem como de escancarar o quanto o pensamento machista é retrógrado e danoso para uma sociedade.¹²⁶

Ou como ressaltam os alunos em 2023:

Após conhecer o enredo do livro, a similaridade com a realidade e as emoções da personagem me surpreenderam bastante, uma vez que ao ler a obra me senti como a própria Aia principal e vi sua história como algo possível de se acontecer e que em alguns trechos se assemelha à fatos históricos bastante conhecidos sejam eles mundiais ou nacionais.

A descrição com detalhes do lugar onde se passa a história, o sistema que rege a cidade e a diferenciação de cada pessoa também me impressionou bastante.¹²⁷

¹²² JANELA LITERÁRIA. **Resenha: O Conto da Aia (Margaret Atwood)**. Disponível em: <https://www.janelaliteraria.com.br/2018/12/resenha-o-conto-da-aia-margaret-atwood.html>. Acesso em: 30 abr. 2024.

¹²³ DE LIVRO EM LIVRO. **Resenha: O Conto da Aia, de Margaret Atwood**. [Blog], Ago. 2018. Disponível em: <http://www.delivroemlivro.com.br/2018/08/resenha-o-conto-da-aia-de-margaret.html>. Acesso em: 1/03/2023.

¹²⁴ INFINITAS VIDAS. **Resenha: O Conto da Aia, Margaret Atwood**. [Blog], 29 ago. 2018. Disponível em: <https://infinitasvidas.wordpress.com/2018/08/29/resenha-o-conto-da-aia-margaret-atwood/>. Acesso em: 18/03/2023.

¹²⁵ DE LIVRO EM LIVRO. **Resenha: O Conto da Aia, de Margaret Atwood**. [Blog], Ago. 2018. Disponível em: <http://www.delivroemlivro.com.br/2018/08/resenha-o-conto-da-aia-de-margaret.html>. Acesso em: 1/03/2023.

¹²⁶ ESCOTILHA LITERÁRIA. **Livro: O Conto da Aia, Margaret Atwood - Resenha Crítica**. [Blog], Disponível em: <https://escotilha.com.br/literatura/livro-o-conto-da-aia-margaret-atwood-resenha-critica/>. Acesso em: 1/03/2023.

¹²⁷ B., F. P. Monte Carmelo. 2023.

Esse contraste desperta uma grande questão: “O quão longe o Conto da Aia está da nossa realidade?”. Bem, a premissa da história certamente nunca aconteceria fora da ficção, certo? Será mesmo? A infertilidade da população, uma das causas para a criação de Gilead, se deu por impactos ambientais causados pela ação humana, os quais são um grande problema do mundo atual. A negação dos direitos às mulheres e pessoas LGBTQIAPN+, o regime autoritário e a proibição da liberdade em vários quesitos que vemos no livro, até pouco tempo atrás, também eram questões vividas na realidade, assim como o fundamentalismo religioso, a normalização do estupro, a criminalização do aborto, entre muitas outras, são vividas até os dias de hoje¹²⁸

Já em 2020-2022 a presença de reflexões que ressaltam o distanciamento do livro com a realidade são notáveis, assim como também reflexões sobre a importância de lutar e resistir para não chegarmos em uma sociedade tal como Gilead são vistas com frequência. Assim, o ano de 2020 ganha destaque pelas interpretações escritas pelos resenhistas que demonstram reflexões profundas. Ademais, em 2020, apenas uma das resenhas aborda comparações de forma direta, 3 abordam de forma indireta e 2 não abordam reflexões que colocam em xeque a proximidade ou distanciamento entre o Brasil e Gilead. Nesse recorte, os leitores novamente retratam a atemporalidade da obra e evidenciam que o que faz com que ela ainda seja relevante é seu gênero, pois, seu objetivo natural é alertar para os perigos da intolerância e do preconceito, porém, seu destaque maior é justamente com a realidade, diferentemente de outras obras de ficção, uma vez que essa retrata muito bem questões de violência feminina e/ou contra a mulher que ocorre nas “vielas e becos de muitas cidades brasileiras.”¹²⁹. Sensação essa que é compreendida pelos cursistas no projeto de extensão:

Após uma análise mais aprofundada, a história desperta um misto de sensações no leitor, instigando-o a questionar o meio no qual ele vive, de que forma ele o influencia e afeta, o seu papel nele e, principalmente, como ele está vulnerável à decisão de outros.¹³⁰

É notável a perspectiva da subjetividade construída por meio das memórias da personagem principal que em toda a narrativa perpassa por suas memórias, revisitando e reelaborando os acontecimentos de modo a projetar o outro em cima de si, ao mesmo tempo que lança seu discurso adiante. Nos fazendo questionar o propósito da narrativa em primeira pessoa construída pela autora, não seria uma tática utilizada para fazer com que o leitor se sinta pertencente à história. Como a personagem mesmo afirma ao longo da narrativa, todo ato de narrar pressupõe um interlocutor, ainda que fisicamente não haja ninguém. Atentado

¹²⁸ I.S.P.M, Monte Carmelo, 2023.

¹²⁹ BECO LITERÁRIO. **RESENHA: O CONTO DA AIA, DE MARGARET ATWOOD**. Disponível em: <https://becoliterario.com/resenha-o-conto-da-aia/>. Acesso em: 1/2024.

¹³⁰ I.C.S.M., Monte Carmelo, 2023.

para a subjetividade Offred (personagem principal) relata sua história na esperança de ter um futuro diferente de seu presente mas que para isso ela precisa criar mecanismos de sobrevivência diante o regime opressor imposto em Gilead que para Offred, “narrar” e “ser” se confundem, daí a importância da linguagem como forma de resistência. Que em um plano mais amplo reflete diretamente nas reflexões do leitor nos fazendo refletir sobre a sociedade que estamos vivenciando e qual sociedade queremos vivenciar.

Analisando o final do livro, evidenciado também que no início daquela sociedade autoritária, o centro vermelho, não era de conhecimento público, o que está diretamente ligado pouca resistência ao novo governo de transição – os filho de Jacó

Vivíamos, como de costume, por ignorar. Ignorar não é a mesma coisa que ignorância, você tem de se esforçar para fazê-lo. Nada muda instantaneamente: numa banheira que se aquece gradualmente você seria fervida até a morte antes de se dar conta. Havia matérias nos jornais, é claro. Corpos encontrados em valas ou na floresta, mortos a cacetadas ou mutilados, que haviam sido submetidos a degradações, como costumavam dizer, mas essas matérias eram a respeito de outras mulheres, e os homens que faziam aquele tipo de coisas eram outros homens.¹³¹

Após ou até mesmo durante o momento da leitura, muitos leitores, refletem, assim como pensa Offred, onde estava o resto do mundo perante a construção dessa sociedade? Por que ninguém tentou impedir a implementação? Como se formulou essa estruturação?

Assim como em Gilead, após as jornadas de junho em 2013, é possível observar a corrosão da democracia liberal no Brasil e os crescentes movimento de oposição às conquistas humanitárias, feministas e das minorias. Pautados no discurso de anticorrupção, saudosista e moralista, calcados em justificativas religiosas apresentam uma ideologia muito semelhante às empregadas em sistemas fascistas ao valorizarem a família tradicional e os bons costumes, contra os direitos feminismo tais como liberdade/autonomia e direitos abortistas, ao propagar intolerância ao diferente como aos homossexuais. Deste modo, o recorte espaço-temporal analisado nesta pesquisa no contexto político, é marcado por retrocessos sociais e político e que após a efervescência da narrativa nas redes sociais é muito presente as relações das entrelinhas entre as duas sociedade, pois, assim como em Gilead, que por meio do fechamento do congresso e a suspensão da Constituição e a construção de uma sociedade que passa ter as regras pautadas na bíblia instauram um regime autoritário e teocrático - onde antes era os Estados Unidos - que se baseiam em passagens da bíblia para justificar a infertilidade causada pela radiação e a necessidade de colocarem as mulheres que ainda continuam férteis submissas às ordens ditadas pelos comandantes que regem a sociedade.

¹³¹ ATWOOD, Margaret. **O Conto da Aia**. Rio de Janeiro: Rocco. 2017.a. p.71

No cenário brasileiro, o governo Bolsonaro (2018-2022), em toda a sua trajetória, desde as campanhas eleitorais de 2018 até as de 2022, foi marcado por vários momentos de demonstração que esse tipo de ameaça está presente em seus discursos, nos levando a compreender que *O Conto da Aia* é um exemplo do que pode acontecer quando o fascismo, aliado ao sentimento religioso pode se converter em um sistema de poder e repreensão.

Focando na temática do fundamentalismo religioso não podemos deixar de evidenciar que em razão de como funciona a República, Offred enxerga forças centrífugas no discurso bíblico. Ela acredita que o texto, se público, poderia ser controverso e conseguiria estimular contestações sobre o governo e o funcionamento de Gilead. Tal pensamento parece ter uma conotação semelhante na percepção de seu uso pelos leitores, considerando que eles destacam que os discursos religiosos são caracterizados por uma lógica centralizadora, em que atuam forças centrípetas. Isso acontece em razão do caráter axiomático conferido ao discurso de diversos políticos que apelam ao divino, proveniente de uma razão maior, ou seja, inquestionável. Mas, esse mal-estar, acredito, não é só bem-vindo, como necessário. Diferente do que eu esperava, e diferente do tom que a série de televisão baseada no livro ganhou, *O Conto da Aia* não é uma narrativa sobre resistir e lutar contra a opressão. A obra é sobre a opressão em si, sobre como um governo totalitário e fundamentalista massacrou uma pessoa a ponto de lhe tirar até mesmo a coragem por lutar pela própria liberdade (...) *O Conto da Aia* também fala bastante sobre poder e liberdade, tanto políticas/sociais, quanto pessoais. O livro nos faz questionar se é o lugar do governo ditar como as pessoas devem viver e puni-las quando fogem das regras, assim como o fundamentalismo religioso é volátil e nocivo. *O Conto da Aia* retrata bem como, muitas vezes, a fé das pessoas é usada por indivíduos para forçar outros, através da “vontade de Deus”, a atingir objetivos (como o controle populacional e econômico) sendo que eles nada tem a ver com religião.¹³²

Assim, percebemos associações diretas com a onda conservadora que ganha força levando a refletir que a obra serve de alerta sobre o que o extremismo pode acarretar na sociedade como um todo, quando a liberdade e os direitos humanos são colocados na base de discursos pautados na intolerância e no ódio a diferença, provocando uma forte concepção ideológica que coloca em xeque os direitos individuais, buscando meios de controlar a população tanto por meio da cultura tanto pela modificação da legislação.

Deste modo, *O Conto da Aia* continua a ser um livro de grande relevância no cenário literário, e não apenas por sua narrativa distópica fascinante, mas também por sua capacidade de explorar questões sociais e políticas profundamente arraigadas na contemporaneidade.

¹³² MADEMOISELLE LOVES BOOKS. **Resenha: O Conto da Aia - Margaret Atwood.** Disponível em: <https://www.mademoisellelovesbooks.com/2018/01/resenha-o-conto-da-aia-margaret-atwood.html>. Acesso em: 3/2023.

Como ressaltam os leitores, o livro possibilita traçar interseções impressionantes com a realidade brasileira, a partir das interpretações embebidas das experiências e expectativas dos mesmo, particularmente no que diz respeito ao fundamentalismo religioso, uma força que ganha cada vez mais espaço no país.

O fundamentalismo religioso tem desempenhado um papel cada vez mais influente na política brasileira. Líderes religiosos e grupos fundamentalistas têm ganhado representação no Congresso Nacional e exercem influência na formulação de políticas públicas.¹³³ Questões como o direito ao aborto, casamento LGBTQ+, educação sexual e separação entre Estado e Igreja são frequentemente debatidas com base em princípios religiosos, em detrimento de abordagens laicas e inclusivas também pode promover uma cultura de intolerância, com atitudes discriminatórias em relação a minorias étnicas, religiosas e de gênero. Isso pode se manifestar em discursos de ódio, ações de violência e desrespeito pelos direitos humanos, muitas vezes está associado à resistência aos direitos reprodutivos das mulheres. A oposição ao acesso ao aborto e contraceptivos, bem como a defesa de padrões de gênero tradicionais, é um exemplo disso.¹³⁴ A influência do fundamentalismo religioso pode colocar em risco a liberdade de expressão e a coexistência pacífica de diferentes grupos religiosos e não religiosos. A pressão para que a sociedade adote valores religiosos específicos pode levar à marginalização de grupos minoritários e à violação dos direitos humanos.

Além disso, a centralização do poder em líderes autoritários ou grupos conservadores levanta preocupações sobre a fragilidade das liberdades individuais e a erosão das instituições democráticas. A pressão para adotar valores religiosos específicos pode resultar na marginalização de grupos minoritários e na violação dos direitos humanos. Críticas à repressão política e à negação de liberdades individuais são frequentes na sociedade brasileira contemporânea. Movimentos sociais e ativistas denunciam a repressão e a perseguição de grupos marginalizados, destacando a importância de proteger a liberdade de expressão e manter um sistema democrático. O Brasil, embora não seja uma sociedade autoritária no

¹³³ TOSTES, Angélica; COSTA; Rafael Rodrigues da; CORAZZ, Delana. Brasil de Fato. Artigo. **O fundamentalismo evangélico e a ameaça à democracia: desafios para o novo governo**. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2023/01/13/artigo-o-fundamentalismo-evangelico-e-a-ameaca-a-democracia-de-safios-para-o-novo-governo>. Acesso em 3/2024.

¹³⁴ VEJA. **Deputado do PSL apresenta projeto contra anticoncepcionais “abortivos”** | Desvendados. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/coluna/desvendados/deputado-do-psl-apresenta-projeto-contranticoncepcionais-abortivos>. Acesso em: 1/2024.

sentido estrito, apresenta semelhanças preocupantes com regimes que impõem regras baseadas no medo e no controle. Obras como "O Conto da Aia" servem como lembretes da importância de defender a liberdade e a democracia, mostrando como a ficção pode refletir desafios sociais e políticos da vida real. Através da narrativa distópica, *O Conto da Aia* aborda questões como direitos reprodutivos, patriarcado e misoginia, incentivando os leitores a refletir sobre as lutas enfrentadas por grupos marginalizados tanto na ficção quanto na realidade. A obra destaca o perigo do autoritarismo e da opressão, convidando à análise crítica das estruturas de poder e ao reconhecimento dos desafios para manter a liberdade e a democracia no Brasil.

A análise crítica da sociedade presente em *O Conto da Aia* também oferece perspectivas sobre o funcionamento de sociedades totalitárias, destacando a imposição de regras rígidas, o uso do medo como ferramenta de controle e a manipulação ideológica como meios de manter o poder. Essas reflexões incentivam os leitores a considerar a fragilidade das liberdades individuais e os perigos do autoritarismo, enquanto despertam para a importância da resistência e da luta pelos direitos humanos e pela democracia. Em suma, *O Conto da Aia* não é apenas uma narrativa distópica fascinante, mas também uma poderosa ferramenta de aprendizagem e reflexão histórico-crítica, que desafia os leitores a examinar criticamente a sociedade, refletir sobre eventos históricos e considerar o papel da resistência na promoção da justiça e da liberdade.

Nesse sentido, pudemos compreender como os leitores constroem suas interpretações em suas escritas, na maioria das vezes afetados pela trama construída pela autora. Afetos esses que são embebidos de memórias, rememorando através da reflexão crítica do passado diante da experiência dos personagens e seus sentimentos semelhantes aos processos sociais negativos ocorridos em nossa sociedade, de forma direta ou indireta aqui entendida como um possível silenciamento da memória. Com a reflexão dos processos descritos através da interpretação dos leitores é possível afirmar que a Literatura constitui-se como ferramenta no processo de criação de consciência histórica, como uma forma de confrontar o esquecimento evitando a anulação dos vestígios do passado que permitem recompor a história sob outro ponto de vista. Assim, através das resenhas e pelos sentimentos esboçados pelos leitores, buscamos analisar a atual conjuntura sócio-política brasileira pós-golpe de 2016 que tornou possível a ascensão ao poder de grupos de extrema direita, a fim de evidenciar quais são os métodos de controle que têm operado na sociedade brasileira contemporânea, assimilado pelos resenhistas.

Seguindo este viés construímos uma relação e o impacto do golpe de 2016 como contribuinte a ascensão de grupos de extrema direita no Brasil, a fim de compreender a atual conjuntura brasileira governada pelo presidente Jair Messias Bolsonaro até as eleições presidenciais de 2022, mais especificamente o contexto em que ela se formou, por quais discursos construiu sua base que se assemelham aos discursos autoritários e antidemocráticos já vivenciados não só pelos brasileiros no passado, como também aos personagens de uma literatura distópica narrada na obra *O Conto da Aia* de Margaret Atwood, a qual procuramos evidenciar os pontos de interseção entre a realidade distópica construída pela obra e a realidade brasileira percebida através de fontes jornalísticas, dos discursos proferidos nas redes sociais em que se encontram a representação das intenções dos políticos do país. Trabalhamos também com as aproximações e distanciamentos possíveis entre estas duas realidades, levando-se em conta os aspectos da verossimilhança pelos quais a literatura opera e as escalas de verdade com as quais a história trabalha, entre o falso e o factível, entre o possível e o provável.

Por conseguinte, após toda essa amostra, fica evidente que diferente de Gilead que vivia em um regime autoritário, vivemos em um país globalizado e democrático, mas o cenário no qual estamos inseridos nos permite traçar alguns paralelos com a distopia descrita e analisada neste trabalho. Utilizando dos conceitos de região de Octávio Ianni, tanto Gilead quanto o Brasil desfrutam da polarização e conflitos, entre raça, gênero e nação; casta e classe social; religião e política; militarismo e teocracia; xenofobia, racismo e preconceito, como uma maneira de separar ao máximo o povo a fim de construir um sistema, pautado em apenas uma parcela da população.¹³⁵

¹³⁵ IANNI, Octávio. **Nacionalismo, regionalismo e globalismo**. Novos Rumos. Marília-SP, Unesp, n. 25: 1996.

7 Foi possível aprender e ensinar história com a literatura?

A Escrita literária é intencional. Seu compromisso com a imaginação é expressa e tácita com a realidade dos fatos. Provoca a sensibilidade dos afetos, desloca nossas relações imediatas com o mundo, permite estabelecer alegorias com a sociedade. Nesse sentido, a ficção especulativa de Atwood pode ser associada a (embora, evidentemente não tomada como espelho de) temáticas de interesse social e histórico, que estão diretamente ligadas a competências e habilidades exigidas pela BNCC no campo das ciências humanas e sociais aplicadas que abrange a área de História no Novo Ensino Médio. No projeto desenvolvido, os alunos foram estimulados a identificar continuidades, rupturas e a estabelecer conexões entre as diferentes temporalidades históricas, proporcionando uma visão mais abrangente do passado, presente e futuro, contribuindo para o desenvolvimento da Competência 1 da BNCC (2018) que propõe o desenvolvimento da capacidade de compreender os processos históricos, englobando a análise de transformações socioculturais ao longo do tempo.

Segundo a avaliação da estudante L. F. D., quando menciona na sistematização da oficina 5, podemos compreender que conseguimos atingir os objetivos da proposta de trabalhar a competência 1, por meio de sua escrita como veremos abaixo. Foi possível levar os estudantes a compreender os processos históricos, englobando a análise de transformações socioculturais ao longo do tempo:

A princípio foi me apresentado o livro e suas diferentes adaptações, o que naquele momento despertou uma certa curiosidade já que um livro não muito antigo havia recebido diversas traduções, censuras, ataques de ódio e admiração em vários países e ainda assim era considerado um best-seller discutido no ambiente escolar. Dessa forma, consegui criar um interesse maior pela obra e iniciar a leitura da mesma para acompanhar as oficinas. Com a análise do enredo, reunida com os outros alunos - algo muito importante, que foi fundamental para ter contato com as diferentes visões e opiniões sobre o livro - mudei minha percepção de distopia impossível para algo mais sério e que muitas vezes se assemelha às grandes guerras, trágicos acontecimentos mundiais e ditaduras militares. Esse novo rumo me levou a real intenção da autora ao escrever *O Conto da Aia* e o porquê de sua censura em diversos lugares. Ao expor um governo rígido, a influência religiosa nas leis e a desigualdade de gênero, Margareth enfrentou os principais e mais polêmicos dilemas sociais que se perpetuam até os dias atuais.¹³⁶

Do mesmo modo, a evocação da obra literária como fonte histórica contribuiu para o desenvolvimento da Competência 2 que destaca a habilidade de utilizar fontes históricas de maneira crítica. Isso implica a capacidade de analisar diversos tipos de documentos, narrativas e vestígios do passado, promovendo a interpretação contextualizada dessas fontes para a

¹³⁶ D., L. F. Monte Carmelo. 2023.

construção de conhecimento histórico sólido e embasado. Durante a oficina os estudantes puderam analisar uma diversa gama de fontes tais como: biografia da autora; capas e contra capas das traduções da obra, destacando-se editora, tradutora, ano de lançamento; resenhas analisadas na Iniciação Científica que abordaram quais sentimentos a obra despertava; outros processos de circulação que levaram a obra a manter-se viva durante todos esses anos, como a capa do filme; o trailer da série; o trailer da ópera; entre outras. Julgamos que tal competência, assim como as habilidades EM13CHS101 e EM13CHS103 que estimulam a análise de documentos e a compreensão de diferentes perspectivas históricas, foram cumpridas quando analisamos o trecho da escrita da participante R. N. F. P., na ficha de sistematização da oficina 1 ao responder as questões 2 e 3, sendo elas: 2. Quais os fatos sociais e políticos que marcaram o contexto de produção da obra? 3. Quais os fatos sociais e políticos que marcaram a volta da circulação da obra?

Durante as oficinas consegui compreender que nos últimos tempos, "O Conto da Aia" emergiu como uma obra de grande destaque, refletindo o contexto turbulento que influenciou a sua criação. A autora, imersa em um período pós-segunda Guerra Mundial, delineou uma narrativa que ecoa os tempos de violência e padronização que assolaram aquela era. A presença de uma clima reminescente da Segunda Guerra Fria, evidenciada pela analogia entre o muro de Berlim e a imagem do muro retratada na capa do livro, reforça essa conexão com um período de opressão e conflito.

No contexto brasileiro, o período entre 2013 e 2023 também foi marcado por turbulências políticas e sociais. Especialmente em 2018, com a ascensão de Bolsonaro à presidência, testemunhamos uma polarização política intensa, onde a extrema direita buscava consolidar seu poder por meio de discursos opressivos e medidas autoritárias. Logo, o livro voltou a ganhar uma grande popularidade.¹³⁷

No que tange à Competência 5, o enfoque recai sobre a compreensão das intrincadas relações entre sociedade, cultura e ambiente ao longo das diferentes eras históricas. Os estudantes são desafiados a perceber como as dinâmicas sociais moldam e são moldadas pelo meio ambiente e pela cultura, promovendo uma abordagem mais abrangente dos processos históricos. Assim, elaboramos o processo de sistematização da oficina 3 pensando na relação em que os alunos poderiam associar a realidade brasileira ao longo das diferentes eras históricas, na qual os cursistas deveriam elencar por meio de um quadro comparativo, realizado na plataforma canva, quais as semelhanças com Gilead podemos encontrar por meio das manchetes de jornais brasileiras. Assim obtivemos:

¹³⁷ P.,R.N.F.P, Monte Carmelo, 2023.

Imagem 15: Resultado do quadro comparativo da oficina 3 (Slide)

Aumento dos feminicídios no Brasil mostra que mulheres ainda não conquistaram o direito à vida

Por Debora Piccirillo e Giane Silvestre, Núcleo de Estudos da Violência da Universidade de São Paulo (NEV-USP)
08/03/2023 03h30 · Atualizado há 7 meses



Matéria extraída do portal.g1

Trecho da obra que, além de comentar sobre o medo das aias ao agir, também mostra como elas eram induzidas a ignorar, algo visto nos dias de hoje, com mulheres sendo coagidas e impedidas de buscar seus direitos.

“Vivíamos, como de costume, por ignorar. Ignorar não é a mesma coisa que ignorância, você tem de se esforçar para fazê-lo p.71 “

Independente de protestos e leis acerca dos direitos das mulheres, ainda há muito que melhorar na prática, como visto no trecho retirado da matéria acima:

Uma análise precipitada poderia associar o aumento dos feminicídios à mudança da lei: casos que antes eram classificados apenas como homicídio agora passam a ser registrados como feminicídio. Porém, quando olhamos para os casos que continuam a ser classificados como “homicídio de mulheres”, notamos que há, de fato, um aumento total de mulheres assassinadas.

Realização:
Entre páginas e memórias: O Conto da Aia como possibilidade para o ensino e aprendizagem em história



FONTE: Autoria própria dos cursistas. 2023.

Imagem 16: Resultado do quadro comparativo da oficina 3

Texto liga violência contra mulher a roupas curtas e gera revolta: 'Só avançam se abrirem as pernas'

Mulheres criaram petição online contra o artigo 'O pudor da mulher atrai o respeito do homem', publicado em um jornal de Teresina. Para subsecretária de segurança, texto 'fala contra todas as conquistas das mulheres'.

Limitações relacionadas à vestimenta

Capítulo 10, página 69.

No texto, publicado com o título “**O pudor da mulher atrai o respeito do homem**”, o autor relaciona casos de violência contra mulheres a roupas curtas, que considera falta de pudor. Em um trecho, **o autor afirma que as mulheres mais jovens “perderam a noção do pudor, mais preocupadas com a violência masculina”.**

Em outro ponto do texto, o autor pede que “providenciem condutas de pudor feminino, vergonhas mais escondidas”, e que as delegacias de proteção à mulher sejam fechadas. “**Homens, comumente, só avançam se elas abrirem as pernas**”, escreveu José Maria.

Por André Nascimento, G1 PI
25/01/2019 17h36
<<https://g1.globo.com/pi/piaui/noticia/2019/01/25/texto-liga-violencia-contra-mulher-a-roupas-curtas-e-gera-revolta-so-avancam-se-abrirem-as-pernas.ghtml>>

(...) Contudo não precisa se preocupar com queimaduras de sol, dizia Tia Lydia. A maneira deplorável e exibida com que mulheres costumavam se comportar. Passando óleo no corpo como se fossem carne assada num espeto, e de costas e ombros nus, na rua, e em público, e as pernas, sem nem sequer meias finas a cobri-las, não é de se admirar que aquelas coisas costumavam acontecer. (...)”

Realização:
Entre páginas e memórias: O Conto da Aia como possibilidade para o ensino e aprendizagem em história



FONTE: autoria própria dos cursistas. 2023.

Imagem 17: resultado do quadro comparativo da oficina 3



A UNIÃO NACIONAL DOS ESTUDANTES (UNE) E O MAYDAY

MOVIMENTOS DE RESISTÊNCIA NA REALIDADE E NA FICÇÃO

Fundada em 11 de agosto de 1937, a UNE tinha o objetivo de promover a defesa da qualidade de ensino, do patrimônio nacional e da justiça social.

Com o Golpe Militar de 64, o movimento estudantil se tornou ilegal, permanecendo dessa forma por 20 anos.

Durante a ditadura, a UNE existiu na clandestinidade sofrendo perseguição e repressão, mesmo assim a organização esteve presente em passeatas e manifestações pedindo pela democracia, liberdade e justiça.

Muitos estudantes e membros da entidade foram torturados, presos e assassinados.

Desde a sua criação, a UNE luta ativamente na política. Pressionou o governo de Getúlio Vargas a tomar posição contra o nazismo de Adolf Hitler na Segunda Guerra Mundial (1939-1945).

Participou da campanha Diretas Já e apoiou a candidatura de Tancredo Neves à Presidência. Também participou dos debates da elaboração da nova Constituição do Brasil para defesa da autonomia universitária e da gestão democrática nas escolas públicas.

<https://www.gov.br/memoriasreveladas/pt-br/assuntos/une-a-historia-e-a-importancia-da-uniao-nacional-dos-estudantes#:~:text=Durante%20ditadura%2C%20a%20UNE,foram%20torturados%2C%20presos%20e%20assinados.>

"A maneira por meio da qual ele pôde fazê-lo o distingue como membro do misterioso grupo de resistência clandestino Mayday, que não era idêntico à organização Estrada Clandestina Feminina, mas que tinha ligações com ela. Esta última era apenas uma operação de resgate, o primeiro quase militar. Sabe-se que um número considerável de agentes do Mayday estavam infiltrados na estrutura de poder de



Realização:
Entre páginas e memórias: O Conto da Aia como possibilidade para o ensino e aprendizagem em história



NEPHISPO
NÚCLEO DE ESTUDOS E PESQUISAS EM HISTÓRIA POLÍTICA



FONTE: autoria própria dos cursistas. 2023.

Por meio da análise da confecção desses quadros, podemos compreender que através do debate em grupo os estudantes conseguiram fazer uma análise comparativa sobre a fonte principal que lhes foram apresentado - o livro, e buscaram fazer pontos de intersecções com alguns acontecimentos da realidade brasileira, desenvolvendo assim, as habilidades EM13CHS101 e EM13CHS103.

Entretanto, para trabalhar as habilidades EM13CHS502, EM13CHS503 e EM13CHS504 que visam a análise crítica de problemas contemporâneos à luz do conhecimento histórico, de forma a atingir os objetivos propostos na oficina, foi necessário algumas mudanças, uma vez que durante a oficina 3, apesar dos alunos desenvolverem relações entre sociedade, cultura e ambiente ao longo das diferentes eras históricas, foi possível observar que se ativeram demasiadamente em algumas temáticas sensíveis latentes de nosso passado/presente, como é o caso da evocação à memória à ditadura e ao nazismo/holocausto na Alemanha. Como podemos compreender por meio da citação de:

Pude ver que é um assunto muito pertinente e que deveria ser visto por mais pessoas para assim conscientizá-los sobre a realidade próxima que será muito difícil. Muitas vezes lendo o livro me deparei com cenas que me remeteram a época do holocausto, onde os judeus eram bastante perseguidos e quase não tinham direitos, fato que se observa na realidade de Gilead. (...) Por muitas vezes, vendo passagens do livro, refleti sobre a sociedade, o que me lembrou o nazismo - uma forma de fascismo que despreza a democracia

liberal e o sistema parlamentar - que causava muito mal aos judeus, os matando apenas por serem judeus, sendo extremistas, limitando sua liberdade e causando uma lavagem cerebral e o que se vê na realidade de Gilead é mulheres tendo seus direitos limitados na maioria das vezes até sem eles.¹³⁸

Sobre essa relação presente/passado, é possível compreender quando exploramos um breve conjunto de resenhas que abordam questões políticas que semelhante aos cursistas, conseguem desenvolver tais habilidades, promovendo assim uma consciência histórica, dado que fica cada vez mais evidente as associações que os leitores fazem com a realidade. Portanto, extrapolam o cenário político nacional atual e rememoram grandes marcos históricos como o nazismo e o holocausto, como uma forma de alerta e gatilho do que pode vir acontecer se não desenvolvermos novas formas de resistência quando um regime opressor, ditador e/ou autoritário adentra o poder, seduzindo a população com discursos de que é o melhor a si fazer em prol da nação.

Assim, por meio do recorte temporal em que desenvolvemos esta proposta, quando estamos sob a nova onda de disseminação da obra que coincidiu com uma nova onda de movimentos reacionários, conservadores e autoritários no Brasil e no mundo, os quais nos fazem questionar assim como os leitores de O Conto da Aia, se não seria verossímil o molde de governar em Gilead.

Mas também há livros que causam mais impacto que um soco, que chocam e nos atordoam e nos deixam sem chão; que transmitem mensagens atemporais, daquelas que guardaremos pra sempre. E posso afirmar com toda a certeza que O Conto da Aia se encaixa nessa segunda categoria. Mesmo após a discussão que participei no Piquenique Literário de julho, não acho que a realidade de Gilead possa ser algo possível no futuro. Porém considero O Conto da Aia como um alerta. Um alerta do que o extremismo pode fazer com uma sociedade quando o machismo e a intolerância dominam o povo, quando a liberdade de todos é privada, baseada apenas em um ponto de vista.¹³⁹

Como bem salientam os leitores (cursistas e resenhistas) é possível apontar alguns traços de semelhança não apenas com as questões sócio-políticas contemporâneas como também com um dos sistemas mais brutais que o país enfrentou entre 1964 e 1985 - a ditadura - um período marcado por censura, autoritarismo, perseguição, tortura, perda dos direitos, entre outros. Algo que até 2013 nos parecia ter ficado nos escombros que são enfiados para baixo do tapete, mas, que voltaram a ter força por meio de discursos marcados pelo fervor sectário. Como podemos compreender pelas seguintes resenhas:

¹³⁸ M.E.G.M, Monte Carmelo, 2023.

¹³⁹ DEVANEIOS DE PAPEL. Resenha: O Conto da Aia. Disponível em: <http://www.devaneiosdepapel.com.br/2017/10/resenha-o-conto-da-aia.html>. Acesso em: 6/2023.

Mas o que me verdadeiramente me apavorou foi perceber o quanto é fácil tudo isso acontecer e o quanto estamos próximos de algo parecido. Olho à minha volta e vejo pessoas que conheço, pessoas de bem clamando por Intervenção Militar, comemorando a Ditadura, defendendo Escola sem Partido e elegendo um misógino, racista e homofóbico que defende ideias extremamente perigosas. Vejo uma ministra dizendo que meninas usam rosa e meninos vestem azul e todo mundo achando ok. Vejo um ministro da educação dizendo que universidade é para elites e um ministro de relações exteriores dizendo o nazismo é um movimento de esquerda! Vejo a nossa história sendo deturpada em prol de uma ideologia de extrema direita e pouquíssimas pessoas se manifestando contra. Não quero fazer desta resenha um texto político, mas é muito difícil se conter quando vemos tanto similaridade entre realidade e ficção. É claro que sei que o enredo de O Conto da Aia é uma alegoria, não sou tão tola para temer uma sociedade exatamente igual à de Gilead. Mas temos exemplos reais de opressão subjugo para temer, basta olhar imagens das mulheres iranianas antes da revolução que transformou o país em uma república teocrática.¹⁴⁰

Portanto, fica evidente que os leitores de O Conto da Aia tornam a obra relevante por dialogarem em suas reflexões alguns aspectos que se assemelha com a realidade tais como alguns aspectos do fascismo, conservadorismo, instabilidade política e a sensação de insegurança, pois, como aponta Cassirer:

“O ser humano possui capacidade cognitiva para compreensão da exterioridade, não significando que haja uma uniformidade na produção de sentido Ou seja, cada pessoa interage com o meio à sua maneira, motivado por alguma razão ou princípio, o que acaba fazendo com que exista um viés ideológico presente nas interações sociais”¹⁴¹.

Por fim, a Competência 6 da BNCC propõe a formação de cidadãos éticos e engajados. Isso inclui o respeito à diversidade cultural, a compreensão dos Direitos Humanos, a análise de questões éticas e a participação ativa na sociedade. Prescreve-se que os estudantes deverão instigados a aplicar os conhecimentos históricos na reflexão sobre dilemas contemporâneos, contribuindo para a construção de uma postura ética e cidadã. No que diz respeito às habilidades, diversas são as metas traçadas pela BNCC. O que pode ser analisado pela sistematização realizada pela cursista M. E. G. M. após fazerem um quadro semelhante a um de investigação criminal, conectando trechos dos livros e manchetes de jornal previamente selecionadas, por mim:

O Conto da Aia, escrito por Margaret Atwood, aborda temas como opressão, controle governamental e restrição dos direitos das mulheres. Esses temas

¹⁴⁰ QUEM LÊ SABE O PORQUÊ. **O Conto da Aia - Margaret Atwood**. Disponível em: <https://www.quemlesabeporque.com/2019/04/o-conto-da-aia-margaret-atwood.html#:~:text=O%20conto%20da%20Aia%20%C3%A9,sociedade%20de%20um%20mal%20maior>. Acesso em: 3/2023.

¹⁴¹ CASSIRER, Ernst. **Ensaio sobre o homem: introdução a uma filosofia da cultura humana**. São Paulo: Martins Fones, 1994.p.86-87.

ainda são relevantes no cenário atual, especialmente quando se discute questões de igualdade de gênero. O que eu mais pude ver no livro foi o tamanho controle mental através da religião para moldar o pensamento das Aias fazendo com que elas acreditassem que aquele era o propósito delas, que não poderiam se sentir mal ou ir contra tais ideais.

Vi que é um livro de extrema importância, pois levanta questões cruciais sobre o poder, a opressão e a luta pela liberdade individual. Ele nos faz refletir sobre a importância de proteger os direitos humanos, especialmente os direitos das mulheres, e nos alerta para os perigos de uma sociedade autoritária e controladora, que por muitas vezes me fez refletir se a nossa sociedade atual está indo para o mesmo caminho de Gilead.¹⁴²

Tal registro sugere que tenhamos alcançado as habilidades EM13CHS106, EM13CHS202 e EM13CHS204 que prescreve direcionar o estudante a investigar e compreender os processos históricos, contextualizando eventos e suas influências. Além disso, as habilidades EM13CHS602, EM13CHS604 e EM13CHS605 ressaltam a importância do pensamento crítico e da capacidade de argumentação embasada em evidências históricas. O que foi atingido ao associarem as manchetes de jornais brasileiros, com trechos do livro e destacar qual conceito poderíamos compreender por meio do estabelecimento de um ponto de intersecção entre o possível e o provável.

Imagem 18: Momento de debate das fontes da oficina 4

¹⁴² M.E.G.M, Monte Carmelo, 2023.



FONTE: Autoria própria. 2023.

Assim, a BNCC define um conjunto articulado de competências e habilidades que buscam não apenas a aquisição de conhecimentos históricos, mas também o desenvolvimento de capacidades analíticas, reflexivas e críticas, preparando os estudantes para compreender e participar ativamente na sociedade contemporânea, que pode ser abordada de forma interdisciplinar, com a literatura. A experiência de trabalhar com a literatura possibilitou que os educandos compreendessem aspectos de determinados momentos históricos, tendo como base uma análise centrada nas experiências e na observação participante, mesmo que esta não seja objetivo central da obra. Além disso, reconhecemos a literatura como recurso metodológico sendo capaz de contribuir para a formação do leitor crítico, tornando-o hábil para interpretar textos literários e articulá-los de forma coerente com o campo do saber histórico. Compreendemos também que o procedimento de leitura é muito mais do que

realizar uma eficiente decodificação dos signos de um texto; é compreender seu contexto, relacioná-lo com seu cotidiano, criticá-lo segundo métodos definidos.¹⁴³

O projeto de extensão desenvolvido teve como meta dinamizar o ensino de história, ampliar possibilidades de ensino-aprendizagem em História a partir da Literatura. Reconhecendo a diversidade cultural na sala de aula e as diferentes realidades vivenciadas no meio escolar, teve como objetivo diminuir a intolerância e preconceito no ambiente educativo, por meio da literatura indicada, abordando conceitos como: machismo, teocracia, feminismo, patriarcado, autoritarismo, resistência, LGBTQIA+fobia entre outros, estabelecendo uma alegoria com os acontecimentos da realidade brasileira, com o intuito de desenvolver a capacidade crítica e histórico-crítica dos estudantes, ao abordar temas latentes e sensíveis a sociedade brasileira contemporânea.

¹⁴³ HISTÓRIA: **História e Literatura - Sidney Chalhoub**. 5 maio 2015. 1 vídeo (30 min 52 s). Publicado pelo canal UNIVESP. Disponível em: [História: História e Literatura - Sidney Chalhoub](#). Acesso em: 9/3/ 2024.

ENTRE PÁGINAS E MEMÓRIA: CONSIDERAÇÕES FINAIS SOBRE O CONTO DA AIA COMO FERRAMENTA NAS AULAS DE HISTÓRIA

Com o desenvolvimento deste projeto de extensão pudemos compreender como os leitores do romance distópico, *O Conto da Aia*, de Margaret Atwood constroem suas interpretações em suas escritas, afetados pela trama construída pela autora. Afetos esses que são embebidos de memórias voluntárias e involuntárias, rememorações e reflexão crítica e silenciamentos sobre o passado, o presente e o futuro, diante da experiência dos personagens e seus sentimentos semelhantes aos processos sociais negativos ocorridos em nossa sociedade. Com a reflexão sobre processos descritos nas atividade escritas propostas no final de cada encontro e do debate dos participantes na última oficina é possível afirmar que a evocação da Literatura nas aulas de história são potentes no processo de criação de consciência histórica.

Diferente de Gilead que vivia em um regime autoritário, vivemos em um país globalizado e democrático, mas o cenário no qual estamos inseridos nos permite aproximações com a distopia descrita e analisada neste artigo. Utilizando dos conceitos de região de Octávio Ianni¹⁴⁴, tanto Gilead quanto o Brasil desfrutam da polarização e conflitos, entre raça, gênero e nação; casta e classe social; religião e política; militarismo e teocracia; xenofobia, racismo e preconceito, como uma maneira de separar ao máximo o povo a fim de construir um sistema, pautado em apenas uma parcela da população.

Uma das justificativas de *O Conto da Aia* ter repercutido tanto nos últimos anos são suas proximidades passíveis da realidade vivida pelos leitores com as narrativas de ficção científica, ou melhor dizendo, ficção especulativa como a própria autora denominou o gênero de seu romance. Tal gênero tem o propósito de trazer essa inquietação para o leitor por meio de uma perspectiva futurista que nos assombra devido ao grau de semelhança com a sociedade em que estamos inseridos. No intuito de fazer uma reflexão sobre o contexto em que o leitor está inserido e de provocar uma reflexão sobre quais ações são necessárias para subverter os mecanismos empregados como forma performativa dos discursos e dispositivos de poder instaurados pelo próprio Estado, de forma a garantir a aceitação das regras por muitos indivíduos, ansiamos pela luta e pelo desejo de uma maior liberdade.

¹⁴⁴IANNI, Octávio. **Nacionalismo, regionalismo e globalismo**. Novos Rumos. Marília-SP, Unesp, n. 25 (11): (1996).

Deste modo, não é concebível fazer uma leitura suave da narrativa, isso se dá pelo léxico social construído na escrita que torna os acontecimentos descritos em “símbolos sociais; isto é, transcendem sua natureza de sinais linguísticos e se tornam representantes de concepções, valores e tabus sociais, aos quais se atribui tudo, desde propriedades mágicas até funções morais ou ideológicas”¹⁴⁵. Assim, o léxico social permite que a fonte literária seja constituída e construtora de sentidos acerca da realidade. Ainda que não possamos dizer que a vivência das questões sociais brasileiras influenciaram na recepção d’O conto da Aia, é certo que a obra interferiu nas formas de perceber o mundo pelos leitores, interferiu na sua consciência histórica.

Com a reflexão dos processos descritos nas obras distópicas é possível caminhar para o processo de criação de uma consciência histórica, uma vez que atrelado a esse movimento a questão do dever de memória, “o dever de não esquecer” Ricoeur (2003). É uma forma de confrontar o esquecimento e, em decorrência, evitar a anulação dos rastros, dos vestígios do passado que permitem recompor a história sob outro ponto de vista. Pois em um país marcado por uma memória fraca sobre sua história, a atuação política de governantes autoritários, como o recente governo de Bolsonaro, fortalece a amnésia coletiva, como uma cosmovisão, portanto, que objetiva bloquear uma agenda e determinar uma forma de exercer o poder político. Tudo marcado por uma violência discursiva que não disfarça um autoritarismo calcado em ideologias fascistas, a pôr em risco o processo democrático.

Partindo dessa premissa, pretendeu-se especificamente levar os estudantes da educação básica a reconhecer diferentes fontes históricas relacionadas à obra, identificando autoria, seu contexto de produção, tempo-espço, personagens, reconhecendo as diferentes linguagens, agentes sociais e contextos históricos mobilizados; comparar diferentes pontos de vista sobre as temáticas abordadas na obra; relacionar os acontecimentos, conceitos encontrados na narrativa ficcional com a realidade vivida, avaliando as aproximações e distanciamentos entre ficção e realidade, além de sistematizar os resultados encontrados, expressando seu ponto de vista em diferentes suportes/linguagens (cartazes, dissertações, desenhos, poemas, posts em redes sociais etc).

Assim, pudemos analisar a recepção da narrativa distópica em questão, e como os estudantes que compartilharam suas impressões em grupo relacionam a narrativa distópica

¹⁴⁵ LARA, L. F. **Curso de lexicologia**. México: El Colegio de México, 2006.p.214.

com as configurações sociais de seu tempo, especialmente como relacionam a obra com os dilemas políticos brasileiros contemporâneos, historicizando, portanto, a obra em questão.

Reconhecendo o potencial da literatura no ensino de História, como recurso metodológico na formação do leitor crítico, hábil para interpretar textos literários e articulá-los de forma coerente com o campo do saber histórico e com sua vida prática, compreendemos que a leitura é muito mais do que realizar uma eficiente decodificação dos signos de um texto; é compreender seu contexto, relacioná-lo com seu cotidiano, criticá-lo segundo métodos definidos. Tais questões trabalhadas neste projeto de extensão parecem ser o nó górdio do contexto das mudanças recentes da educação básica brasileira, desde a Base Nacional Comum Curricular (2018), na redução da carga horária da disciplina história no chamado Novo Ensino Médio, cujas disciplinas são divididas em duas partes: uma carga horária obrigatória a todas as escolas e outra flexível.

Além disso, os resultados desse projeto revelam uma experiência literária profundamente impactante e provocativa ao explorar *O Conto da Aia* de Margaret Atwood. A autora, sem hesitação, retrata os acontecimentos de forma explícita, chegando a ser brutal, e não mede palavras para causar desconforto no leitor, evidenciando que essa é a sua intenção primordial. A construção das ações de resistência na narrativa se destaca como um elemento intrigante. A autora habilmente delinea iniciativas de resistência, que, apesar de muitas vezes simples, carregam um significado poderoso para as personagens. A força dessas ações ressalta a importância da resistência, mesmo em contextos desafiadores e opressivos. A relevância da narrativa não se limita ao contexto brasileiro, abrangendo questões globais. O fundamentalismo religioso é uma temática destacada, onde a imposição da religião e seu uso como justificativa são observados tanto mundialmente quanto no cenário brasileiro.

A culpabilização da vítima, o machismo, a misoginia, a violência, o extremismo e o radicalismo são abordados de maneira visceral, proporcionando uma reflexão profunda sobre esses problemas sociais. Um ponto que merece especial atenção é a forma como a autora aborda aspectos e características da feminilidade. Com riqueza de detalhes, ela evidencia os problemas e dificuldades associados ao feminino. A narrativa apresenta cenas impactantes e perturbadoras, com o propósito claro de enfatizar a problemática subjacente ao tratamento das mulheres na sociedade. A obra também estabelece interseções com a realidade política brasileira, destacando o fanatismo religioso presente, como evidenciado no movimento

fascista bolsonarista. Os argumentos religiosos utilizados para justificar decisões políticas remetem à estrutura de Gilead, ressaltando a relevância contemporânea da narrativa de Atwood.

Os resultados aqui analisados, principalmente quando aproximamos as impressões de leitura dos estudantes participantes do projeto com as reflexões dos resenhistas que não tiveram um professora mediadora, confirmam a potência e atualidade da obra, em sua capacidade de provocar reflexões críticas sobre temas sociais e políticos, além de ressaltar a importância da literatura como instrumento de conscientização e questionamento de temas contemporâneos sensíveis e complexos contemporâneos. A exploração explícita e brutal dos acontecimentos é um convite para o leitor confrontar a realidade perturbadora e desafiadora que a autora propõe. A construção das ações de resistência emerge como um fio condutor que transcende a ficção, tornando-se um espelho para iniciativas significativas na vida real. A autora habilmente retrata a importância desses atos de resistência, muitas vezes sutis, mas carregados de significado para as personagens, representando a luta pela autonomia e dignidade. A abordagem de Atwood em relação à feminilidade revela uma profundidade de análise que vai além das superficialidades. A riqueza de detalhes nas descrições das experiências femininas evidencia os problemas e desafios intrínsecos a essas vivências.

A experiência de execução do projeto "Entre páginas e memória: O conto da Aia como possibilidade de ensino e aprendizagem em história" foi enriquecedora para esta professora em formação inicial ao proporcionar experimentar o ensino transversal, na abordagem de temáticas sensíveis. A interseção entre religião, gênero e política, revelada pela obra, proporcionou uma base sólida para discussões multifacetadas, destacando a relevância de se abordar tais questões de forma holística.

Ao associar a narrativa com as discussões sobre religião e gênero no cenário brasileiro, os leitores puderam não apenas identificar situações que se assemelham com a realidade, mas também analisar criticamente as implicações sociais e políticas desses temas. Com a progressão nas discussões, com a política que para eles inicialmente estava em segundo plano foi ganhando destaque, os mostrando que a obra pode ser utilizada para desdobrar camadas complexas de significado ao longo de uma abordagem transversal. Essa abordagem proporciona uma compreensão mais completa das questões abordadas pela obra, permitindo

que os estudantes conectem elementos do enredo a contextos sociais, históricos e políticos mais amplos.

Assim, a conclusão é que no ensino transversal, explorar as temáticas sensíveis presentes em *O Conto da Aia*, não apenas enriquece a experiência educacional, mas também fomenta uma abordagem interdisciplinar que prepara os estudantes para enfrentar e compreender as complexidades do mundo com sensibilidade, empatia e pensamento crítico, como é proposto pela BNCC. Destacamos a importância da tríade ensino, pesquisa e extensão que representa um pilar fundamental na construção desse aprendizado, que não apenas fortalece a formação acadêmica dos professores, mas também oferece uma abordagem holística para o desenvolvimento dos estudantes e a promoção do conhecimento, tornando possível que o projeto transcenda as barreiras tradicionais do ensino para a formação de cidadãos engajados, preparados para enfrentar os desafios complexos do mundo contemporâneo. Ao compartilhar as reflexões sobre esta experiência, esperamos inspirar outras propostas de ensino de história com a Literatura.

Como podemos ver por meio de uma breve seleção de algumas partes da escrita final desses cursistas:

Portanto, o livro *O Conto da Aia* acompanhado das oficinas e dos colegas de classe, me trouxeram muitos ensinamentos e reflexões a respeito dos perigos que rondam e já rondam o mundo em que vivemos, além da urgência de dar a atenção necessária aos problemas negligenciados. Com essa quebra de expectativa para melhor do início ao fim posso concluir dizendo que não se deve julgar um livro pela capa e sempre aprender com o passado para que a ficção não se torne mais realidade do que já vem sendo.¹⁴⁶

O Conto da Aia é sobre medo, resistência e resiliência. São esses sentimentos como ferramenta de manipulação estatal sobre os indivíduos enquanto comunidade. É sobretudo, sobre sororidade, a união feminina diante de circunstâncias hostis em prol de sua sobrevivência minimamente digna. (...) A sociedade brasileira atual sofre com essas mesmas questões, principalmente após políticas públicas deficitárias. Em suma, a obra de Atwood pe os holofotes voltados ao que sempre esteve na sombra.¹⁴⁷

Antes de ler *O Conto da Aia*, pensava que, falava de uma história qualquer que não importaria tanto ao meu ver, se tratava só de um conto e nas oficinas pensava que seria como as outras aulas de história, sem tanta diferença. Depois que comecei a ler e participar das aulas, percebi que era muito interessante e mostrava uma realidade muito próxima da realidade e que não seria apenas um conto qualquer, seria uma história baseada em machismo, assédio, violência e muito autoritarismo.

¹⁴⁶D.L.F. Monte Carmelo. 2023.

¹⁴⁷ Y.F.S, Monte Carmelo, 2023.

Na realidade do livro, era muito usada a religião para controlar as pessoas, causando muitas distorções se igualando a vida real, principalmente do Brasil no período de 2018-2022 quando o presidente era Jair Bolsonaro. Pude ver que é um assunto muito pertinente e que deveria ser visto por mais pessoas para assim conscientizá-los sobre a realidade próxima que será muito difícil.¹⁴⁸

E por último, evocamos ainda uma vez o poema escolhido para epígrafe deste trabalho. Tal escolha se deu pelo poder da subjetividade compreendida por um cursista negro do sexo masculino assiduamente frequente nas oficinas.

Elas são usadas para gerar os
filhos alheios, mas eles não são seus
Apenas do seu dono.
(...)
Elas são resistência pela memória, pela
amizade, pela esperança mas elas não tem medo
Apenas o de sua liberdade.¹⁴⁹

Essas reflexões significativas evidenciam a poderosa conexão entre a literatura e a consciência histórica. Através da leitura de "O Conto da Aia" e das discussões promovidas nas oficinas, os participantes foram levados a confrontar realidades dolorosas e a enxergar paralelos entre a ficção distópica e os desafios sociais contemporâneos. A obra de Margaret Atwood serviu como uma janela para a compreensão mais profunda das dinâmicas de poder, da manipulação estatal e das lutas por resistência e dignidade. Os relatos dos cursistas revelam uma transformação de perspectiva, passando de uma visão inicialmente distante e desinteressada para um reconhecimento da relevância e urgência dos temas abordados.

Além disso, as experiências compartilhadas nas oficinas não apenas ampliaram o entendimento individual dos participantes, mas também os incentivaram a buscar intervenções ativas na sociedade, a fim de evitar a repetição dos erros do passado e promover mudanças significativas. Por meio da literatura, da reflexão crítica e do diálogo coletivo, as aulas de história se tornam um espaço vital para a construção de uma consciência histórica informada e engajada, capaz de desafiar o esquecimento e dar voz às narrativas silenciadas. Assim, cada palavra escrita pelos cursistas ecoa não apenas como uma expressão individual, mas como um testemunho coletivo da importância da memória, da resistência e da busca pela liberdade.

¹⁴⁸ M. G.M., Monte Carmelo, 2023.

¹⁴⁹ S., J.V.I. Monte Carmelo. 2023.

A derrubada de Gillead's é gradual. Democraticamente, o povo foi às urnas em 2022 e se subverteram a Bolsonaro, mas o fim do bolsonarismo é trabalhoso. Seus “anjos” continuam incluídos ao sistema, prontos para atacar ao comando do “capitão”. Como June, não podemos afirmar se o que nos aguarda é luz ou escuridão, mas há a certeza de uma abertura: sangue em uma ferida¹⁵⁰

“Como todos os historiadores sabem, o passado é uma enorme escuridão, e repleto de ecos. Vozes podem nos alcançar a partir de lá, mas o que dizem é imbuído da obscuridade da Matriz da qual elas vêm; e, por mais que tentemos, nem sempre podemos decifrá-las precisamente a luz mais clara de nosso próprio tempo”¹⁵¹

¹⁵⁰ Y. F. S., Monte Carmelo, 2023

¹⁵¹ ATWOOD, Margaret. **O Conto da Aia**. Rio de Janeiro: Rocco. 2017.a. p.366

REFERÊNCIAS

Fontes:

A MINA DE FÉ. **Resenha o conto da Aia**. 2021. Disponível em: <http://www.aminadefe.com/2021/04/resenha-o-conto-da-aia.html?m=1>. Acesso em: 31/03/2022.

A.R.S.S., Monte Carmelo, 2023.

B., F. P. Monte Carmelo. 2023.

BECO LITERÁRIO. **RESENHA: O CONTO DA AIA, DE MARGARET ATWOOD**.

Disponível em: <https://becoliterario.com/resenha-o-conto-da-aia/> . Acesso em: 1/2024.

Coluna | **Depois de 8 de janeiro, a luta histórica em defesa da Democracia continua**.

Disponível em: [Depois de 8 de janeiro, a luta histórica em defesa da Democracia continua](#) . Acesso em: 8/2023.

D., L. F. Monte Carmelo. 2023.

DE LIVRO EM LIVRO. **Resenha: O Conto da Aia, de Margaret Atwood**. [Blog], Ago. 2018. Disponível em:

<http://www.delivroemlivro.com.br/2018/08/resenha-o-conto-da-aia-de-margaret.html>. Acesso em: 1/03/2023.

DEVANEIOS DE PAPEL. Resenha: O Conto da Aia. Disponível em:

<http://www.devaneiosdepapel.com.br/2017/10/resenha-o-conto-da-aia.html>. Acesso em: 6/2023.

DIRIUM NERD. [literatura] **Mulheres escritoras de sci-fi 5: Margaret Atwood**. [Blog], 06 abr. 2016. Disponível em:

<https://deliriumnerd.com/2016/04/06/escritoras-sci-fi-margaret-antwood/>. Acesso em: 1/03/2023.

ESCOTILHA LITERÁRIA. **Livro: O Conto da Aia, Margaret Atwood - Resenha Crítica**. [Blog], Disponível em:

<https://escotilha.com.br/literatura/livro-o-conto-da-aia-margaret-atwood-resenha-critica/>. Acesso em: 1/03/2023.

FOUCAULT, Michel. . **Vigiar e Punir: história da violência nas prisões**. Petrópolis: Editora Vozes, 1987.

FOLHA DE SÃO PAULO. **The Handmaid's Tale' vira ópera em Londres**. Disponível em:

<https://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2022/04/the-handmaids-tale-vira-opera-em-londres-e-remete-a-guerras-do-mundo-real.shtml> . Acesso em: 31/02/2023.

FRONTEIRAS. **Margaret Atwood. Escritora.** Disponível em: [Margaret Atwood | Fronteiras do Pensamento](#). Acessado em 31/03/2023.

G1, R. R.; BRASÍLIA, EM. **Bolsonaro vira réu por falar que Maria do Rosário não merece ser estuprada.** Disponível em: [Bolsonaro vira réu por falar que Maria do Rosário não merece ser estuprada - notícias em Política](#). Acesso em: 8/2023.

I.C.S.M., Monte Carmelo, 2023.

INFINITAS VIDAS. **Resenha: O Conto da Aia, Margaret Atwood.** [Blog], 29 ago. 2018. Disponível em: <https://infinitasvidas.wordpress.com/2018/08/29/resenha-o-conto-da-aia-margaret-atwood/>. Acesso em: 18/03/2023.

I.S.P.M, Monte Carmelo, 2023.

J.P.G, Monte Carmelo, 2023.

JANELA LITERÁRIA. **Resenha: O Conto da Aia (Margaret Atwood).** Disponível em: <https://www.janelaliteraria.com.br/2018/12/resenha-o-conto-da-aia-margaret-atwood.html>. Acesso em: 30 abr. 2024.

LEITORA VICIADA. **O Conto da Aia.** [Blog]. Disponível em: <https://www.leitoraviciada.com/2017/08/o-conto-da-aia.html#:~:text=%C3%89%20um%20excelente%20desfecho%2C%20criativo,com%20suas%20mem%C3%B3rias%20antes%20disso>. Acesso em: 18/03/2023.

L. F.D., Monte Carmelo. 2023.

LIMA, Vanessa. **Jair Bolsonaro diz que mulher deve ganhar salário menor porque engravida.** Disponível em: [Jair Bolsonaro diz que mulher deve ganhar salário menor porque engravida - Revista Crescer | Mães e Trabalho](#). 2015. Acesso em 4/05/2023.

LULUNETTES. Livro: **O Conto da Aia, Margaret Atwood.** [Blog]. Disponível em: <https://lulunettes.wordpress.com/2015/10/03/livro-o-conto-da-aia-margaret-atwood/>. Acesso em: 18/03/2023.

MADEMOISELLE LOVES BOOKS. **Resenha: O Conto da Aia - Margaret Atwood.** Disponível em: <https://www.mademoisellelovesbooks.com/2018/01/resenha-o-conto-da-aia-margaret-atwood.html>. Acesso em: 3/2023.

MARQUES, Marília. **Mulheres usam roupas de “O conto da aia” em ato pela descriminalização do aborto, em Brasília.** Disponível em: [Mulheres usam roupas de 'O conto da aia' em ato pela descriminalização do aborto, em Brasília | Distrito Federal | G1](#). Acesso em: 3/2023.

MAZUI. Fernanda Calgaro e Guilherme. **Bolsonaro diz que vai indicar ministro “terrivelmente evangélico” para o STF.** Disponível em: [Bolsonaro diz que vai indicar ministro 'terrivelmente evangélico' para o STF | Política | G1](#). Acesso em: 8/2024.

MEDIUM. **O Conto da Aia: a opressão em nome de Deus.** 2019. Disponível em: <https://medium.com/petcomufam/o-conto-da-aia-a-opress%C3%A3o-em-nome-de-deus-a57ed96583b9#:~:text=Lan%C3%A7ado%20em%201985%2C%20a%20obra,como%20Estados%20Unidos%20da%20Am%C3%A9rica.> Acesso em: 8/2023.

M., E.G.M. Monte Carmelo. 2023.

Melkberg. **Resenha Filosófica: O Conto da Aia (livro).** Disponível em: <https://melkberg.com/2018/04/02/resenha-filosofica-o-conto-da-aia-livro/#:~:text=O%20Conto%20da%20Aia%20de,te%20exige%20lutar%20por%20ela.> Acesso em: 6/2023.

M., I.C.P. Monte Carmelo. 2033.

M., G.C. Monte Carmelo. 2023.

OLIVEIRA, A. DE. **#AgoraNãoSãoElas? O ministério masculino de Michel Temer.** Disponível em: [#AgoraNãoSãoElas? O ministério masculino de Michel Temer | Brasil | EL PAÍS Brasil](#) . Acesso em: 23 mar. 2024.

Percursos Literários. **Resenha: O Conto da Aia – Margaret Atwood. 2019.** Disponível em: <https://percursosliterariosblog.com/2019/03/11/resenha-o-conto-da-aia-margaret-atwood/>. Acesso em: 4/2023.

PERNAMBUCO, Diário. Em busca do passado. Recife. 1987. Disponível em: https://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=029033_16&pasta=ano%20198&hf=memoria.bn.br&pagfis=121883 . Acesso em: 1/10/2023.

G., J.P. Monte Carmelo. 2023.

PODER360. **Em evento evangélico, Bolsonaro reafirma que Estado é laico, mas ele não.** Disponível em: [Em evento evangélico, Bolsonaro reafirma que Estado é laico, mas ele não](#) . Acesso em: 23 mar. 2024.

PODER360. **No Acre, Bolsonaro fala em “fuzilar a petralhada” e enviá-los à Venezuela.** Disponível em: [No Acre, Bolsonaro fala em 'fuzilar a petralhada' e enviá-los à Venezuela](#) . Acesso em: 17 jun. 2023.

QUEM LÊ SABE O PORQUÊ. **O Conto da Aia - Margaret Atwood.** Disponível em: <https://www.quemlesabeporque.com/2019/04/o-conto-da-aia-margaret-atwood.html#:~:text=O%20conto%20da%20Aia%20%C3%A9,sociedade%20de%20um%20mal%20maior.> Acesso em: 3/2023.

RAFAELADILLYKICK. **O Conto da Aia.** [Blog], 07 jul. 2020. Disponível em: <https://www.rafaeladillykick.com.br/2020/07/07/o-conto-da-aia/> . Acesso em: 3/2024.

RAMALHO, Renam. **Bolsonaro vira réu por falar que Maria do Rosário não merece ser estuprada.** O globo. Disponível em: [Bolsonaro vira réu por falar que Maria do Rosário não merece ser estuprada - notícias em Política](#) . Acesso em: 4/05/2023.

REVISTA FÓRUM. Bolsonaro: “**Eu tenho filhos foram homens. A quinta eu dei uma fraquejada, veio uma mulher**”. Disponível em: <https://revistaforum.com.br/politica/2017/4/5/bolsonaro-eu-tenho-filhos-foram-homens-quinta-eu-dei-uma-fraquejada-veio-uma-mulher-19902.htm>. Acesso em 7/2023.

REVISTA FÓRUM. **Censura: TSE acata pedido de Bolsonaro e proíbe manifestações políticas no Lollapalooza**. Disponível em: [Censura: TSE acata pedido de Bolsonaro e proíbe manifestações políticas no Lollapalooza | Revista Fórum](#) . Acesso em: 23 mar. 2024.

S.,A.R.S. Monte Carmelo. 2023.

S., F.S. Monte Carmelo. 2023.

S., M.C.C. Monte Carmelo. 2023.

SNIGURA, Marcos. **Filmes The Handmaid’s Tale: A decadência de uma espécie - legendas**. Disponível em: [Filme The Handmaid's Tale: A Decadência de uma Espécie - Legendas](#) Acesso em: 30/07/2022.

S., J.V.I. Monte Carmelo. 2023.

VEJA. **Se esquerda “radicalizar”, “novo AI-5” é resposta possível, diz Eduardo**. Disponível em: [Se esquerda ‘radicalizar’, ‘novo AI-5’ é resposta possível, diz Eduardo | VEJA](#) . Acesso em: 23 mar. 2024.

VEM AQUI RAPIDÃO. **Resenha Crítica: O Conto da Aia, Margaret Atwood**. [Blog], Nov. 2017. Disponível em: <http://www.vemaquirapidao.com/2017/11/resenha-critica-o-conto-da-aia-margaret-atwood.html>. Acesso em: 20/04/2023.

XEREZ, Gioraz. **Famílias coletam restos de comida de caminhão de lixo em Fortaleza “para ter o que comer”**. Disponível em: <https://g1.globo.com/ce/ceara/noticia/2023/06/24/familias-coletam-restos-de-comida-de-caminhao-de-lixo-em-fortaleza-para-ter-o-que-comer.ghtml> . Acesso em: 7/2024.

Y.F.S, Monte Carmelo, 2023.

P.,R.N.F. Monte Carmelo. 2023.

Bibliografia:

ADMINISTRADOR. “**Mulher nasce para ser mãe, infelizmente tem que ir para o mercado de trabalho**’, afirma pastora cotada para o ministério”. Blog da Cidadania. 1 dez, 2018. Disponível em: <https://blogdacidadania.com.br/2018/12/mulher-nasce-para-ser-mae-infelizmente-tem-que-ir-para-mercado-de-trabalho-afirma-pastora-cotada-para-ministerio/> . Acesso em 13/10/2021.

ALESSI, G. **Secretário da Cultura de Bolsonaro imita fala de nazista Goebbels e é demitido**. Disponível em: [Roberto Alvim: Secretário da Cultura de Bolsonaro imita fala de nazista Goebbels e é demitido | Atualidade | EL PAÍS Brasil](#) . Acesso em: 10/2023.

ANSART, Pierre. **A gestão das paixões políticas**. Curitiba, PR: Ed UFPR, 2019.

ATWOOD, Margaret. **O Conto da Aia**. Rio de Janeiro: Rocco. 2017.

Atwood. Margaret. **Os Testamentos**. Rio de Janeiro Rocco. 2021.

ATWOOD, Margaret. **The Handmaid's Tale**. New York: McClelland. 1985.a

ATWOOD, Margaret. **The Handmaid's Tale**. New York: Anchor Books. 2017.b

BALLOUSSIER, Ana Virgínia. “**Ministra disse que mulher nasceu para ser mãe e que ideologia de gênero é morte; conheça**”. Folha de São Paulo Online. 6 dez. 2018. Disponível em: [Ministra disse que mulher nasceu para ser mãe e que ideologia de gênero é morte; conheça](#). Acesso em 13/10/2021.

BARCA, Isabel. **Aula Oficina: do Projeto à Avaliação**. In. **Para uma educação de qualidade**: Atas da Quarta Jornada de Educação Histórica. Braga, Centro de Investigação em Educação (CIED)/ Instituto de Educação e Psicologia, Universidade do Minho, 2004.

BENJAMIN, Walter. **Sobre arte, técnica, linguagem e política**. Lisboa: Relógio D'Água, 1992.

BERRIEL. Carlos Eduardo Ornelas. **Utopia, distopia e história**. In: Editorial da MORUS – Utopia e Renascimento 2, 2005. p.3.

BITTENCOURT, Circe Fernandes. **Reflexões Sobre o Ensino de História. Estudos avançados**. São Paulo, vol. 32, nº 93, maio/ago, 2018. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40142018000200127&lng=pt&nrm=iso . Acesso em: 11/2023.

BOOKER, M. Keith. Dystopian impulse in modern literature: fiction as social criticism. Borges, Valdeci Rezende. **História e Literatura: Algumas Considerações**. Revista de Teoria da História, Ano 1, Número 3, junho/2010, Universidade Federal de Goiás. Acesso em: 2/2024.

BORGES, Valdeci Rezende. **História e Literatura: Algumas Considerações**. Goiás: Revista de Teoria da História, Ano 1, n. 3, junho/ 2010.

BRASIL DE FATO. **Mulheres lideram atos contra Bolsonaro no Brasil e no mundo**. Disponível em: [Mulheres lideram atos contra Bolsonaro no Brasil e no mundo | Política](#) . Acesso em: 10,2023.

BRASIL DE FATO. **TJ autoriza censura promovida por Crivella na Bienal do Livro do Rio de Janeiro**. Disponível em: [TJ autoriza censura promovida por Crivella na Bienal do Livro do Rio de Janeiro](#) . Acesso em 10/2023.

BRASIL. Constituição (1988). **Emenda constitucional nº 95, de 15 de dezembro de 2016**. Disponível em: [Emenda Constitucional nº 95 \(planalto.gov.br\)](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/emendas/emc/emc95.htm). Acesso em 09/03/2024.

BRASIL. Constituição (1988). **Artigo 207**. Disponível em: [Constituicao-Compilado](#). Acesso em 7/04/2024.

BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. Brasília: Ministério da Educação, 2018.

CALVINO, Ítalo. **Seis propostas para o próximo milênio**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

CANDIDO, Antonio. **Literatura e Sociedade: estudos de teoria história-literária**. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras: Ouro sobre Azul, 2011.

CANDIDO, Antonio. **A literatura e a formação do homem**. In: Textos de Intervenção, seleção, apresentações e notas de Vinícius Dantas, São Paulo: Livraria Duas Cidades; Editora 34, 1972.

CAMPELLO, Filipe. **A crítica dos Afetos**. Belo Horizonte: Autêntica. 2022.

CARVALHO, Elma Júlia Gonçalves de. **A educação básica brasileira e as novas relações entre o Estado e os empresários**. Revista Retratos da escola, Brasília, v. 11, n. 21, p. 525-541, jul./dez. 2017. Disponível em: <http://retratosdaescola.emnuvens.com.br/rde/article/view/800> . Acesso em: 01 jul. 2020.

CASSIRER, Ernst. **Ensaio sobre o homem: introdução a uma filosofia da cultura humana**. São Paulo: Martins Fones, 1994.

CHALHOUB, Sidney; PEREIRA, Leonardo Affonso de M. (org.) **A história contada: capítulos de História social da Literatura no Brasil**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1998.

CHARTIER, Roger. **O Mundo Como Representação**. Estudos Avançados sobre Cultura e Poder. 1991.

CLAEYS Gregory. **Dystopia: A Natural History**. A study of modern despotism, its antecedents, and its literary diffractions. 2017.

COSTA, Otávio Barduzzi Rodrigues da. **Das relações entre modernidade e o fundamentalismo religioso**. Teocomunicação, Porto Alegre, v. 44, n. 2, p. 220-246, 2014. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/teo/article/view/17747>. Acesso em: 3/2023.

Divulgados os resultados do Pisa 2022. Disponível em: <[Divulgados os resultados do Pisa 2022](#)>. Acesso em: 9/3/2024.

Estado de Emergência. In: Wikipédia: a enciclopédia livre. Disponível em: [Estado de emergência – Wikipédia, a enciclopédia livre](#) . Acesso em: 14/10/2021.

FACINA, Adriana. **Literatura e Sociedade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

Folha de São Paulo. “**Menino veste azul e menina veste rosa', diz Damares Alves**”. Folha de São Paulo Online. 3 jan. 2019. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2019/01/menino-veste-azul-e-menina-veste-rosa-diz-damares.shtml>. Acesso em 14/10/2021.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade I: a vontade de saber**. Tradução de Maria thereza da Costa Albuquerque e J.A. Guilhon Albuquerque, Rio de Janeiro: Edições Graal, 1988.

FREIRE, Paulo. **Extensão ou Comunicação?** 14. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2019

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 64. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2016.

GIL, Carmem Zeli de Vargas; EUGÊNIO, Jonas Camargo. **Ensino de História e temas sensíveis: abordagens teórico-metodológicas**. Revista História Hoje, p.139-159, vol. 7, nº 13, jun, 2018. Disponível em: <https://rhhj.anpuh.org/RHHJ/article/view/430/273>. Acesso em: 28 set. 2019.

HAROCHE, Claudine. **A condição sensível. Formas e maneiras de sentir no Ocidente**. RJ:Contracapa, 2008.

HISTÓRIA: **História e Literatura - Sidney Chalhoub**. 5 maio 2015. 1 vídeo (30 min 52 s). Publicado pelo canal UNIVESP. Disponível em: [História: História e Literatura - Sidney Chalhoub](#) . Acesso em: 9/3/ 2024.

IANNI, Octávio. **Nacionalismo, regionalismo e globalismo**. Novos Rumos. Marília-SP, Unesp, n. 25 (11): (1996).

JAUSS, Hans Robert. **A História da Literatura como Provocação à Teoria Literária**. São Paulo: Editora Ática S.A., 1994.

LANEVE, C. **Manuale di Didattica. Il sapere sull'insegnamento**. Brescia: La Scuola (II ed.), 2017.

LARA, L. F. **Curso de lexicologia** . México: El Colegio de México, 2006.

LAURETIS, Teresa de. **A tecnologia de Gênero**. In HOLLANDA, Heloisa B. (Org) **Pensamento Feminista: conceitos fundamentais**. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019.

LE GOFF, J. **História e Memória**. Campinas: Editora da Unicamp, 5. ed., 2003.

LE GOFF, Jacques. **Os Intelectuais na Idade Média**. 2º edição Rio de Janeiro: José Olímpio. 2006.

LE GOFF, Jacques; NORA, Pierre. **História: novos problemas**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1979.

LEFEVERE, André. **Tradução, reescrita e manipulação da fama literária**. Trad. Claudia Matos Seligmann. Bauru: EDUSC, 2007.

MALAK, Amin. **Margaret Atwood's The Handmaid's Tale and the Dystopian Tradition**. In: BLOOM, Harold. (Ed.) Margaret Atwood's The Handmaid's Tale. Langhorne, Pennsylvania: Chelsea House Publishers, 2001.

MAUÉS, Flamarion. **Livros, editoras e oposição à ditadura**. Estudos Avançados, São Paulo, Brasil, v. 28, n. 80, 2014. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/eav/article/view/79685>. p.129-130. Acesso em: 28 abr. 2024.

MELO, José Francisco de. **Extensão Universitária – diálogos populares**. 2.ed. João Pessoa: Editora da UESB, 2002.

MORAES, Fernanda Pagungue. **Ensino de história e literatura: diálogos possíveis na educação básica**. 2021. 145 f. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-graduação em Ensino de Humanidades, Instituto Federal do Espírito Santo, Vitória, 2021.
[NOENSINODEHISTÓRIA:30ANOSDEPESQUISAS.AdemarFirminodosSantos \(MestrandoemHistoriaSocial-UEL\)Cr](#). Acesso em: 9/3/ 2024.

NORONHA, Gilberto César de Noronha. **Fontes sobre a escravidão em Minas Gerais: um balanço historiográfico**. História em Curso - Revista Eletronica do Curso de História da PUC-Minas. v. 4 n. 6. 2022. Disponível em : [FONTES SOBRE A ESCRAVIDÃO EM MINAS GERAIS | História em Curso](#). Acesso em: 3/2024.

NOVODVORSKI, Ariel; CARNEIRO, Raphael Marco Oliveira. **Entrevistas, Cad. Trad. 40**. 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.5007/2175-7968.2020v40n1p308>. Acessado em: 31/03/2023.

OLIVEIRA, A. DE. **#AgoraNãoSãoElas? O ministério masculino de Michel Temer**. Disponível em: [#AgoraNãoSãoElas? O ministério masculino de Michel Temer | Brasil | EL PAÍS Brasil](#). Acesso em: 10/2023.

PENA, Alessa Nara Fortunato; NORONHA, Gilberto César de. **ENTRE PÁGINAS E MEMÓRIAS: A RECEPÇÃO DE O CONTO DA AIA**. Revista Humanares. v,5 nº8.2022. Disponível em: <https://revistahumanares.uespi.br/index.php/HumanaRes/article/view/191>. Acesso em: 3/2023.

PENA; Alessa Nara Fortunato; NORONHA, Gilberto César de Noronha. **Fontes sobre a escravidão em Minas Gerais: um balanço historiográfico**. História em Curso - Revista Eletrônica do Curso de História da PUC-Minas. v. 4 n. 6. 2022. Disponível em : [FONTES SOBRE A ESCRAVIDÃO EM MINAS GERAIS | História em Curso](#). Acesso em: 3/2024.

PENGUIN. **The Story Behind the Cover: The Handmaid's Tale**. Penguin Shop.ca, 17 de julho de 2017. Disponível em:<https://penguinshop.ca/blogs/news/look-back-at-canadian-covers-for-the-handmaids-tale> Acesso em 5 de maio de 2021.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História & História Cultural**. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

RICOEUR, Paul. Tempo e narrativa - Tomo 1. Tradução de Constança Marcondes César. Campinas: Papyrus editora, 1994.

RUIZ, Rafael. **Novas formas de abordar o ensino de História**. In: KARNAL, Leandro (Org.). História na Sala de Aula – conceitos, práticas e propostas. São Paulo: Contexto, 2003.

SANTOS, Artur Firmino dos. **A Literatura no Ensino de História: 30 anos de pesquisas**. Orientador: Cristiano Biazzo Simon, UEL: 2008.

SANTOS, Regma Maria dos. **Crônica e história: realidade e ficção no discurso jornalístico**. In: SERPA, Elio Cantalicio; MENEZES, Marcos Antonio (org.). Escritas da história: narrativa, arte e nação. Uberlândia: EDUFU, 2007. p.6

SCHMIDT, Maria Auxiliadora. **A formação do professor de história e o cotidiano da sala de aula**. In: BITTENCOURT, Circe (org.). O saber histórico na sala de aula. São Paulo: Contexto, 1997.

SCHMIDT, Maria Auxiliadora; BARCA, Isabel; MARTINS, Estevão de Rezende (Org.). **Jörn Rüsen e o Ensino de História**. Curitiba: Editora da UFPR, 2011.

SERIFA, SEM. **[Resenha] O conto da aia**. 2018. Disponível em: <https://blogsemserifa.com/2018/02/05/resenha-o-conto-da-aia/>. Acesso em: 3/2023.

SIGNIFICADOS. **Distopia**. Disponível em: <https://www.significados.com.br/distopia/>. Acesso em 12/10/2021.

SOARES, Ingrid. **Bispo Edir Macedo diz que mulher não pode ter mais estudo que o marido**. Correio Brasiliense, 24/09/2019. Disponível em: [Bispo Edir Macedo diz que mulher não pode ter mais estudo que o marido](#) Acesso em: 2/12/2022.

STARLING, Heloisa M; LAGO, Miguel Bignotto Newton. **A Linguagem da Destruição: A Democracia Brasileira em Crise**. São Paulo. Companhia das Letras. 2022.

The 2019 Booker Prize. **The Booker Prizes**. Disponível em: <https://thebookerprizes.com/the-booker-library/prize-years/2019>. Acesso em: 8/2023.

THE GUARDIAN. **Trump election reframed tv version of The Handmaid's Tale says Margaret Atwood**. Disponível em: [Trump election reframed TV version of The Handmaid's Tale, says Atwood](#). Acesso em: 30/05/2023.

TRUJILLO, María Paulina Moreno. **El cuento de la criada, los símbolos y las mujeres en la narración distópica**. Escritos, Medellín: UPB, v. 24, n. 52, p. 185-211, jan./jun. de 2016. Disponível em: <http://www.scielo.org.co/pdf/esupb/v24n52/v24n52a09>. Acesso em 22 jan. 2020.

TOSTES, Angélica; COSTA; Rafael Rodrigues da; CORAZZ, Delana. Brasil de Fato. Artigo. **O fundamentalismo evangélico e a ameaça à democracia: desafios para o novo governo**. Disponível em:

<https://www.brasildefato.com.br/2023/01/13/artigo-o-fundamentalismo-evangelico-e-a-ameaca-a-democracia-desafios-para-o-novo-governo> . Acesso em 3/2024.

VARSAM, Maria. **Concrete Dystopia: Slavery and Its Others**. In: BACCOLINI, Raffaella; MOYLAN, Tom (orgs.). *Dark Horizons: Science Fiction and the Dystopian Imagination*. Nova York; Londres: Routledge, 2003.

VEJA. **Deputado do PSL apresenta projeto contra anticoncepcionais “abortivos”** | Desvendados. Disponível em:
<https://veja.abril.com.br/coluna/desvendados/deputado-do-psl-apresenta-projeto-contr-anticoncepcionais-abortivos> . Acesso em: 1/2024.